

88

**ANTONIO ANGELO MARTINS DA FONSECA**

**PODER, CRISE REGIONAL E NOVAS ESTRATÉGIAS  
DE DESENVOLVIMENTO: O CASO DE  
JACOBINA/BAHIA**

CONSULTA

BIBLIOTECA FFPJ
U N E B
R _____

**SALVADOR  
1995**

3.1.4 - As lideranças e o seminário ..... 63

*seção 4*

**4 - PERFIL DAS LIDERANÇAS** ..... 70

*seção 4.1*

4.1 - Quem são as lideranças? ..... 70

4.1.1 - Sexo ..... 70

4.1.2 - Estado civil ..... 71

4.1.3 - Escolaridade ..... 71

4.1.4 - Local de nascimento ..... 72

4.1.5 - Ocupação atual ..... 74

4.1.6 - Partido político ..... 76

*x*

**5 - LIDERANÇAS: ARTICULAÇÃO E AÇÃO NO ESPAÇO URBANO E REGIONAL** ..... 79

**6 - DESENVOLVIMENTO URBANO E REGIONAL DE JACOBINA PELA ÓTICA DAS LIDERANÇAS** ..... 95

### PARTE III - GÊNESE E EVOLUÇÃO DE JACOBINA E REGIÃO

**7 - GÊNESE E EVOLUÇÃO DE JACOBINA (1700 A 1779)** ..... 104

7.1 - Sítio e situação urbana de Jacobina ..... 110

7.2 - Evolução urbana de Jacobina (1700 a 1779) ..... 112

**8 - A DESCOBERTA DO DIAMANTE NA CHAPADA DIAMANTINA E A CRISE DA EXPLORAÇÃO DO OURO EM JACOBINA (1800 A 1889)** ..... 119

**9 - DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO E REAFIRMAÇÃO REGIONAL (1900 A 1939)** ..... 125

**10 - O DESENVOLVIMENTO DAS RODOVIAS E DE PROJETOS AGRÍCOLAS E O INÍCIO DA CRISE DE HEGEMONIA REGIONAL DE JACOBINA (1940 A 1969)** ..... 129

10.1 - Dinâmica da população ..... 133

10.2 - Evolução urbana de Jacobina (1940 a 1969) ..... 143

### PARTE IV - CRISE RECENTE, PODER E NOVAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO

**11 - EVOLUÇÃO RECENTE E CRISE REGIONAL (1970 ATÉ OS DIAS ATUAIS)** ..... 146

11.1 - Dinâmica populacional .....	150
11.2 - O crescimento dos centros urbanos .....	163
11.3 - Indicadores sócio-econômicos .....	165
11.4 - Evolução urbana de Jacobina - (1970 até os dias atuais) .....	167
<b>12 - CRISE REGIONAL DE JACOBINA: FANTASIA OU REALIDADE .....</b>	<b>171</b>
12.1 - Dimensão territorial .....	171
12.2 - Indicadores demográficos .....	173
12.3 - Indicadores demográficos dos centros urbanos .....	179
12.4 - Indicadores sócio-econômicos .....	181
<b>13 - À GUIZA DE CONCLUSÃO: PODER, REGIÃO E PLANEJAMENTO .....</b>	<b>186</b>
BIBLIOGRAFIA .....	194
ANEXOS .....	203

## Lista de figuras

1 - Região de Jacobina - 1995 .....	43
2 - A região de Jacobina no contexto do Estado da Bahia - 1995 .....	44
3 - Jacobina e sua articulação no sistema de transportes .....	45
4 - Município de Jacobina - 1995 .....	47
5 - Sítio urbano da cidade de Jacobina .....	49
6 - Expansão do povoamento - 1530 - 1699 .....	105
7 - Expansão do povoamento - 1530 - 1799 .....	108
8 - Expansão urbana de Jacobina - 1779 - 1995 .....	114
9 - Taxas geométricas de crescimento anual da população - 1940/50 .....	135
10 - Densidades Demográficas - 1960 .....	138
11 - Densidades demográficas rurais - 1960 .....	139
12 - Taxas de urbanização - 1940 .....	140
13 - Taxas geométricas de crescimento anual da população dos municípios - 1970/80 .....	153
14 - Taxas geométricas de crescimento anual da população dos municípios - 1980/91 .....	154
15 - Densidades demográficas - 1980 .....	156
16 - Densidades demográficas rurais - 1980 .....	157
17 - Densidades demográficas - 1991 .....	158
18 - Taxas de urbanização - 1980 .....	159
19 - Taxas de urbanização - 1991 .....	160
20 - Extensões territoriais de Jacobina, Juazeiro e Senhor do Bonfim - 1827 .....	172
21 - Extensões territoriais dos municípios de Irecê, Jacobina, Juazeiro e Senhor do Bonfim 1889-1940 .....	174
22 - Extensões territoriais dos municípios de Irecê, Jacobina, Juazeiro e Senhor do Bonfim 1991 .....	175
23 - Mudanças territoriais do município de Jacobina - 1827 - 1991 .....	176

**Lista de fotos**

1 - Igreja da Missão: fachada principal .....	115
2 - Igreja da Matriz .....	116
3 - Igreja da Conceição .....	118
4 - Casa de D. Virgiliana Velloso .....	123

## Lista de tabelas

1 - População total, área dos municípios e população dos distritos - 1991 .....	42
2 - Participação da população no seminário, segundo os eixos temáticos - 1991 .....	61
3 - Participação da população no seminário, segundo as áreas de atuação - 1991 .....	62
4 - Participação da população no seminário, segundo o local de origem - 1991 .....	62
5 - Teve conhecimento da realização do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Região ocorrido em 1991 na cidade de Jacobina? .....	64
6 - Recebeu convite para participar do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Região ocorrido em 1991 na cidade de Jacobina? .....	65
7 - Participou do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Região ocorrido em 1991 na cidade de Jacobina .....	65
8 - Opinião das lideranças da cidade de Jacobina e região sobre a realização do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Região em 1991 .....	66
9 - Sexo das lideranças entrevistadas - 1995 .....	70
10 - Estado civil das lideranças entrevistadas - 1995 .....	71
11 - Escolaridade das lideranças entrevistadas - 1995 .....	72
12 - Local de nascimento das lideranças entrevistadas - 1995 .....	73
13 - Ocupação das lideranças entrevistadas - 1995 .....	75
14 - Ocupação dos entrevistados segundo os poderes locais - 1995 .....	76
15 - Partido político dos entrevistados - 1995 .....	77
16 - Opinião das lideranças da cidade de Jacobina sobre os grupos mais influentes na cidade e na região - 1995 .....	79
17 - Opinião das lideranças entrevistadas da cidade de Jacobina sobre os poderes locais mais influentes em Jacobina e região - 1995 .....	80
18 - Opinião dos entrevistados da região sobre os poderes locais mais influentes na região 1995 .....	80
19 - Poderes locais mais influentes na região de Jacobina, segundo os entrevistados - 1995 .....	81
20 - Nível de interesse das lideranças da cidade de Jacobina para com os problemas da cidade e da região - 1995 .....	84
21 - Nível de interesse das lideranças da região para com os problemas da região - 1995 ..	84
22 - Opinião dos entrevistados de Jacobina sobre os poderes locais que mais lutam em prol de Jacobina e região - 1995 .....	85
23 - Opinião dos entrevistados da região sobre os poderes locais que mais lutam em prol da região - 1995 .....	85
24 - Opinião dos entrevistados de Jacobina sobre o nível de articulação das lideranças em prol dos interesses de Jacobina e região - 1995 .....	89
25 - Opinião dos entrevistados da região de Jacobina sobre o nível de articulação das lideranças em prol dos interesses da região - 1995 .....	90
26 - Opinião das lideranças sobre o nível de articulação entre o Governo Local de Jacobina e o Governo do Estado - 1995 .....	90
27 - Opinião das lideranças da região sobre o nível de articulação entre a região e o Governo do Estado da Bahia - 1995 .....	90
28 - Opinião das lideranças sobre o nível de articulação entre o Governo Local de Jacobina e o Governo Federal - 1995 .....	91
29 - Opinião das lideranças da região sobre o nível de articulação entre a região e o Governo Federal - 1995 .....	91
30 - Níveis de interesse demonstrados pelas esferas de Poder Municipal, Estadual e Federal, diante dos problemas de Jacobina - 1995 .....	95
31 - Níveis de interesse demonstrados pelas esferas de Poder Municipal, Estadual e	

Federal, diante dos problemas da região - 1995 .....	96
32 - Opinião das lideranças da cidade de Jacobina sobre o nível de desenvolvimento da referida cidade no contexto do Estado da Bahia - 1995 .....	97
33 - Opinião das lideranças sobre o nível de desenvolvimento da região de Jacobina no contexto do Estado da Bahia - 1995 .....	97
34 - Opinião das lideranças sobre o nível de importância da referida cidade para a região - 1995 .....	98
35 - Opinião das lideranças de Jacobina sobre a possível falta de recursos econômicos para o município - 1995 .....	98
36 - Opinião das lideranças da região sobre a possível falta de recursos - 1995 .....	98
37 - Opinião das lideranças de Jacobina quanto ao aproveitamento dos recursos públicos que chegam ao município - 1995 .....	99
38 - Opinião das lideranças quanto ao aproveitamento de recursos que chegam a região - 1995 .....	99
39 - Opinião das lideranças sobre a possível crise do município - 1995 .....	99
40 - Opinião das lideranças sobre a possível crise da região - 1995 .....	99
41 - Opinião das lideranças de Jacobina sobre os tipos de crise que afetam o município - 1995 .....	100
42 - Opinião das lideranças sobre os tipos de crise que afetam a região - 1995 .....	100
43 - Desempenho da cidade de Jacobina com relação ao oferecimento de serviços à população - 1995 .....	100
44 - População dos municípios da região de Jacobina - 1940 - 1970 .....	134
45 - Taxas geométricas de crescimento anual da população dos municípios de Jacobina - 1940 - 70 .....	134
46 - Densidades demográficas gerais e rurais dos municípios da região de Jacobina - 1960 - 70 .....	136
47 - Taxas de urbanização da região de Jacobina - 1940 - 1970 .....	137
48 - População dos centros urbanos da região de Jacobina - 1940 - 1970 .....	141
49 - Taxas geométricas de crescimento anual dos centros urbanos da região de Jacobina - 1940 - 1970 .....	142
50 - Participação da população economicamente ativa na população total e nos setores de atividades dos municípios da região de Jacobina - 1960 - 1970 .....	142
51 - População dos municípios da região de Jacobina - 1980 - 1991 .....	151
52 - Taxas geométricas de crescimento anual da população dos municípios de Jacobina - 1970 - 1991 .....	152
53 - Densidades demográficas gerais e rurais dos municípios da região de Jacobina - 1980 - 1991 .....	152
54 - Taxas de urbanização dos municípios da região de Jacobina - 1980 - 1991 .....	155
55 - População dos centros urbanos da região de Jacobina - 1980 - 1991 .....	164
56 - Taxas geométricas de crescimento anual dos centros urbanos da região de Jacobina - 1980 - 1991 .....	165
57 - Taxas de alfabetização da população dos municípios da região de Jacobina - 1970 - 1980 .....	166
58 - Domicílios com luz, instalação sanitária, água, fogão, rádio, geladeira e tv, segundo os municípios da região de Jacobina - 1970 - 1980 .....	167
59 - Áreas territoriais de Jacobina e de outros municípios do sertão Baiano - 1940 - 1991 .....	173
60 - População total, urbana e rural, taxas de urbanização e densidades demográficas de Jacobina e de outros municípios do Sertão Baiano - 1970 - 1991 .....	177
61 - Taxas geométricas de crescimento anual e densidades demográficas de Jacobina e de outros municípios do Sertão Baiano - 1970 - 1991 .....	178
62 - População total e taxas geométricas de crescimento anual do centro urbano de	

Jacobina e de outros do Sertão Baiano - 1970 - 1991 .....	180
63 - População economicamente ativa segundo os setores de atividades e pessoal ocupado na indústria e no comércio em Jacobina e outros municípios do Sertão Baiano - 1980	181
64 - Taxas de alfabetização da população de cinco anos ou mais que sabe ler e escrever, de Jacobina e outros municípios do sertão baiano - 1980 .....	182
65 - Domicílios com luz, água e telefone em Jacobina e em outros municípios do Sertão Baiano - 1980 - 1991 .....	182
66 - Financiamentos concedidos para o custeio segundo as atividades agrícola e pecuária em Jacobina e outros municípios do Sertão Baiano - 1987 - 1991 .....	183
67 - Arrecadação municipal, estadual e fundo de participação de Jacobina e de outros municípios do Sertão Baiano - 1983 - 1990 .....	184

**PARTE I**

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, TEÓRICOS E  
CONCEITUAIS**

## 1 - INTRODUÇÃO

Esta dissertação objetiva analisar a microrregião de Jacobina através das relações de poder travadas entre fatores sociais internos e externos à região. O ponto de partida foi a realização do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Região, realizado em 1991. Este evento é entendido aqui, como uma nova estratégia regional que objetiva aumentar o grau de horizontalidade interna e, ao mesmo tempo, equipar a região valorizando as potencialidades endógenas, com o intuito de obter maior competição externa.

Atualmente com o advento da globalização, tradicionais concepções de análise científica estão sendo revistas. A questão regional, no contexto específico da Geografia, é uma delas. Algumas posturas defendem que a análise regional, como via de entendimento da realidade nacional/internacional, deve ser adaptada ao novo momento histórico, caracterizado por intensos fluxos de diversas natureza que “comprimem o tempo e o espaço” e que deixam os lugares mais “próximos” uns dos outros. Neste sentido, as tradicionais concepções de região baseadas na individualidade/singularidade devem ceder espaço para as regiões particulares, articuladas a espaços mais abrangentes de caráter estadual, nacional e internacional.

Outras posturas vão mais além e propõem a substituição do conceito de região pelo de rede, vista como mais adaptada à globalização. As redes pressupõem articulações funcionais através de pontos de confluência de informações, capital, idéias, pessoas e mercadorias, oriundas de espaços próximos e longínquos.

Seja como for, entendemos que a globalidade não se expande de forma livre e espontânea. Forças contrárias localizadas resistem às propostas de homogeneização globalizante. Dessa forma, ao mesmo tempo que existem forças globais de homogeneização, existem as locais/regionais de preservação. Portanto, a região tem duas dimensões: uma externa, vinculada às articulações com espaços distantes; e outra interna, vinculada ao entorno,

ao cotidiano e à preservação . É neste contexto que percebemos a persistência e a importância da análise regional nos dias atuais.

Esta dissertação está dividida em quatro partes. Na primeira estão expostos os procedimentos teórico-conceituais e metodológicos que utilizamos; a segunda parte recebe o nome de Geopolítica Regional de Jacobina e é composta dos capítulos 2 a 6, onde são analisadas as práticas e articulações das lideranças no espaço urbano e regional; na terceira parte, que envolve os capítulos 7 a 10, são analisadas a gênese, evolução e características urbanas e regionais de Jacobina; e na quarta e última parte em forma de conclusão, é feita a síntese de todos os capítulos. Logo após vem a bibliografia e os anexos.

A idéia com esta organização é a de destacar outra forma de análise regional que não se inicia com regionalizações e periodizações, e sim com a questão central da dissertação, que no nosso caso foi a realização do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Região.

Assim, o texto fica mais solto e independente, possibilitando que os capítulos, mesmo integrados, possam ser lidos de forma isolada.

## 1.1 - Justificativa

A análise regional é de fundamental importância uma vez que permite apreender as particularidades das regiões e do seu papel em contextos territoriais mais amplos.

Como escrevem Becker & Egler (1993, p. 7), “o conceito de região está associado ao trabalho do Geógrafo. Deixa-lo de lado é abandonar um signo que identifica a Geografia perante as demais ciências. Repensar a região hoje significa uma maneira de contribuir para a superação da crise das ciências sociais e colaborar, enquanto Geógrafo, na compreensão das contradições e impasses do mundo contemporâneo”. A importância da região também é destacada por Raffestin (1993, p. 185) ao expor que “estamos certamente no limiar de uma nova era na qual a região, a que é vivida, desempenhará um papel cada vez maior para as diversas comunidades”. Sendo assim, a nossa pesquisa justifica-se na medida em que busca contribuir para o debate conceitual relacionado com a Geografia Regional a partir de uma situação concreta. Por outro lado, como as novas abordagens regionais valorizam, inclusive, o fato político, envolvendo agentes individuais e coletivos, as contradições exteriorizadas pelas relações de forças destes, a organização espacial expressa devido a ação dos agentes e as articulações políticas travadas nas diversas esferas territoriais, nada melhor que analisar a cidade de Jacobina e sua região, palco de um novo fenômeno geográfico que pode ser chamado, de *movimentos regionais* ou *novas estratégias regionais*, realizados sob a forma de ações socialmente articuladas, de caráter político e reivindicatório, atuando sobre um determinado recorte espacial. Destaca-se a realização de seminários para a discussão de problemas urbanos e regionais e de mecanismos para o encaminhamento de soluções. Portanto, nosso estudo visa contribuir com a Geografia através do entendimento dos problemas de pequenas regiões e do resgate, em nova roupagem, do fato regional, tão abandonado pelas últimas correntes do pensamento geográfico, particularmente no Brasil.

Por outro lado, esta dissertação justifica-se também, na medida que busca aumentar o acervo bibliográfico sobre a região de Jacobina, que ainda é escasso.

## **1.2 - Objetivos**

Analisar, na perspectiva da Geografia Regional, as relações mantidas entre o poder e a região através dos embates travados entre os atores sociais internos e externos, as contradições expressas destes embates, e a organização espacial resultante em Jacobina e sua região. Daremos destaque ao período que se estende de 1989 até os dias atuais devido ao nosso engajamento na organização do seminário de desenvolvimento de Jacobina.

Especificamente, o nosso objetivo é, a partir do seminário, buscar entender a crise da região de Jacobina. Através da realidade concreta - atual organização do espaço urbano-regional de Jacobina - buscaremos desvendar como vem ocorrendo as práticas políticas adotadas pelos atores sociais, a relação entre a luta pelo poder e a região, e a percepção da cidade e da região por parte das comunidades locais. Além disso, a definição de estratégias para a intervenção territorial.

## **1.3 - Metodologia**

### **1.3.1 - Objeto**

No contexto de pequenas regiões pode-se visualizar melhor o movimento, a articulação e a oposição entre os atores sociais, individuais e coletivos (Estado, comerciantes, industriais, sindicatos, políticos, dentre outros) em torno de interesses. Essas relações de forças mantidas entre os atores são essencialmente de poder, tendo formas singulares de exteriorização, na medida que apresentam aspirações e práticas específicas. Em virtude disso,

a organização territorial da região também será específica, apesar de não constar de autonomia perante o contexto geral. Diante disso, as questões que se colocam são:

- 1 - De que forma se dá a tomada de decisões dos agentes no contexto regional de Jacobina?
- 2 - O que representa a luta pelo poder na região de Jacobina para a crise que a referida região vem sofrendo?
- 3 - Como atuam os agentes individuais e coletivos de Jacobina nas esferas regionais e federais?
- 4 - O conflito estabelecido entre a região e a esfera estadual de poder, expressa através do seminário, representa as aspirações da sociedade regional como um todo?
- 5 - Como Jacobina é vista geograficamente pela comunidade da referida cidade?

### **1.3.2 - Hipóteses**

- 1 - A consciência regional da comunidade é que Jacobina é uma cidade atrasada em relação a outros centros próximos e com portes parecidos como Juazeiro, Senhor do Bonfim e Irecê.
- 2 - As atuações dos agentes no contexto regional são fracas e ocorrem representadas por indivíduos e por organizações, só no nível urbano.
- 3 - Os embates entre as diversas práticas políticas internas têm uma significativa influência no crise regional de Jacobina.
- 4 - A articulação entre os agentes internos e externos é contraditória e se dá por intermédio de órgãos estatais localizados na cidade e na região, e por decisões governamentais.
- 5 - O seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e região representou um esforço de articulação da comunidade para com os problemas da cidade e da região mas não teve desdobramentos relevantes em função das contradições do processo político interno.

### **1.3.3 - Variáveis**

As variáveis utilizadas nesta dissertação foram: a organização e atuação do poder político local, exercido pela Prefeitura e Câmara de Vereadores, diante dos problemas de Jacobina e da região; organização e atuação do poder econômico (empresários, industriais, comerciantes, produtores rurais etc) em Jacobina e região; organização e atuação das elites locais (profissionais liberais, clubes esportivos e recreativos, assalariados de classe média e outros) devido aos problemas da cidade e da região; e organização e atuação dos movimentos sociais (associações de bairro, sindicatos etc) no contexto dos problemas da cidade e da região. Além dessas também foram utilizadas a estrutura populacional (crescimento, densidades etc.); atividades comerciais (tipos e quantidade); atividades industriais (tipos e quantidade); atividades financeiras (tipos e quantidade); infra-estrutura urbana (água encanada, iluminação elétrica etc.), e arrecadação de impostos em Jacobina e região.

### **1.3.4 - Métodos de abordagens**

Para o desenvolvimento desta pesquisa nos guiamos através do método indutivo pleno, haja vista a nossa preocupação com as generalizações construídas a partir da análise do caso de Jacobina.

### **1.3.5 - Métodos de procedimentos**

Em etapas específicas de desta pesquisa, recorreremos aos seguintes métodos, Histórico, Comparativo e Estatístico-Cartográfico.

Através do método Histórico resgatamos processos ocorridos no passado visando um melhor entendimento do presente. Mesmo não fazendo um radical dissecamento

histórico da região de Jacobina, até porque não é o nosso principal objetivo, foi possível, com base nas entrevistas e nos poucos documentos existentes, definirmos uma periodização da evolução histórica, principalmente da cidade de Jacobina, visando um melhor entendimento do seu processo genético-evolutivo. Porém, como já foi frisado antes, o nosso maior interesse é com os dias atuais, particularmente pós 1989;

O método comparativo ajudou na visualização de Jacobina no contexto de outras regiões, possibilitando a ampliação de conceitos e, conseqüentemente, o estabelecimento de generalizações. A partir de indicadores sócio-econômicos recentes, inclusive a partir da década de oitenta, fizemos comparações entre Jacobina, Juazeiro, Irecê e Senhor do Bonfim. Isso possibilitou desvendar, pelo menos em parte, a real dimensão da crise regional de Jacobina e também das outras. As análises demonstraram a existência de uma crise conjuntural. Mas dentro dessa conjuntura determinadas cidades e regiões são mais eficientes e evoluídas que outras, como é o caso de Juazeiro com relação às outras três citadas anteriormente.

Através da Estatística e da Cartografia foram possíveis o manuseio e a reprodução dos dados através de mapas, tabelas e gráficos. Nesta pesquisa, terão um papel de destaque devido a própria natureza do objeto analisado.

#### **1.3.6 - Informações e dados**

Para obtenção das informações e dos dados recorreremos a fontes primárias e secundárias, qualitativas e quantitativas. A maior parte das informações foram encontradas no próprio local da pesquisa através de moradores mais antigos, de familiares e de documentos existentes nas instituições locais. Dessa forma, realizamos trabalhos de campo para registrar as informações, aplicamos entrevistas no lugar e na região à entidades de classe, políticos e

comerciantes. Por outro lado, utilizamos documentos (plantas da cidade, censos, relatórios e plano diretor) existentes nos órgãos públicos na região e em Salvador.

Quanto as definições da área de estudo e dos agentes sociais a serem entrevistados, tomamos como base inicial, a metodologia utilizada pela ACLJA - Associação Comercial e Industrial de Jacobina - para a organização e realização do Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Região, uma vez que as diretrizes utilizadas atrelam-se com os objetivos desta pesquisa.

A princípio, visávamos definir a nossa área de estudo a partir da lista de presença e de convidados para o seminário. Como muitos participantes não assinaram a lista de presença, que inclusive destacava o nome, profissão e o local de origem, o número de pessoas da região foi muito pouco. Somente Ourolândia, Caem e Caldeirão Grande mandaram representantes. Daí a área de estudo ficava muito longe da realidade. Não dando certo esta proposta, partimos para a lista de convidados, posto que destacava agentes convidados da cidade e da região. Só que a região definida por esta lista era muito extensa, envolvendo a própria cidade de Salvador, ficando assim, muito longe dos nossos objetivos. Para sair do impasse, juntamos as listas de presença de convidados e de participantes do seminário, entrevistamos membros da ACLJA e, aliados a nossa vivência na cidade de Jacobina, definimos a região em 16 municípios (Fig. 1, tab. 1). Hoje, após o término da pesquisa, reconhecemos que a região de Jacobina é menor, posto que Morro do Chapéu e São José do Jacuípe, apesar de manterem vínculos com Jacobina, os fluxos não são muito intensos. Dessa forma, a região seria composta por 14 municípios. Mesmo assim, em virtude dos dados levantados e das análises efetuadas, resolvemos manter os 16, mas destacando as possíveis rupturas.

Quanto à aplicação de entrevistas, também seguimos a metodologia da ACLJA, principalmente no que se refere aos critérios definidos para o envio dos convites aos agentes. Os convites foram divididos em dois grupos: os endereçados ao setor privado (clubes

serviços, sindicatos, associações de classes e outros) e os endereçados ao setor público (Prefeitura, Câmara de Vereadores, Igrejas, escolas, Faculdade e outros). Para Jacobina, segundo as Atas da ACLJA, os convites deveriam ir para todos os segmentos organizados públicos e privados. Para as outras cidades da região, os convites foram enviados, segundo os membros da ACLJA, para as Prefeituras, Câmaras de Vereadores e Associações Comerciais.

A partir destes critérios, agrupamos estes setores por grupos de lideranças (ver capítulo 2), tomando como base o *questionário de pesquisa de liderança* elaborado pela CONDER - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador - e aplicado na própria Região Metropolitana, em 1986. Mais do que isto, o trabalho da CONDER foi a base que utilizamos para elaboração e aplicação das entrevistas, que tem os resultados analisados no contexto desta dissertação. Este caminho metodológico foi o mais coerente que encontramos para no final, agruparmos todas as lideranças no contexto dos *poderes locais* - econômico, político e social - com base em Daniel (1988). Os resultados são analisados na primeira parte desta pesquisa.

Contudo, no momento da aplicação das entrevistas, que durou todo o mês de maio de 1995, as dificuldades começaram a surgir. Em nível de Jacobina, as lideranças que exercem cargo público são, na maioria das vezes, nomeados pelo Governador do Estado, através de conchavos políticos com as lideranças locais. Dessa forma, os resultados não estavam sendo satisfatórios para nós, pois as respostas seguiam sempre a linha política do governo. A partir daí mudamos os critérios: inserimos algumas associações de bairro organizadas de Jacobina: Grotinha, Bananeira, Félix Tomás, Jacobina 2 e 3, Nazaré e Mutirão Zuleide Pires. Além desses, demos destaque também aos sindicatos, principalmente os dos mineiros, bancários, comerciários, de trabalhadores rurais e dos professores. Priorizamos estas categorias, exatamente porque não estavam presentes no seminário organizado pelos empresários. Ao todo foram aplicadas 52 entrevistas em Jacobina, inclusive nos distritos de

Caatinga do Moura e Junco. Nos distritos de Itapeipu e Itaitu não foi possível aplicar entrevistas devido às dificuldades de acesso e pelo espaço curto de tempo.

Na região, as dificuldades foram maiores. Não pelo acesso, mas pela ausência das lideranças nas cidades. O propósito era o de entrevistar os Prefeitos, Presidentes das Câmaras de Vereadores e os Presidentes das Associações comerciais dos municípios. Portanto, quando o Prefeito não estava, procurávamos o Vice. Quando este não estava, procurávamos o Presidente da Câmara. Também não estando, entrevistávamos os atuais e ex-vereadores. Por incrível que pareça, tiveram locais que só tinha de político, no momento da entrevista, um vereador. Assim mesmo tivemos de procura-lo pela cidade para realizar a conversa. Para não perder a viagem nem o tempo, entrevistamos ex-políticos e candidatos concorrentes da oposição. No que se refere às associações comerciais, as dificuldades também foram grandes posto que somente em Miguel Calmon, Morro do Chapéu e Capim Grosso existiam as referidas associações, segundo as informações locais. Nestes casos, procurávamos antigos comerciantes da cidade para realizar as entrevistas que, mesmo com as dificuldades, conseguimos aplicar 43. No total foram 95 entrevistas (ver anexo).

Entendemos que o universo entrevistado supriu satisfatoriamente os nossos objetivos. Os resultados estão interpretados e analisados principalmente na primeira parte desta pesquisa, que envolve 5 capítulos.

#### **1.4 - Revisão teórico-conceitual**

Os temas região e regionalismo já foram largamente analisados nos meios acadêmicos envolvendo profissionais de diversas áreas do conhecimento científico e por várias matizes conceituais e metodológicas. Na Geografia, já ocupou lugar central nas análises. Apesar disso, nota-se um certo desprezo para com os temas nos últimos anos. A causa primeira

regional que, malgrado suas implicações políticas-ideológicas, enfoca e valoriza a dimensão regional (Martin, 1994). O fato é que o caminho percorrido pelos temas em questão são tortuosos, com uma pluralidade de enfoques. Cabe aqui destacar as vias de análise regional que prevaleceram no âmbito acadêmico, mais particularmente no contexto da Geografia.

#### 1.4.1 - A região singular

A força dos estudos regionais no âmbito da Geografia inicia-se a partir do final do Século XIX, principalmente na França e na Alemanha. Desde então, o tema passa a interessar também outros estudiosos de países como Inglaterra e Estados Unidos e os enfoques vão se diversificando cada dia mais. Na Alemanha, o conceito de destaque neste período, foi a de *região natural*, divulgado por Ratzel. Era "entendida como uma parte da superfície terrestre, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizada pela uniformidade resultante da combinação ou integração em áreas dos elementos da natureza" (Corrêa, 1986, p. 23). Em virtude de estar vinculada à concepção determinista, foi alvo de muitas críticas por parte da corrente possibilista francesa encabeçada por Vidal de La Blache que negava o determinismo. La Blache partia do princípio que a natureza oferece possibilidades para o homem, através de sua cultura e técnicas, interfira na natureza elaborando uma região geográfica singular (Corrêa, 1986). Apesar das críticas, não ocorreram avanços significativos em termos teóricos e conceituais por parte da geografia Lablachiana. Inclusive muitas posturas eram comum às duas, como a base empirista, positivista e indutiva. O que se buscava era a diferenciação de áreas através da interrelação de fenômenos geográficos. O papel do Geógrafo era o de reconhecimento, descrição e explicação de fenômenos naturais e humanos, que se combinam e dão singularidade ao lugar.

No Brasil, o conceito de região natural foi divulgado por Delgado de Carvalho e utilizado em 1940 pelo IBGE como o primeiro esforço de sistematização de uma divisão regional. Foram definidas grandes regiões naturais: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste. Estas foram divididas em regiões, que por sua vez, foram subdivididas em zonas fisiográficas, com características sócio-econômicas, aproximando da concepção lablachiana de região geográfica. Outras concepções foram elaboradas e incorporadas aos estudos geográficos. Destacam-se Hettner, Carl Sauer e Hartshorne. Este último desenvolveu estudos regionais nos Estados Unidos onde o princípio básico era o método e não o objeto, como apregoavam os outros autores. O importante era o estudo de áreas, através da interrelação de fenômenos heterogêneos. A região era vista como área de extensão de uma paisagem.

#### 1.4.2 - Região como classe de áreas

A partir da década de 50, os estudos regionais sofrem mudanças consideráveis devido à revolução teórico-quantitativa. A nova concepção que emerge apoia-se no positivismo lógico e na dedução. A região deixa de ser um objeto concreto de análise para se transformar numa criação intelectual, definida a partir de procedimentos classificatórios, originários das ciências naturais. A região é uma *classe de área*, definida estatisticamente como sendo "um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares" (Corrêa, 1986, p. 32). Ao contrário das anteriores, supera a postura excepcionalista e dá destaque à explicação de padrões espaciais. O contexto de surgimento está vinculado à expansão do capitalismo monopolista pelo mundo que, por sua vez, estimulou o estudo de padrões espaciais via teorias de localização e de desenvolvimento regional. Destacam-se, com base em Silva (1976), a Teoria Centro-Periferia de J. Friedman de 1969, Teoria dos Pólos de Crescimento, elaborada por François Perroux em 1950, Teoria da Propagação das Ondas de Inovação, de

Hagerstrand, 1953, além de outras elaboradas em períodos precedentes que também foram muito utilizadas, como a Teoria do Estado Isolado proposta por von Thünen em 1826, Localização Industrial de Alfred Weber 1909, e a Teoria das Localidades Centrais de Walter Christaller de 1933. Todas essas teorias foram utilizadas e ainda são básicas para Geografia Teórica-Quantitativa que, aliada ao uso das técnicas estatísticas, transformou-se numa sofisticada área de pesquisa e de planejamento regional.

Estas concepções quantitativistas foram muito difundidas pelos Geógrafos anglo-saxônicos, - nos Estados Unidos e na Europa, como Chorley, Hagget, Grigg, Dickson, Harvey etc. Com base em Duarte (1980), no Brasil muitos estudos foram e ainda são desenvolvidos nesta perspectiva, como o de Ceron (1977), sobre classificações espaciais e regionalização; Faissol (1973), definindo propostas de análise regional para fins de planejamento; e Geiger (1964) sobre a organização regional do Brasil. Temos também os trabalhos de Diniz (1987, 1989), sobre os subsistemas urbanos-regionais de Aracaju, e de Crato/Juazeiro do Norte. O espaço regional da Bahia, em particular, vem sendo profundamente analisado dentro desta concepção. Os destaques são para os trabalhos de (Silva; Silva; Leão, 1985, 1987, 1989), sobre o subsistema urbano-regional de Feira de Santana, o subsistema urbano-regional de Ilhéus-Itabuna e sobre a urbanização e metropolização na Bahia, respectivamente. Destaca-se também (Silva & Silva, 1991) com o livro "Cidade e Região no Estado da Bahia". São trabalhos densos, com forte teor analítico, consubstanciados na quantificação, teoria geral dos sistemas e nas teorias de localização e de desenvolvimento regional. Apesar da importância desses estudos, percebe-se um aprisionamento da escala local, em virtude da abrangência das teorias e dos modelos adotados. A nossa área de pesquisa, no caso a microrregião de Jacobina, é subsumida na análise através da sua posição hierárquica no contexto do Estado da Bahia, mas não recebe uma atenção detalhada.

A Geografia que emergiu a partir de 1970 redirecionou as bases teóricas e conceituais referentes a questão regional. O ponto de partida foi a ferrenha crítica às posturas anteriores, em virtude da força empirista e do positivismo. As novas perspectivas de análise regional são "fundamentadas no materialismo histórico e dialético, como também nas Geografias humanista e cultural" (Corrêa, 1994, p. 216), passando a interessar também profissionais de outras áreas que enriqueceram ainda mais a discussão em torno do tema. Com base em Anne Gilbert citada por Corrêa (1994) três abrangentes conceitos de região prevalecem nos últimos anos: região como referência de identificação psicológica, tomando como base as teorias behavioristas. *É a região de vivência*; região como resultante de articulações e embates entre atores sociais, na busca de poder e dominação. É o que chamamos de *região do poder*, região como resultante da dinâmica acumulação capitalista, desigual e combinada. Chamamos de *região do capital*. Além desses, destacamos também, a região como base de reivindicações de específicas classes sociais. São as *novas realidades regionais*.

#### 1.4.3 - Região de vivência

É uma via alternativa para o entendimento da questão regional onde se busca a identificação do indivíduo/classe/lugar através da dimensão psicológica alicerçada nas teorias behavioristas. O importante desta feita é a valorização subjetiva da região, uma vez que o homem a vivencia e percebe distintamente de outros, devido a sua percepção. A consciência, valores e atitudes frente ao seu espaço circundante expressam representações absorvidas no cotidiano, chegando a criar um elo de afetividade entre o homem e o lugar (Tuan, 1980). Portanto, a região é onde o homem está integrado, ambientado. É onde expressa seus desejos, aspirações e afeições, e emite juízos. É o universo do indivíduo visto enquanto espaço de vivência (Fremont, 1980; Tuan, 1980, 1983). Mesmo assim, para Fremont (1980, p.17) este

"espaço vivido", em toda sua espessura e complexidade, aparece assim como revelador das realidades regionais; estas têm certamente componentes administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, mas também, e mais profundamente, psicológicos". A região seria, dessa forma, resultante de múltiplos processos, onde a dimensão psicológica teria um papel relevante.

Apesar de não trilharmos nossas análises nesta direção, um forte substrato psicológico se faz presente, na medida que foi a nossa vivência em Jacobina desde criança que fez com que se exteriorizasse, nos dias atuais, um desejo de estudá-la para melhor compreendê-la, utilizando inclusive, a nossa percepção como requisito básico para definição da região de Jacobina. Além disso, as entrevistas aplicadas tiveram como intuito apreender a percepção das lideranças com relação a realidade política, urbana e regional de Jacobina.

Apesar da importância destas posturas e das polêmicas surgidas - em torno da diversidade de concepções subjetivas que envolvem a percepção espacial - (Costa, 1988), mais pesquisas devem ser estimuladas visando contribuir com a temática regional.

#### **1.4.4 - Região do capital**

Ancorada num rígido edifício teórico-metodológico de base materialista dialética, a região passa a ser analisada no contexto da totalidade. Distintamente das anteriores, a região é entendida como clivagens sócio-econômicas materializadas devido a dinâmica da acumulação capitalista desigual e combinada. Isso não significa consenso interno em torno do tema. As divergências envolvem autores nacionais e estrangeiros, de variadas disciplinas acadêmicas. Para Lipietz (1988), a região é resultante da articulação de modos de produção diferentes que faz gerar espaços desiguais. Esta concepção é aplicada empiricamente para a análise da agricultura francesa, comprovando que lá convivem, simultaneamente dois modos de produção: um dominante, que é a agricultura capitalista; e o outro, a pequena produção agrícola mercantil. Já Oliveira (1981) na sua análise sobre a realidade nordestina, vê

a região como fruto das diferentes formas pelas quais o capitalismo se reproduz. Para ele, o dinâmico desenvolvimento capitalista provocaria a homogeneização do espaço e, conseqüentemente, o desaparecimento da região. Dessa forma, a região estaria com os seus dias contados, deixando de ser objeto de análise relevante. Hoje, no entanto, diante de uma economia globalizada percebe-se a persistência das clivagens espaciais, forçando-nos a decodificar as noções pré-concebidas de homogeneização do espaço. De qualquer forma, o autor avança no tema, inserindo também a dimensão política na análise.

A região é entendida também como "resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas" (Corrêa, 1986, p. 45). No contexto desta região são travados embates entre as elites regionais e o capital externo podendo gerar a desintegração regional. Em outras palavras, a região seria uma totalidade menor onde se combinam o geral - o modo dominante de produção, o capitalismo, elemento uniformizador - e o particular - as determinações já afetivadas, elementos de diferenciação (Corrêa, 1986).

Por outro lado, a região pode ser vista como uma totalidade social (Duarte, 1980). Para tanto, o autor avança além das abordagens infra-estruturais mostradas anteriormente para centrar-se nas dimensões superestruturais, buscando a interação entre os dois níveis. A região seria "uma dimensão espacial das especificidades sociais em uma totalidade espaço-social" (p.25). As concepções elaboradas pelo autor foram aplicadas, em parte, na região cacauera da Bahia (Diniz & Duarte, 1983). É um trabalho de forte conteúdo teórico-metodológico que contribui com o debate interno sobre a questão regional, ao mesmo tempo que ajuda a entender a complexidade da região cacauera da Bahia.

Outro autor que pode ser inserido nesta linha, é Costa (1988) que, a partir das contribuições anteriores, inclusive as de Duarte (1980), busca explicar a identidade regional

de Rio Grande do Sul através do latifúndio. As três dimensões da sociedade - ideológica, política e econômica - estão presentes no trabalho do autor, evidentes a partir do seu conceito de região "como um espaço (não institucionalizado como Estado-nação) de identidade ideológico-cultural e representatividade política, articuladas em função de interesses específicos, geralmente econômicos, por uma fração ou bloco "regional" de classe que nele reconhece sua base territorial de reprodução" (Costa, 1988, p. 25). É também um trabalho relevante para quem se debruça para explicar a complexidade regional. Apesar de não assumirmos inteiramente esta concepção, a dimensão política assim como a as novas realidades regionais serão enfatizadas de forma prioritária nesta pesquisa.

#### 1.4.5 - Região do poder

Dessa feita, o privilégio é para a postura política, vista como uma dimensão omitida pelas análises regionais, mas que representa relevante papel na dinâmica das regiões. Dentro desta perspectiva, inclusive adotando a visão sistêmica para analisar a interação entre forças políticas e espaço regional, destaca-se o nome de (Brito, 1986, p.33). Segundo o referido autor, essas forças políticas, expressas a partir de agentes individuais e coletivos, "constituem, ao mesmo tempo, as fontes e os agentes da dinâmica do poder". E nesse jogo de interações, a proporção que as forças políticas influenciam na região, também são influenciados por ela.

Mesmo apresentando uma visão mais genérica, o trabalho de Claval (1979) é indispensável para quem se interessa pelo tema da análise política da região. O autor estuda, historicamente, as raízes e dimensões do poder puro e complexo, desde as sociedades arcaicas até os dias atuais, na tentativa de melhor compreender a arquitetura espacial das sociedades.

Mesmo assim, tudo indica que as maiores contribuições recentes sobre o tema foram elaboradas por Claude Raffestin e Yves Lacoste. O poder, para estes autores, não é

inerente somente ao Estado, mas também a grupos individuais e coletivos. O poder é multifacetado e multivariado. Inclusive Raffestin propõe chamar, ao invés de Geografia Política, Geografia do Poder ou dos Poderes, onde o importante é apreender as formas de manifestação de poder inerentes aos atores sociais e suas intervenções nas variadas dimensões espaciais. Para Raffestin (1993), os atores interferem no espaço através de representações simbólicas que, projetadas no espaço, expressam suas relações de poder. Dessa forma, a análise do poder - dentro de uma problemática relacional - explicaria as diferenças regionais. Também é Yves Lacoste que busca o entendimento da dinâmica interna das formações territoriais a partir do fato político. É o que ele chama de Geopolítica interna. A proposta é explicar as relações de poder entre os atores sociais (individuais e coletivos) existentes no lugar e na região, suas contradições, como se articulam entre os diversos níveis territoriais (local, regional e nacional) e quais os mosaicos territoriais expressos a partir dessas relações. Como escreve Costa (1992, p.335), "o que se considera essencial, desta feita, é o modo pelo qual as organizações e os agentes políticos, nas escalas regionais e locais, definem, com suas práticas políticas (ao nível das instituições ou não) os mosaicos políticos-territoriais diversificados numa dada formação nacional". Em outros termos, no momento em que o autor se utiliza da Geopolítica Interna, está destacando o valor estratégico da região no contexto do Estado-nação.

A proposta de resgate da Geopolítica defendida por Becker (1988) aproxima-se bastante das concepções anteriores, inclusive no que se refere às dimensões do poder, pois as investigações ultrapassam a unidimensionalidade do poder para centrar-se no "poder multidimensional, derivado de múltiplas fontes, inerentes a todos os atores, relação social presente em todos os níveis espaciais" (Becker, 1988, p. 100). A autora aproxima-se bastante da concepção de Lacoste ao afirmar mais adiante que os referidos níveis espaciais seriam "expressões de uma prática espacial coletiva fundamentada na convergência de interesses,

ainda que conflitiva e momentânea, e cuja articulação com os demais níveis se faz através de conflitos e de sua superação, isto é, através das relações de poder" (op. cit. p. 109).

Contudo, é Daniel, (1988) que sistematiza e dá concretude aos referidos atores sociais no bojo das relações de poder. Para ele, a nível municipal, o poder pode ser dividido em *Poder Político Local* - exercido na esfera da administração e da Câmara Municipal; *Poder Econômico* - exercido por setores capitalistas envolvendo empresários de transportes coletivos, industriais, latifundiários, comerciantes, construtores etc; *Poder Social*, que é dividido em *Elites Locais* - de composição heterogênea, formada por profissionais liberais, clubes esportivos e recreativos, assalariados de classe média etc; e *Movimentos Sociais* - associações de bairros, sindicatos de trabalhadores etc. Estas formas de poder podem extrapolar o limite municipal do lugar e se articular com outros poderes de outros municípios, gerando um poder regional, atuando em prol de interesses específicos. É Pacheco (1992) quem analisa uma forma de poder regional no Estado de São Paulo, onde representantes de vários segmentos sociais se articularam a nível local/regional, objetivando formular e suplementar propostas vinculadas ao desenvolvimento sócio-econômico da grande região do ABC Paulista. Trilhando por outro caminho, Vainer (1993) chama a atenção para as novas estratégias territoriais desenvolvidas por atores sociais em várias partes do Brasil, no bojo da nova perspectiva globalizada/fragmentada que o mundo vem passando. O autor destaca dois conjuntos de estratégias: no primeiro relata as ações segregacionistas, onde o acesso à cidade é proibido para migrantes pobres, como as que vem ocorrendo em Gramado, Bento Gonçalves, Novo Hamburgo (RS), Uberaba e Uberlândia (MG) e na maioria das cidades que compõem a Califórnia Paulista; no segundo, enfatiza os movimentos populares com forte identidade territorial, como o movimento dos seringueiros no Acre e dos atingidos por implantação de barragens.

Na Bahia é Teixeira (1994) que faz um mapeamento de diversas iniciativas envolvendo atores sociais locais e regionais, que ele chama de ações coletivas, ocorridas nos municípios baianos como Itabuna, Paulo Afonso, Juazeiro, e Vitória da Conquista. Acrescentamos também a realização do seminário de desenvolvimento sócio-econômico de Jacobina e microrregião - inclusive não considerado pelo autor, mas que foi bastante divulgado principalmente no Jornal A Tarde - ocorrido em 1991 na cidade de Jacobina, organizado pelos segmentos dominantes da sociedade local. Participaram do evento, empresários, trabalhadores, intelectuais e políticos (Brandão & Cardoso, 1993). Os objetivos foram os de discutir e elaborar propostas alternativas visando o desenvolvimento regional e, ao mesmo tempo, aumentar a coesão interna entre os atores sociais da cidade e da região. Todos esses eventos, no nosso entender, podem ser agrupados naquilo que Vainer (1993) chamou de novas realidades regionais. E é neste contexto que se insere esta pesquisa, ou seja, buscar um melhor entendimento da região de Jacobina via articulação de poderes locais/regionais, expressa através do seminário onde, ao mesmo tempo que se buscou o fortalecimento interno, deixou marcas evidentes do valor estratégico da região enquanto espaço de lutas.

#### **1.4.6 - As novas estratégias regionais**

Mesmo ainda apresentando pouca visibilidade para análise, é possível notar no contexto das novas estratégias regionais o envolvimento de vários segmentos sociais, de base urbana e regional, ainda pouco pesquisados. Os estudos mais tradicionais, neste contexto, referem-se ao regionalismo. Mesmo adotando a expressão regional ao invés de região - o que não subordina a dimensão espacial à social - Markusen (1981, p.83) chama a atenção que regionalismo é "uma reivindicação política de um grupo de pessoas identificado territorialmente contra um ou mais mecanismos de Estado". Nota-se neste conceito que o

regionalismo está totalmente vinculado à existência do Estado. No Brasil, muitos dos estudos regionalistas estão voltados para explicar a problemática nordestina. Merece destaque o trabalho de Silveira (1984) que, empiricamente, procurou explicação para a identidade regional do Nordeste através da forma pela qual o poder vem sendo organizado historicamente dentro de uma dimensão espacial, a partir da segunda metade do Século XIX. Outra obra importante é a de Penna (1992) que, a partir da análise do material jornalístico no período que precedeu a eleição de Luiza Erundina para a Prefeitura de São Paulo, em 1988, demonstrou a forma pela qual a "identidade regional é utilizada no jogo de atribuições de identidades" (Penna, 1992, p. 15) e os vínculos com as relações de poder. Já o trabalho de Carvalho (1987), prioriza os discursos e práticas dos órgãos vinculados ao planejamento regional no período da ditadura brasileira, em torno do imaginário elaborado com o nome de questão regional do Nordeste.

Por fim, o trabalho de Castro (1992), onde é verificado o papel dos discursos das elites conservadoras nordestinas para construção do imaginário regional. É enfatizado a força da dimensão política na estruturação das clivagens sócio-econômicas a nível espacial, visto que a região é território da ação política e, como tal, palco de manifestações regionalistas. Este é entendido como "a mobilização política de grupos dominantes numa região em defesa de interesses específicos frente a outros grupos dominantes de outras regiões ou do próprio Estado" (Castro, 1992, p. 40). Mais adiante a autora afirma que "o regionalismo supõe ainda identificação e coesão interna e competição externa para defesa de padrões, preservação ou obtenção de condições mais vantajosas (op. cit., p. 165). Percebe-se uma evolução desses conceitos com relação ao defendido por Markusen (1981), uma vez que além do Estado como alvo de resistências, aparece também classes dominantes de outras regiões e a necessidade de fortalecimento interno para ter maior poder de competição externa.

Entre as concepções regionalistas expressas nessas obras e as novas estratégias regionais é possível destacar semelhanças e diferenças. Enquanto semelhanças, nota-se a referência territorial usada como base para a mobilização, geralmente pelos segmentos dominantes da sociedade. No nosso objeto de pesquisa, a base territorial foi a microrregião de Jacobina, composta por 16 municípios (Fig. 1), onde a elite dominante, encabeçada pela ACLJA - Associação Comercial e Industrial de Jacobina - ficou responsável pela mobilização em forma de seminário. O discurso foi em torno da crise que a região vem passando nos últimos anos, perdendo a sua posição em importância para outras regiões como as de Irecê, Senhor do Bonfim e Juazeiro. Outra semelhança refere-se aos alvos a serem atingidos pela mobilização, que geralmente são o Estado e os grupos dominantes de outras regiões. Esta realidade também estava evidente na mobilização de Jacobina.

Enquanto primeira diferença, observa-se empiricamente, com base no exemplo de Jacobina, que apesar do grande alvo ser o Estado - em virtude da política discriminatória onde regiões são beneficiadas em detrimento de outras - as novas estratégias regionais apontam para medidas alternativas de desenvolvimento através da valorização das potencialidades endógenas da região, como os recursos naturais e paisagísticos, culturais e econômicos. Ou seja, a proposta é o de fortalecimento da coesão interna, envolvendo os municípios da região, em torno das potencialidades endógenas e de interesses específicos de grupos - geralmente interesses da classe dominante que enculca ideologicamente na mente da comunidade, um sentimento regional de abandono e de crise. Seria a dimensão horizontal da estratégia, consubstanciada no sentimento de crise e de solidariedade. Outra diferença diz respeito à dimensão vertical das novas estratégias regionais, ou seja, ao mesmo tempo que se fortalece horizontalmente - implantação de medidas alternativas de desenvolvimento que deixe o espaço equipado e melhorado - as fronteiras são abertas atrativamente para o capital externo penetrar. Dessa forma, a verticalidade estaria vinculada às forças externas de hegemonia globalizante;

enquanto que a horizontalidade seria, a um só tempo, barreira ou porta de entrada para a verticalidade. Neste contexto, Harvey (1992, p. 247) escreve que "o livre fluxo de capital na superfície terrestre, por exemplo, põe uma forte ênfase nas qualidades particulares dos espaços para os quais o capital pode ser atraído. O encolhimento do espaço, que faz diversas comunidades do globo competirem entre si, implica estratégias competitivas localizadas e um sentido ampliado de consciência daquilo que torna um lugar especial e lhe dá vantagem competitiva. Essa espécie de reação confia muito mais na identificação do lugar, na construção e indicação de suas qualidades ímpares num mundo cada vez mais homogêneo, fragmentado". Por isso entendemos que o evento ocorrido em Jacobina é uma dimensão localizada de uma tendência globalizante.

Estão lançadas assim, os embasamentos teóricos-conceituais pelos quais nos guiaremos para escrever a pesquisa.

#### **1.4.7 - Definindo pressupostos**

Foi possível identificar na contextualização anterior, a pluralidade conceitual que hoje ronda a categoria região. Antes de desconsiderá-la como relevante categoria analítica num processo radical de decodificação, vale redefini-la adaptando-a ao novo momento globalizado/fragmentado.

Entendemos que a globalização, através de sua força avassaladora de tudo querer integrar e homogeneizar, reforça o seu contrário/complemento, as particularidades (Santos, 1994), que deixa o conceito de região mais rico e atualizado (Corrêa, 1994). Longe das tradicionais concepções de singularidade/individualidade, a região na globalidade/fragmento é, ao mesmo tempo, horizontal e vertical. Enquanto *horizontalidade*, a região caracteriza-se pelos "domínios da contiguidade, daqueles lugares vizinhos reunidos por

uma contiguidade territorial " (Santos, 1994, p. 18). É o lugar da vivência, do cotidiano e da solidariedade que, como já escrevemos antes, pode ser uma barreira ou porta de entrada para o capital. Enquanto *verticalidade*, a região seria "formada por pontos distantes uns dos outros" (Santos, 1994, p. 18), mas ligados através de múltiplas relações de caráter econômico, cultural, político, de informação e de poder, viabilizadas pela materialização de redes, as mais diversas - redes urbanas, de informações, de comunicações etc. Aí se insere a estratégia regional adotada em Jacobina onde, ao mesmo tempo que buscou a horizontalidade, tentou se fortalecer para melhor se situar no contexto da verticalidade. Como dimensão variável de análise, priorizaremos as relações de poder ocorridas entre os vários atores sociais no contexto urbano e regional, dando destaque para a cidade de Jacobina em vista do comando econômico que exerce na região e por ter sido palco da organização e realização do seminário de desenvolvimento. *A região é entendida aqui como espaço particularizado e articulado por densos fluxos econômicos, demográficos, políticos, de informações e de poder. As particularidades (horizontalidade) expressam vivência, sentimento, solidariedade, mas também expressa conflitos entre agentes internos e entre esses e os externos. A articulação (vertical) expressa um encadeamento de relações espaciais no nível estadual, nacional e internacional. O grau de particularidade/articulação é quem vai gerar novas manifestações de caráter regional.*

Por *novas estratégias regionais* entendemos como sendo ações socialmente articuladas em torno de interesses específicos - geralmente da classe dominante - de caráter político e reivindicatório, atuando sobre um determinado recorte espacial.

Os conceitos de poder e liderança, por sua vez, são rodeados de controvérsias. Sem querer prolongarmos o debate assumiremos aqui o entendimento de poder como sendo a "capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos (Fischer, 1993, p. 12) o que vai gerar comportamentos e relações específicos para os atores que exercem ou que são submetidos a este poder". O poder é virtual e pressupõe relações. É multifacetado e multivariado e está

presente em todo lugar. Vem de baixo e pressupõe intencionalidade (Raffestin, 1993). Por outro lado, o conceito de *liderança* aqui utilizado, com base no Dicionário de Política, 1986, refere-se ao indivíduo que no interior de uma instituição ou não ocupa uma posição de poder de decisão, desenvolvendo com isso, seu estilo próprio

Definidos os pressupostos teóricos-conceituais e metodológicos, nos centraremos, no próximo capítulo, na apresentação da cidade de Jacobina e região.

**PARTE II**

**A GEOPOLÍTICA REGIONAL  
DE  
JACOBINA**

## 2 - O QUE É A REGIÃO DE JACOBINA?

As finalidades deste capítulo são de apresentar introdutoriamente a região de Jacobina ao leitor e, ao mesmo tempo, expor indagações que serão "fios condutores" para a realização desta dissertação.

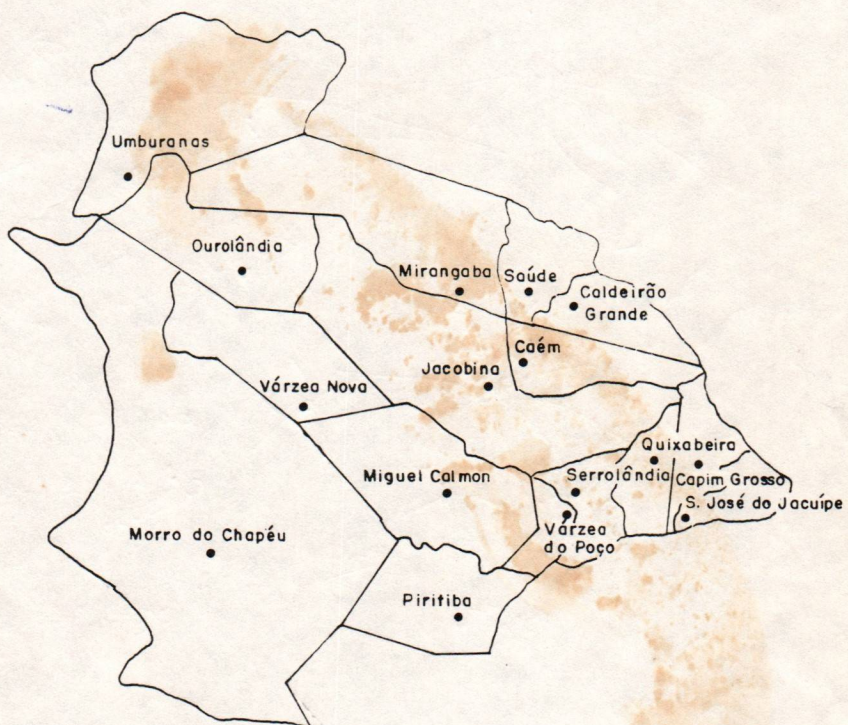
O que denominamos região de Jacobina é, na realidade, uma massa territorial com 19.552 km<sup>2</sup>, onde estão agrupados 16 municípios e 23 distritos (tab. 1 e fig. 1), oriundos de um único tronco que foi o território de Jacobina estruturado a partir do século XVIII. Era abrangente, com uma extensão territorial de aproximadamente 300 léguas, envolvendo as áreas dos atuais municípios de Rio de Contas, Palmas de Monte Alto, indo até os limites do Estado de Sergipe (IBGE, 1958), com características naturais diferenciadas, onde se inseriam vales úmidos e encaixados até áreas de caatingas cerradas, carentes de água (Costa, 1918). Atualmente o município da região que tem maior extensão territorial é o de Morro do Chapéu, com 5.920 km<sup>2</sup>, e o de menor extensão, o de Caldeirão Grande, com 317 km<sup>2</sup>. Por outro lado, Jacobina é o mais populoso com 76.582 habitantes, sendo que 42.001 estão concentrados na sede da cidade; enquanto que o menos populoso é o de Várzea do Poço, com 9.625 habitantes (IBGE, 1991). Apesar de não apresentar o mesmo porte de cidades como Vitória da Conquista, Ilhéus e Itabuna em termos de concentração e distribuição de bens e serviços, Jacobina também não é tão pequena como Morro do Chapéu. É uma cidade de dimensão intermediária, entre o pequeno e o médio porte. Está localizada no centro norte do Estado da Bahia (fig. 2) e é servida por diversas rodovias estaduais e federais, sendo que as principais são a BR 324 que liga Salvador a Jacobina, a BR 407 que articula o Sudoeste da Bahia ao Estado de Pernambuco, passando por São José do Jacuípe e Capim Grosso, e a BA 052 também conhecida como Estrada do Feijão, que liga Feira de Santana a Xique-Xique, passando por Morro do Chapéu (fig. 3). As outras vias de articulação são a BA 374 que liga Jacobina a

Tab. 1  
REGIÃO DE JACOBINA  
POPULAÇÃO TOTAL, ÁREA DOS MUNICÍPIOS E  
POPULAÇÃO DOS DISTRITOS - 1991

MUNICÍPIOS E DISTRITOS	POPULAÇÃO TOTAL	ÁREA km <sup>2</sup>
CAÉM	27116	498
CALDEIRÃO GRANDE	15815	317
CAPIM GROSSO	19659	336
JACOBINA	76518	2042
Jacobina	8743	-
Caat. do Moura	8874	-
Itaitu	2299	-
Itapeipu	9250	-
Junco	7352	-
MIGUEL CALMON	25260	1463
Miguel Calmon	19709	-
Itapura	1921	-
Tapiranga	3630	-
MIRANGABA	14651	1944
Mirangaba	4719	-
Nuguaçu	3330	-
Taquarandi	6620	-
MORRO DO CHAPÉU	31766	5920
Morro do Chapéu	16983	-
Camirim	2455	-
Dias Coêlho	3316	-
Duas B. do Morro	1701	-
Icó	3445	-
Tamboril	1059	-
Ventura	2807	-
OUROLÂNDIA	12235	1333
PIRITIBA	24176	1001
Piritiba	12845	-
França	7230	-
Largo	4110	-
QUIXABEIRA	13927	368
SÃO JOSÉ DO JACUIPE	14100	369
SAÚDE	11389	404
SERROLÂNDIA	11812	334
UMBURANAS	11540	1810
Umburanas	8033	-
Delfino	3507	-
VÁRZEA DO POÇO	9633	248
VÁRZEA NOVA	17144	1165
<b>Total</b>	<b>480679</b>	<b>19552</b>

Fonte: IBGE. Censo Demográfico - Bahia, 1991.

FIG. 1  
REGIÃO DE JACOBINA - 1995



0 20 40 60 Km

Desenho: Cristina Menezes

FIG. 2

A REGIÃO DE JACOBINA NO CONTEXTO DO ESTADO DA BAHIA - 1995



Desenho: Cristina Menezes

0 40 80 120 160 Km

FIG. 3  
**JACOBINA E SUA ARTICULAÇÃO  
 NO SISTEMA DE TRANSPORTES**



Organizado por: Antonio Angelo M. Fonseca.

Desenho: Cristina Menezes

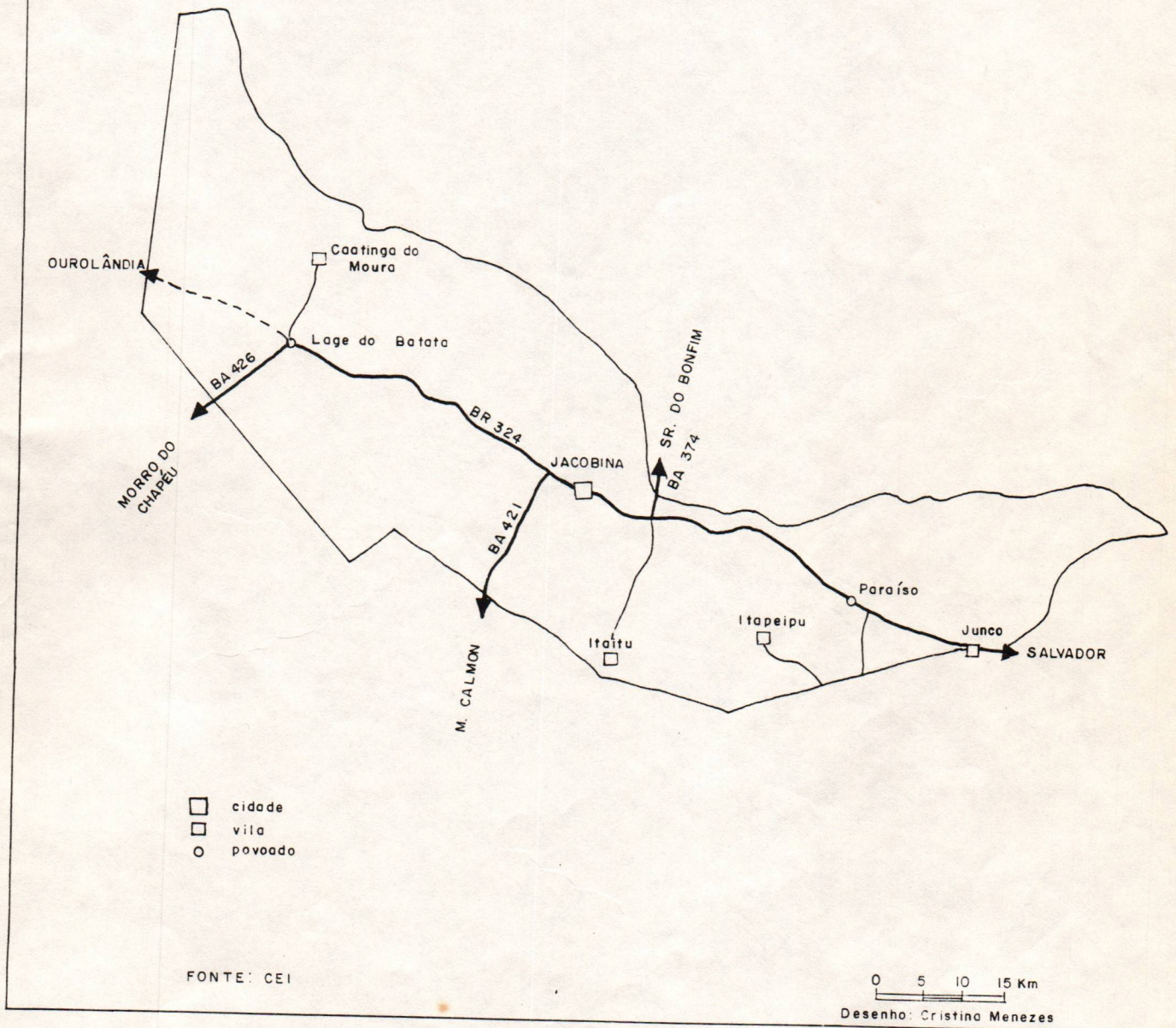
Senhor do Bonfim, a BA 421, ligando Jacobina a Mundo Novo, BA 426 ligando Jacobina a Morro do Chapéu, e por fim, a BA 757 que liga Jacobina ao Município de Umburanas. No momento esta rodovia está sendo asfaltada, o que facilitará o fluxo de pessoas e do escoamento de mercadorias de Umburanas e Ourolândia.

Economicamente, a referida região está apoiada na agricultura, principalmente na cultura do feijão, mandioca, sisal, mamona e milho; na pecuária - com destaque para a criação bovina - e na produção mineral, principalmente com a exploração do ouro e ametista em Jacobina, e o mármore em Ourolândia. Atualmente, em virtude das potencialidades naturais e paisagísticas da cidade e região - grutas, cachoeiras, (...) - está se buscando o incentivo ao turismo.

É Jacobina que assume o papel de comando da região, pois além das atividades ligadas ao setor primário, calcadas na agricultura e pecuária, concentra uma emergente indústria de transformação, baseada inclusive na transformação de produtos minerais não-metálicos, e em produtos alimentares, e um setor terciário diversificado, principalmente do comércio atacadista e varejista, da rede bancária - na cidade existem oito agências bancárias: Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Banco do Estado da Bahia, Caixa Econômica Federal, Bamerindus, Itaú, Bradesco e Econômico - e do serviço médico. O município de Jacobina contém 4 Vilas - Caatinga do Moura, Itaitu, Itapeipu e Junco - e dois povoados, Lage do Batata e Paraíso (fig. 4).

Com isso, Jacobina assume o papel de centro regional (Dickinson, 1961), na função de distribuir bens e serviços para sua área tributária e também para outras que não sejam necessariamente próximas (Fonseca & Silva, 1993). De qualquer maneira, cresceu e vem crescendo na dependência de sua região, ou seja, Jacobina espelha a sua região pois no dinâmico e simultâneo movimento horizontal/vertical que atinge o espaço (Santos, 1994), a força da horizontalidade prevalece. Este fato é constatado empiricamente na medida em que se

FIG. 4  
MUNICÍPIO DE JACOBINA - 1995

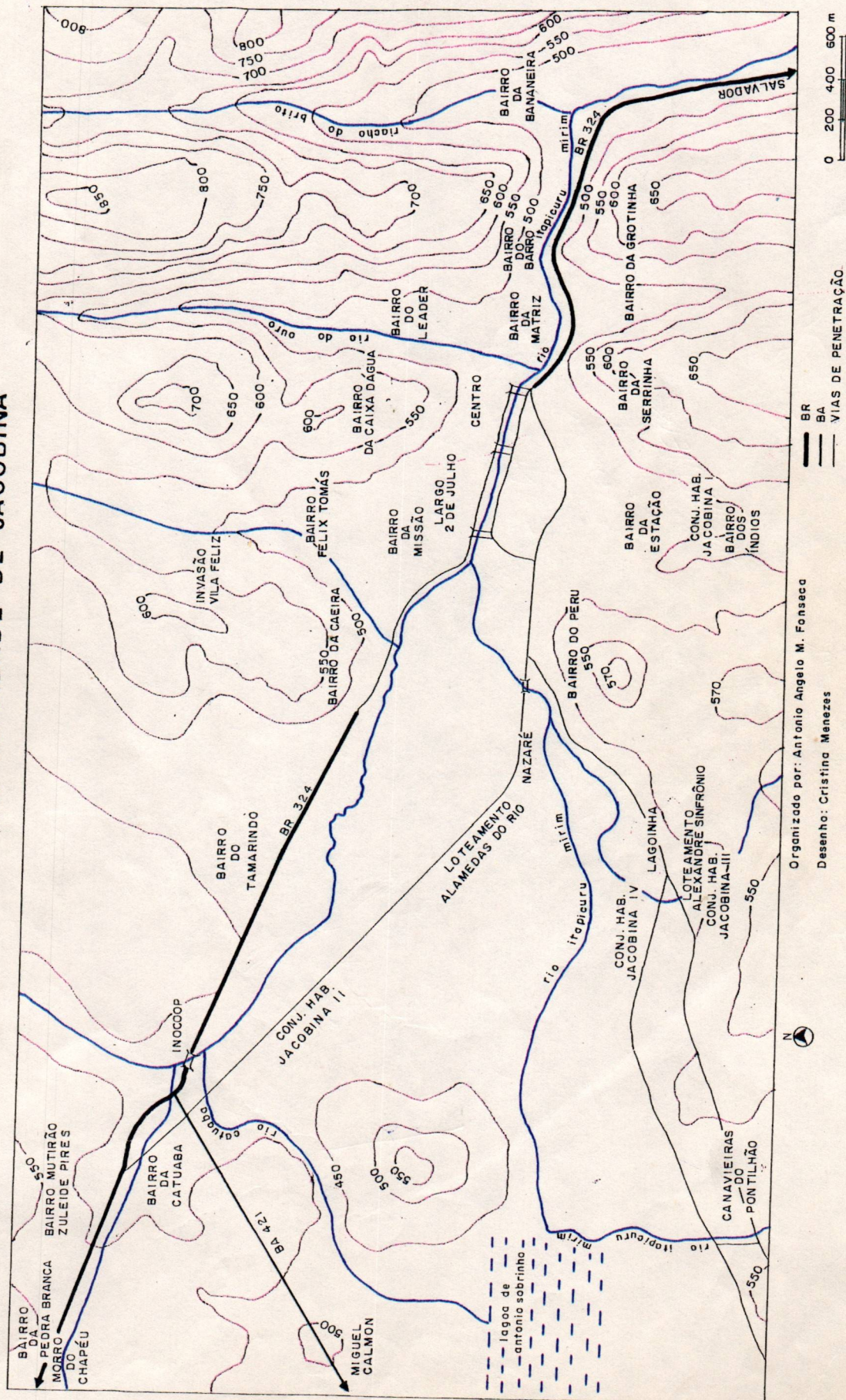


observa o seu cotidiano. Há um incessante movimento de pessoas que se deslocam diariamente para Jacobina à procura de bens e serviços, como também para visitar parentes e amigos. As segundas e terças-feiras são os dias mais movimentados. No centro da cidade, por exemplo, onde estão concentrados os bancos, clínicas e a maior parte do comércio varejista (fig. 5), a concentração populacional e o número de veículos aumentam consideravelmente. Nesses dias quem chega tarde ao centro da cidade, principalmente no horário de atendimento ao público dos bancos, entre 11:00 e 16:00 h pode encontrar dificuldades para estacionar o carro. Outros pontos de concentração de pessoas nos referidos dias são o Largo 2 de Julho e o Bairro da Estação. O primeiro é tradicionalmente conhecido como Texaco, e é terminal de ônibus, de taxi e de veículo de lotação que transportam passageiros para vilas e povoados do município<sup>1</sup>. Neste local estão concentrados também o Hospital Antônio Teixeira Sobrinho, o Pronto Socorro e um comércio especializado em peças, acessórios e material de pintura para automóveis. No bairro da Estação ficam localizadas a FFPJ - Faculdade de Formação de Professores de Jacobina e a ACIJA - Associação Comercial e Industrial de Jacobina. Historicamente, em virtude da estação ferroviária localizar-se no local, era um bairro do comércio atacadista exportador. Hoje, apesar do fim do transporte ferroviário na cidade, desativado em 1976, e da demolição da estação ferroviária, as características do comércio atacadista - apesar de ser em menor escala - ainda persiste, inclusive com antigos armazéns em pleno funcionamento no largo do bairro. A maior concentração neste local é de caminhões que vêm buscar mercadorias para abastecer as menores cidades da região.

Os dias de sábado em Jacobina também são muito movimentados, principalmente no bairro do DERBA, onde se localiza a feira livre da cidade. Portanto, estes locais acima referidos são pontos de atração populacional urbana e regional em dias específicos da semana.

# SÍTIO URBANO DA CIDADE DE JACOBINA

FIG. 5



Organizado por: Antonio Angelo M. Fonseca

Desenho: Cristina Menezes

Jacobina é, dessa forma, centro de convergência regional, que em decorrência de concentrar maior quantidade de serviços da região exerce a função de um campo de forças, atraindo diariamente para si, pessoas, mercadorias, capital e idéias<sup>2</sup>. Este magnetismo é facilitado pelas vias de acesso existentes que ligam Jacobina a todas as cidades de sua região, numa distância média de 63,2 km (fig. 3). Jacobina surgiu como a mais importante cidade da região centro-norte do Estado da Bahia, criada por Carta Régia de 05 de agosto de 1720. Historicamente o seu crescimento foi condicionado pela exploração do ouro desde o início do século XVIII e pela expansão da pecuária, inclusive em função do surgimento do mercado criado pela própria mineração. A sua evolução histórica é marcada por riquezas, crises e superações, envolvendo os aspectos econômicos, políticos e naturais, como as secas que sempre castigam o município e a região.

O fato é que já no final do século XIX, a descoberta do diamante na Chapada Diamantina provocou o êxodo de grande número de moradores da cidade, afetando substancialmente as atividades locais. A partir de meados deste século, os projetos de modernização do território baiano atingiram algumas regiões em detrimento de outras. A expansão rodoviária, por exemplo, favoreceu mais as cidades vizinhas a Juazeiro, Senhor do Bonfim e Irecê do que Jacobina, ficando esta numa posição de "fim de linha" devido a falta de continuidade da BR 324 que chegaria até o atual Estado de Tocantins. A mesma coisa aconteceu no decorrer das décadas de 60 e 70 com os projetos de desenvolvimento agrícola beneficiando novamente Juazeiro e Irecê. Em função das potencialidades naturais, a partir da década de 70 até os dias atuais, está em atividade a exploração sistemática do ouro em Jacobina. Contudo, a mineração não consegue a fomentar sozinha o desenvolvimento do município e da região.

Foi neste contexto que realizou-se, através dos empresários, o 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Região com o intuito de discutir e elaborar propostas visando superar as dificuldades que a região vem passando.

Diante do exposto até aqui, as indagações que levantamos são as seguintes:

- 1 - Quais as perspectivas de desenvolvimento de Jacobina?
- 2 - Jacobina está realmente em crise? Quais os motivos para tal?
- 3 - Como Jacobina vem se comportando em termos de crescimento, no contexto de outras cidades próximas como Juazeiro, Senhor do Bonfim e Irecê?

Estas questões serão respondidas no decorrer dos capítulos. Para tanto, o próximo analisará o processo de organização e realização do referido seminário, pois entendemos como sendo o ponto de partida para um melhor entendimento da atual realidade urbana e regional de Jacobina.

## NOTAS

- 1 - São carros que transportam várias pessoas de uma só vez. As vezes, carros grandes como a Caravan e Opala, que chegam a transportar até 10 pessoas.
- 2 - A concepção de campo de forças adotado aqui está relacionada às forças de atração e repulsão exercido por um centro urbano a partir das análises efetuadas por François Perroux sobre os espaços econômicos, sistematizadas com os espaços geográficos por Jacques Boudeville (Boudeville, 1973) e com a Teoria das Localidades Centrais onde corresponde às relações mantidas entre o lugar central e sua região complementar (Bradford & Kent, 1987).

### 3. SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DE JACOBINA E REGIÃO: UMA NOVA ESTRATÉGIA REGIONAL

Neste capítulo abordaremos sobre o processo de organização e realização do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Microrregião: conscientizar para desenvolver, realizado na cidade de Jacobina nos dias 12 e 13 de dezembro de 1991.

#### 3.1 - SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DE JACOBINA

##### 3.1.1 - Antecedentes

Apesar de ter ocorrido no final de 1991, em períodos anteriores já existia uma mobilização por parte da classe empresarial da cidade, representada pela ACIJA - Associação Comercial e Industrial de Jacobina - composta por 350 associados cadastrados, com o objetivo de discutir os problemas locais. Dessas discussões que "contaram com a participação de diversas lideranças da comunidade, tais como prefeitos, políticos locais, políticos com interesse na região, secretários de estado, professores, presidentes de clubes de serviços locais, religiosos, dentre muitos outros" (Brandão & Cardoso, 1993, p. 103). Foi criada uma comissão que fez um diagnóstico da realidade Jacobinense resultando no *Projeto ACIJA - uma alternativa para Jacobina*. Datado de 1991, o projeto, em linhas gerais, define os pontos mais vulneráveis relacionados à referida cidade e que precisam de intervenção direta e imediata. Os pontos são divididos em duas escalas de atuação. Uma refere-se às questões que podem ser resolvidas internamente com o envolvimento da comunidade local; e a outra diz respeito as questões mais abrangentes e complexas, sendo necessário apoio das escalas estadual e federal de poder.

Com base no projeto, às questões que podem ser resolvidas na esfera municipal são as seguintes (Brandão & Cardoso, 1993):

- reestruturação da Prefeitura Municipal de Jacobina;
- elaboração de um novo plano diretor para o município. O que está em vigência em Jacobina foi elaborado em 1978, ou seja, já tem 17 anos.

Os problemas que devem ser sanados através do Estado e da União são os seguintes (op. cit. 1993):

- **Na área de Educação**

- reforma e ampliação do Colégio Estadual Deocleciano Barbosa de Castro. Em 1984 foi construído outro colégio estadual na cidade para atender a demanda dos alunos da região.
- criação de novos cursos na Faculdade de Formação de Professores de Jacobina. Até o momento a Faculdade oferece os cursos de Licenciatura em Letras, História e Geografia.

- **Na área de Transportes**

- conclusão das obras da BR 324, paralisadas desde a década de 60, impedindo que Jacobina se transformasse num importante entroncamento rodoviário, ponto de ligação entre o sul, oeste e norte do país;
- duplicação da BR 374 que liga Jacobina a Senhor do Bonfim;
- duplicação da BR 426, de Morro do Chapéu a BR 324;
- criação de acessos imediatos à cidade.

- **Na área de Saúde**

- conclusão das obras do hospital regional do Estado. No local onde seria o hospital foi construído o novo colégio estadual;
- construção da sede própria da DIRES - Diretoria Regional da Saúde - ainda não viabilizada em virtude do conflito envolvendo a Prefeitura de Jacobina e o Governo do Estado;
- ampliação da capacidade de tratamento e distribuição de água para Jacobina;

- reforma e ampliação do posto de saúde.

#### **Na área de Segurança Pública**

- criação do Batalhão da Polícia Militar.

#### **• Na área Econômica**

- estudo das potencialidades econômicas da região;

- criação de áreas para pequenas e médias empresas comerciais e industriais;

- construção do mercado do produtor.

#### **• Na área Habitacional**

- construção de casas para população de baixa renda.

Isso seria, em linhas gerais, os grandes problemas existentes em Jacobina, aos olhos do projeto ACLJA. No bojo dessas questões está a vontade de inserir Jacobina no rol das mais importantes cidades do Estado da Bahia, superando, segundo o projeto, suas perdas dos últimos anos. Por outro lado, nota-se uma grande preocupação em melhorar as infra-estruturas urbanas e de serviços, o que poderia atrair novas fontes de investimentos externos. Como o próprio projeto destaca "esses estudos, além de servirem de balizamento para investimentos públicos na região, deverão ser postos à disposição da iniciativa privada interessada em investir no município" (Brandão & Cardoso, 1993, p. 109). O que se procura então é o fortalecimento interno, uma vez que os lugares dotados de maiores qualidades espaciais são os mais atrativos para o capital, ao mesmo tempo que passa a ter "um importante trunfo na competição espacial entre localidades, cidades, regiões e nações" (Harvey, 1992, p.226).

O projeto ACLJA representa, dessa forma, uma contribuição concreta dos empresários e classes produtoras visando o desenvolvimento do município. E é nesse contexto que se insere a realização do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina

e Microrregião, ou seja, como uma continuidade das propostas elaboradas anteriormente por intermédio da ACLJA.

### 3.1.2 - Organização do Seminário

Com base no Livro de Atas da ACLJA, a proposta de realização de um seminário organizado pelos empresários foi cogitada pela primeira vez na reunião do dia 04 de setembro de 1991. Naquela ocasião, a idéia era a realização de um simpósio, onde seriam debatidos e diagnosticados subsídios que resultassem num projeto político e social para Jacobina. Nas reuniões dos dias 11 e 25 de setembro e 18 de outubro de 1991, o simpósio volta a ser discutido, inclusive elegendo duas pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia para serem coordenadoras: as Professoras Maria Brandão e Suzana Marcelino, esta última originária da própria cidade de Jacobina.

Vale ressaltar, que até aquele momento, a proposta do simpósio dava destaque apenas à referida cidade. No entanto, a reunião do dia 30 de outubro de 1991 foi decisiva, pois descartava a idéia de simpósio a nível local, a favor de um seminário que envolvesse toda a microrregião de Jacobina e demais cidades interessadas, com o intuito de mobilizar a comunidade em torno da crise regional. Foi esboçado então, o temário e a respectiva organização dos trabalhos, identificando as cidades e os agentes que iriam participar. Para tanto, os possíveis participantes foram divididos em dois grupos: o público e o privado. Entre os privados estavam as associações de classe, sindicatos de trabalhadores, clubes de serviços, e outros; entre os públicos estavam a igreja (católica e protestante), escolas (particulares e públicas), faculdade, administração pública (Prefeitura e Câmara de Vereadores), delegados, juizes e outros. Além disso foi definido o número de 26 cidades incluindo Jacobina, que deveriam participar do evento (infelizmente não foi possível saber os nomes de todas elas pois não há registros na ACLJA). Contudo, dentre elas, 16 estão mais ligadas economicamente a

Jacobina, correspondendo inclusive a nossa área de pesquisa. (fig. 1); as outras nove cidades foram consideradas mais como envolvimento político, como Juazeiro, Senhor do Bonfim, Irecê, Seabra e outras.

No dia 13 de novembro de 1991 ocorreu outra reunião na ACLJA, onde a idéia do seminário voltou a ser debatida e apoiada por lideranças políticas e empresariais presentes. Participaram da reunião o Prefeito, Vice-Prefeito e Presidente da Câmara de Vereadores de Jacobina, Diretor da DIRES - Diretoria Regional de Saúde, representantes do Rotary e do Lions Club, Comando da Polícia Militar, Diretores do Colégio Estadual e da Faculdade de Formação de Professores de Jacobina, Diretores de Colégios Particulares, líderes empresariais e liderança política de esquerda.

A partir de então, os convites foram enviados da seguinte forma: para as 25 cidades foram enviados às Prefeituras, Câmaras de Vereadores e Associações Comerciais; em Jacobina os convites foram para as referidas entidades públicas e privadas. Além dessas, também foram convidados: Órgãos de imprensa de Jacobina e Salvador, Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia, SUDIC - Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial, SEBRAE - Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas do Estado da Bahia e FIEB - Federação das Indústrias do Estado da Bahia. Os especialistas Geógrafos, Economistas, Sociólogos, Filósofos e outros, na sua maioria da Universidade Federal da Bahia, participaram de atividades programadas como conferências, mesas redondas e grupos de trabalho.

O seminário foi organizado em torno de dois grandes temas: "Perspectivas econômicas e planejamento regional" e "desenvolvimento e planejamento urbano". Em 12 de dezembro de 1991, o evento foi dedicado a conferências e mesas redondas, onde participaram especialistas, empresários locais e representantes dos governos municipal e estadual.

Enquanto os pesquisadores traçaram um quadro abrangente da realidade brasileira e até mundial em termos das questões de desenvolvimento urbano e regional, os

empresários centraram os discursos em torno da crise da região, da necessidade de mobilização da comunidade local/regional e da falta de investimentos governamentais. Um destes chegou a afirmar que "só existe perspectiva de mudança via mobilização da comunidade local, pois os problemas são mais políticos que econômicos" (A Tarde Municípios, 1991, p.6). Nota-se nesse discurso a vinculação da hegemonia da classe dominante sobre outros segmentos da sociedade, na busca da homogeneização de sentimentos e de valores (Carnoy, 1990), uma vez que os problemas regionais são de todos e por isso deve ocorrer um envolvimento geral da comunidade.

No dia 13 de dezembro de 1991 os grupos de trabalhos realizaram o diagnóstico da região, elaborando mais de 50 recomendações práticas visando o seu desenvolvimento. Os grupos foram divididos em 7 eixos temáticos a saber: Oportunidades empresariais e financiamento, Planejamento urbano, Infra-estrutura e meio ambiente, Saúde e defesa civil, Desenvolvimento agrícola e cooperativismo, Educação e treinamento e Projetos culturais.

O resultado final foi a elaboração de propostas amplas e específicas, como recomendações de estudos, recomendações gerais, recomendações setoriais, e propostas de iniciativas específicas. Com base em Brandão & Cardoso (1993), as propostas foram as seguintes:

• **Relacionadas à estudos**

- Levantamento das potencialidades dos recursos naturais da microrregião, inclusive do solo, visando a agroindústria, e uma política de meio ambiente;
- identificação das funções urbanas e regionais de Jacobina, e elaboração de um plano diretor para servir de instrumento de orientação à comunidade, Poder Público e iniciativa privada, onde deverão ser definidas áreas de expansão, localização industrial, abastecimento de água (...);
- elaboração de uma política de saúde para a região;

- uma abrangente revisão curricular para os 1º e 2º graus, com o intuito de adaptá-los às condições ambientais, culturais e de trabalho da comunidade.

• **Relacionadas às recomendações gerais**

- Criação de um conselho de desenvolvimento urbano e regional com representantes de toda a comunidade;

- criação de um conselho de educação e cultura com representantes de toda a comunidade;

- formação de consórcios envolvendo entidades públicas e privadas voltados à realização de estudos em torno das questões urbana e regional;

• **Relacionadas às recomendações setoriais**

⇒ Voltadas à educação e cultura

- Avaliação de ensino, programas de alfabetização, cursos de reciclagens de professores, melhoria salarial para os professores, criação de novos cursos que se adaptem melhor à necessidade da região, campanhas públicas de conscientização dos valores de Jacobina, resgate da memória histórica da região, etc;

⇒ Saúde e saneamento

- Criação de um plano de saneamento básico, ampliação da coleta de lixo, plano de reciclagem de lixo, construção de mais fossas sanitárias, campanha de prevenção contra doenças como chagas, leishmaniose, esquistossomose, conclusão do Hospital Regional do Estado, etc;

⇒ Meio ambiente e qualidade de vida

- Avaliação das condições dos mananciais da região e campanha de conscientização sobre meio ambiente e qualidade de vida.

⇒ Economia

- Instalação de laboratório de análise de solo, construção de mais barragens, implantação de agroindústrias, criação de um centro regional de lapidação, instalação de unidade de produtos

regionais, incentivos ao artesanato, criação de programa de desenvolvimento do turismo, incentivo a instalação de incubadora e outras;

- **Relacionadas às propostas de iniciativas específicas**

- Campanha de arborização das ruas com plantas nativas da região, e promoção de eventos objetivando a valorização da cidade.

Estas foram, de maneira abrangente, as principais recomendações tiradas dos grupos de estudos. Nota-se, no geral, a busca do fortalecimento regional da cidade de Jacobina, com o intuito de mantê-la como centro mas também para inseri-la no rol das principais cidades da Bahia.

### **3.1.3 - O público participante do Seminário**

Através das listas de presença assinadas durante a realização dos grupos de trabalhos, no dia 13 de dezembro de 1991, foi possível fazer uma avaliação quantitativa da participação da comunidade no seminário, demonstrando de certa forma, o grau de comprometimento para com os problemas da cidade e da região.

No dia 12 de dezembro de 1991, data da abertura do seminário e de apresentações das mesas redondas, não houve lista de presença. No entanto, o centro cultural, local da realização do evento, contava com 190 lugares que ficaram totalmente completos, inclusive com muitas pessoas em pé. A previsão era de que 220 pessoas, aproximadamente, participaram do primeiro dia do evento.

No dia 13 de dezembro de 1991, os grupos de trabalhos reuniram-se durante a manhã e a tarde, na Faculdade de Formação de Professores de Jacobina - FFPJ, unidade integrante da UNEB - Universidade do Estado da Bahia. Cada eixo temático foi discutido numa sala específica, onde foi passada uma lista de presença. Portanto foram sete listas que

continham o nome do eixo temático, nome do participante, profissão e cidade de origem. Para a análise dessas listas, definimos alguns critérios: primeiramente, alguns participantes frequentaram mais de um eixo temático e assinaram mais de uma lista de presença. Nesse caso, consideramos apenas uma presença e encaixamos o participante dentro daquele eixo temático que mais se aproximava da sua profissão; em segundo lugar, foram considerados na contagem, os convidados pesquisadores vindos de Salvador, por entendermos que os mesmos também estavam engajados no processo de realização de seminário.

A partir de então, procuramos analisar quais os eixos temáticos mais frequentados, área de atuação profissional e local de origem dos participantes. De acordo com a tab. 2 obtivemos os seguintes resultados: no que se refere à participação da população nos eixos temáticos, observa-se que o mais frequentado foi o de Educação e Treinamento com 26,25% de presença, seguido por

Oportunidades Empresariais e  
Financiamento com 18,75%, e  
Desenvolvimento agrícola e  
Cooperativismo com 16,25%. Por  
outro lado, poucas atenções foram  
dadas aos eixos temáticos Projetos

Tab. 2  
PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO NO SEMINÁRIO,  
SEGUNDO OS EIXOS TEMÁTICOS - 1991

Eixos Temáticos	Participantes	%
Educ. e Treinamento	21	26,25
Oport. Emp. e Financiamento	15	18,75
Desenv. Agric. e Cooperativismo	13	16,25
Planejamento Urbano	10	12,50
Saúde e Defesa Civil	10	12,50
Projetos Culturais	6	7,50
Infra-Estrut. e Meio Ambiente	5	6,25
Total	80	100,00

Fonte: Lista de presença do Seminário, 1991.

Culturais e Infra-estrutura e Meio Ambiente, com 7,50% e 6,25% respectivamente, de participação. Os eixos mais frequentados podem ser vistos como indicadores importantes sobre as maiores preocupações da comunidade, ou seja, fortalecimento econômico com uma sólida base educacional.

Com o intuito de ver quais os profissionais que mais participaram do evento, foram agrupados em amplas áreas de atuação, tomando como base a profissão que foi colocada na lista de presença (tab. 3). Percebe-se que 33,75% dos participantes atuam na área de

educação, 20,00% na área empresarial e 12,50% na área de saúde. Outras situações ficaram com 15,00% de participação. Na tabela citada, nota-se que foram os educadores, empresários e profissionais de saúde que mais se envolveram nas discussões sobre os problemas da comunidade, perfazendo os três, um total geral de 71,25% de participação.

Com relação à procedência dos participantes (tab. 4) percebe-se que a grande maioria, 65,00%, era da própria Jacobina, seguido de Salvador com 20,0% e

outros não identificados com 7,50%. Os únicos municípios de procedência identificados nas listas como correspondentes à microrregião de Jacobina foram de Ourolândia, representado por 3,75% de participante, Caém por 2,50% e Caldeirão Grande por 1,25%.

Mesmo reconhecendo que nem todos que participaram do evento assinaram as listas de presença, algumas conclusões preliminares podem ser levantadas.

Tudo leva a crer que o número de participantes nos grupos de trabalho poderia ser maior caso estes fossem realizados à noite ou no fim de semana. Como ocorreu na sexta-feira - dia de grande movimento no comércio de Jacobina - é possível que as pessoas não tenham tido tempo de participar ativamente. Por exemplo, no dia de abertura do seminário - que ocorreu quinta-feira à noite - havia quase o triplo de pessoas, envolvendo uma diversidade de segmentos da sociedade. Por outro lado,

Tab. 3  
PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO NO SEMINÁRIO,  
SEGUNDO AS ÁREAS DE ATUAÇÃO - 1995

Áreas de Atuação	Participantes	%
Educação	27	33,75
Empresarial	20	25,00
Saúde	10	12,50
Jurídica	6	7,50
Imprensa	5	6,25
Outros	12	15,00
Total	80	100,00

Fonte: Lista de presença do Seminário, 1991.

Tab. 4  
PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO NO SEMINÁRIO,  
SEGUNDO O LOCAL DE ORIGEM - 1991

Local de origem	Participantes	%
Jacobina	52	65,00
Salvador	16	20,00
Ourolândia	3	3,75
Caém	2	2,50
Caldeirão Grand	1	1,25
Não identificado	6	7,50
Total	80	100,00

Fonte: Lista de presença do Seminário, 1991.

mesmo considerando estes argumentos, a participação foi muito abaixo das expectativas, se levarmos em consideração a campanha que foi feita através da emissão de convites e da divulgação da imprensa local, regional e estadual, inclusive no Jornal A Tarde, onde saíram reportagens nos dias 11 e 12 de dezembro de 1991, destacando a realização do evento, e pela população total da microrregião. Segundo o IBGE (1991) a população total da microrregião de Jacobina é de aproximadamente 326.741 habitantes. Juntando os dois dias do evento o percentual da população envolvida com relação a população total da microrregião é de 0,09%. É realmente um baixo valor relativo que demonstra a pouca mobilização da comunidade para com os problemas da região. Outro aspecto - no mínimo curioso - que chama atenção é que a participação dos empresários no seminário também poderia ser bem maior, uma vez que a ACLJA foi a promotora do evento, posto que apenas 25% dos que assinaram as listas eram empresários, sendo que mais de 90% eram de Jacobina. Considerando que a ACLJA tem 350 associados, concluiu-se que somente 20 participaram do evento, ou seja, 5,71% do total dos empresários estavam presentes.

Tudo isso nos leva a concluir que - tomando como base o seminário - é muito baixo o grau de articulação dos atores sociais - inclusive os vinculados ao poder econômico - a nível local e regional. Até mesmo a nível local, a baixa participação empresarial, demonstra que a classe não é mobilizada. Por outro lado, as listas de presença não acusaram a participação de atores sociais ligados ao poder social (Daniel, 1988), como sindicatos, comunidades de bairros, etc. Isso ajuda a comprovar que a baixa articulação é inter e intraclases sociais, a nível local/local e local/regional.

#### **3.1.4 - As lideranças e o seminário**

Com base na pesquisa de campo, buscamos compreender melhor a participação do público no evento. Para tanto, reservamos um item específico na entrevista sobre a realização do seminário, com os objetivos de compreender o nível de mobilização e de comprometimento das lideranças perante o evento, além de registrar suas opiniões pessoais diante da participação do público, da organização e da realização do seminário. Entendemos que os resultados podem ser vistos como um indicador do grau de sentimento para com o espaço de vivência (Fremont, 1989) e também pode demonstrar o nível de mobilização do poder econômico na cidade e na região de Jacobina.

Inicialmente foi perguntado às lideranças da cidade de Jacobina e da região se tiveram conhecimento da realização do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico, ocorrido em 1991. Os resultados foram os seguintes (tab. 5):

Tab. 5  
TEVE CONHECIMENTO DA REALIZAÇÃO DO 1º SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO  
SÓCIO-ECONÔMICO DE JACOBINA E REGIÃO OCORRIDO EM 1991 NA CIDADE DE JACOBINA?

RESPOSTA	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Sim	21	69,23	4	9,30	40	42,11
Não	16	30,77	39	90,70	55	57,89
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

a maior parte das lideranças da cidade de Jacobina, ou seja, 69,23% tiveram conhecimento do evento, enquanto que 30,77% não souberam. Consideramos o percentual dos não informados do evento bastante elevado, se considerarmos a divulgação e o local onde eles moram. Por outro lado, na escala regional, os resultados foram bem piores, uma vez que apenas 9,30% dos entrevistados souberam do evento, enquanto que a grande maioria, 90,70%, não soube. No total da região, nem a metade dos entrevistados soube do seminário, pois o percentual é de 42,11%.

Foi perguntado também se receberam convites para participar do seminário. Neste caso, 40,38% das lideranças de Jacobina receberam, enquanto que apenas 6,98% da

região é que receberam. Portanto a maior parte das lideranças da cidade de Jacobina e da região não receberam convites, ou seja, 59,62% e 93,02% respectivamente (tab. 6).

Tab. 6  
RECEBEU CONVITE PARA PARTICIPAR DO 1º SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DE JACOBINA E REGIÃO OCORRIDO EM 1991 NA CIDADE DE JACOBINA?

RESPOSTA	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Sim	21	40,38	3	6,98	24	25,26
Não	31	59,62	40	93,02	71	74,74
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Quando foram perguntados se participaram do evento, responderam o seguinte (tab. 7): da cidade de Jacobina, 30,77% responderam sim, contra 69,23% que não participaram; enquanto que na região apenas 2,33% responderam que sim, contra a grande maioria, 97,67% que disseram não. Com parte das lideranças de Jacobina sabia do evento, no entanto só a minoria recebeu convite e participou; por outro lado, na região, a grande maioria estava desinformada do seminário, o que repercutiu de certa forma na participação.

Tab. 7  
PARTICIPOU DO 1º SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DE JACOBINA E REGIÃO OCORRIDO EM 1991 NA CIDADE DE JACOBINA?

RESPOSTA	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Sim	16	30,77	1	2,33	17	17,89
Não	36	69,23	42	97,67	78	82,11
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Por fim, foi perguntado às lideranças sobre a realização do evento (Tab. 8). Neste caso, 15,38% dos entrevistados da cidade de Jacobina disseram que foi ótimo, 15,38% disseram que foi bom e 69,23 não souberam responder. Já 2,33% da região disseram que foi bom, enquanto que 97,67% não responderam.

A partir do exposto acima, notou-se que apesar do evento buscar, com o título, uma abrangência regional, a prática maior de divulgação e mobilização se deu no âmbito

Tab. 8  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA CIDADE DE JACOBINA E REGIÃO SOBRE A REALIZAÇÃO DO  
1º SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DE JACOBINA E REGIÃO EM 1991

RESPOSTA	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Ótimo	8	15,38	-	-	8	8,43
Bom	8	15,38	1	2,33	9	9,47
Regular	-	-	-	-	-	-
Ruim	-	-	-	-	-	-
Não Sabe	36	69,23	42	97,67	78	82,11
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

urbano de Jacobina. Talvez tenha faltado maior empenho dos organizadores para envolver a região como um todo no seminário. Isso demonstra que o papel de centralidade exercido pela cidade de Jacobina sobre sua região em termos de oferecimento de bens e serviços não ocorreu no sentido da mobilização política. As escalas não coincidiram pois a região influenciada de Jacobina envolve 16 municípios, que inclusive é nossa área de estudo, enquanto que no nível de região política<sup>1</sup>, envolveu apenas quatro municípios: Jacobina, Caém, Caldeirão Grande e Ouarândia. É como se a cidade - no caso específico de Jacobina - exercesse uma função de ímã sobre o seu entorno - sua região de influência - e a força magnética desse ímã variasse na medida que mudasse o objeto a ser atraído. A não coincidência de escalas ratifica a idéia de *regiões* da região de Jacobina. Apesar disso, manteremos as análises em cima dos 16 municípios, uma vez que a regionalização aqui adotada está vinculada à vivência em Jacobina e a percepção do tamanho da região da referida cidade.

No entanto, até mesmo no âmbito da cidade de Jacobina, a participação das lideranças poderia ser maior. Observou-se que apenas 30,77% dos entrevistados da cidade participaram do seminário, sendo que 69,23% sabiam da sua realização e não estiveram presentes em sua totalidade. Fica claro, dessa forma, o hiato existente em termos de articulação, envolvendo o poder econômico da cidade de Jacobina e da região, as diversas lideranças da região e da cidade de Jacobina. A fragmentação sócio-espacial a nível político é clara na região. Talvez a raiz desta fragmentação a nível regional esteja no estilo "patriarcal" exercido pela cidade de Jacobina sobre o seu entorno imediato - inclusive sobre os seus

distritos - que pelo fato de ser considerada como um centro regional comporta-se, como sendo "autosuficiente" e "prepotente" diante das localidades ao redor. Isso pode dificultar qualquer tentativa de articulação intermunicipal.

Diante do exposto, algumas questões se impõem: devido a pouca participação da comunidade no seminário, será que podemos considerá-lo como novas estratégias regionais/territoriais, uma vez que a maior presença foi de pessoas da própria Jacobina? Será que a pouca articulação entre os atores internos e entre esses e os externos observados anteriormente, expressa a prática política exercida pelos atores sociais da região? Por outro lado, a pouca participação/articulação dos atores sociais, inclusive empresários, em torno de um evento tão relevante, nos força a perguntar: será que realmente Jacobina está em crise? Caso a resposta seja afirmativa, uma das causas básicas dessa crise não estaria nos embates políticos travados entre os atores sociais na luta pelo poder, expressos inclusive pela pouca participação/articulação no contexto do seminário?

Com relação à primeira pergunta, é possível afirmar que apesar do seminário não ter atingido sua plenitude em termos de frequência de participantes, representou uma importante tentativa de articulação cidade/região, com o intuito de aumentar a coesão interna em torno de objetivos específicos e, ao mesmo tempo, unir forças para aumentar o poder de pressão frente a política discriminatória do Estado. Representou também uma tentativa empresarial que, visando um melhor aproveitamento das potencialidades endógenas, busca desenvolver a região e atrair capital externo, público e privado, para ser aplicado internamente. Inclusive o subtítulo de seminário foi bastante sugestivo - "conscientizar para desenvolver" - e reforça o que estamos escrevendo. Entendemos que não é somente o número de participantes que define se o evento pode ou não ser encaixado como sendo novas estratégias regionais/territoriais. Mais do que o número de participantes, estão os objetivos propostos, os atores organizadores, as diretrizes definidas e a dimensão ideológica do evento. É o conjunto

destes ingredientes que pode ratificar ou negar as estratégias regionais. No caso do seminário de Jacobina, todos eles estavam presentes - como já destacamos anteriormente - apesar da pouca participação quantitativa. Diante disso, entendemos que Jacobina foi palco de uma nova tática territorial (Vainer, 1993) onde a região assumiu - pelo menos no discurso - um caráter estratégico considerável.

As outras indagações levantadas acima serão respondidas posteriormente, pois elas nortearam todo o desenvolvimento desta dissertação. No próximo capítulo, no entanto, o objetivo será o de descobrir quem são realmente as lideranças entrevistadas. Para tanto, traçaremos um amplo perfil das lideranças de Jacobina e região.

## NOTAS

1. O conceito de região política destacado se baseia na definição de *região política ideal* elaborado por Dickinson (1961, p. 26) que, para ele, "sea grande o pequeña, es aquella que posea mayor número de intereses comunes".

#### 4 - PERFIL DAS LIDERANÇAS

Destacamos no capítulo anterior o processo de organização e realização do Seminário de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Jacobina e Região, que entendemos fazer parte de uma nova estratégia que visa defender a região. Nesses termos, a região ratifica-se como importante dimensão de análise geográfica. A partir de agora objetivamos descobrir quem realmente são as lideranças mais responsáveis pela dinâmica urbana e regional de Jacobina, tomando como base o resultado da pesquisa de campo realizada no mês de maio de 1995, que possibilitou traçar um amplo perfil. Além disso agrupamos os referidos atores no contexto dos poderes locais: econômico, político e social, com base em Daniel (1989), com o intuito de nos aprofundarmos nas análises.

#### 4.1 - Quem são as lideranças?

##### 4.1.1 - Sexo

Através da tab. 9 relacionada ao sexo dos entrevistados, é possível observar o predomínio, em termos quantitativos, do sexo masculino com relação ao feminino, ou seja, 80,77% das lideranças entrevistadas na cidade de Jacobina são do sexo masculino e apenas 19,23% são do sexo feminino. No âmbito regional esta realidade quase se repete pois 79,07 são masculinos e 20,93% são femininas.

Tab. 9  
REGIÃO DE JACOBINA  
SEXO DAS LIDERANÇAS ENTREVISTADAS - 1995

SEXO	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Masculino	42	80,77	34	79,07	76	80,00
Feminino	10	19,23	9	20,93	19	20,00
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

#### 4.1.2 - Estado civil

No que se refere ao estado civil (tab. 10), observa-se que o casamento é uma instituição forte para as lideranças, uma vez que 80,77% de Jacobina e 76,74% da região são casados. Logo em seguida vem os solteiros com percentuais quase idênticos em Jacobina e região, 13,46% e 13,95%, respectivamente. Por último vem os separados com 1,92% em Jacobina e 2,33% na região.

Tab. 10  
REGIÃO DE JACOBINA  
ESTADO CIVIL DAS LIDERANÇAS - 1995

ESTADO CIVIL	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Casado	42	80,77	33	76,74	75	78,95
Solteiro	7	13,46	6	13,95	13	13,68
Viúvo	-	-	1	2,33	1	1,05
Separado	1	1,92	1	2,33	2	2,10
Outros	2	3,85	2	4,66	4	4,21
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

#### 4.1.3 - Escolaridade

O grau de escolaridade também é um importante indicador. Para tanto foi elaborada a tab. 11 para uma melhor compreensão do fenômeno. Na cidade de Jacobina 43,31% têm o curso superior, seguido por 34,62% com o 2º grau e 19,23% com o 1º grau nível 2, ou seja, cursou até a 8ª série. O número de analfabetos é baixo, 1,92%. No contexto da região, os resultados já são diferentes pois 55,81% cursou somente até a 8ª série, 23,26% o 2º grau e 11,63% o nível superior. O analfabetismo, neste caso, é de 2,33%. Como se nota, o curso superior ainda não despertou o interesse das lideranças da região como um todo. Talvez seja porque os cursos de Licenciaturas em Letras, Geografia e História oferecidos pela FFPJ - Faculdade de Formação de Professores de Jacobina - não despertem interesse geral. De

qualquer maneira, a instrução preponderante das lideranças entrevistadas da região de Jacobina é de 1º grau nível 2, quer dizer, até a 8ª série ginásial.

Tab. 11  
REGIÃO DE JACOBINA  
ESCOLARIDADE DAS LIDERANÇAS ENTREVISTADAS - 1995

ESCOLARIDADE	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Analfabeto	1	1,92	1	2,33	2	2,11
1º grau nível 1	1	1,92	3	6,96	4	4,21
1º grau nível 2	10	19,23	24	55,81	34	35,79
2º grau	18	34,62	10	23,26	26	29,47
Superior	22	43,31	5	11,63	27	26,42
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

#### 4.1.4 - Local de nascimento

Procuramos desvendar também o local de nascimento visando com isso relacionar com o grau de comprometimento para com a cidade e a região de Jacobina. Os resultados, com base na tab. 12, são os seguintes: das lideranças entrevistadas da cidade de Jacobina, 51,92% são do referido local e 15,38% nasceram em municípios que compõem a região, ou seja, a maioria dos entrevistados, no caso 67,30%, nasceram na própria região. Nasceram em outras cidades da Bahia 17,31%, em outros estados 11,54%, destacando-se Pernambuco com 5,77%. Nasceram fora do Brasil 3,85%. Com relação aos entrevistados da região, a maioria 65,12% é originária da própria região de Jacobina, enquanto que o restante 25,58% nasceu em outras cidades da Bahia e 9,30% em diferentes estados, novamente com destaque para Pernambuco, com 6,98%. Os resultados expressam, por um lado, a influência de pessoas de outras cidades e estados, principalmente do Nordeste, no contexto regional de Jacobina. Por outro lado, considerando que as pessoas, a rigor, mantêm laços de afetividade para com o local de origem e de vivência, pressupõe-se que a maior parte das lideranças

entrevistadas “gostam da região”, uma vez que no total 66,32% são originários da mesma. Isso significa dizer que são lideranças capazes de lutar em prol do desenvolvimento de sua cidade e região.

Tab. 12  
REGIÃO DE JACOBINA  
LOCAL DE NASCIMENTO DAS LIDERANÇAS ENTREVISTADAS - 1995

LOCAL	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
<b>Cid. Região</b>	<b>35</b>	<b>67,30</b>	<b>28</b>	<b>65,12</b>	<b>63</b>	<b>66,32</b>
Caém	-	-	2	4,66	2	2,10
C. Grande	-	-	3	6,98	3	3,16
C. Grosso	1	1,92	1	2,33	2	2,10
Jacobina	27	51,92	1	2,33	28	29,47
M. Calmon	1	1,92	4	9,30	5	5,26
Mirangaba	2	3,85	2	4,66	4	4,20
M. Chapéu	2	3,85	2	4,66	4	4,20
Piritiba	-	-	2	4,66	2	2,10
Quixabeira	-	-	2	4,66	2	2,10
Saúde	-	-	2	4,66	2	2,10
Serrolândia	1	1,92	1	2,33	2	2,10
Umburanas	-	-	2	4,66	2	2,10
V. Nova	1	1,92	3	6,98	4	4,20
V. Poço	-	-	1	2,33	1	1,05
<b>Outras cidades</b>	<b>9</b>	<b>17,31</b>	<b>11</b>	<b>25,58</b>	<b>20</b>	<b>21,05</b>
Amargosa	1	1,92	-	-	1	1,05
Andaraí	1	1,92	-	-	1	1,05
Camamu	-	-	1	1,33	1	1,05
C. Formoso	1	1,92	-	-	1	1,05
Gavião	-	-	1	1,33	1	1,05
Itaberaba	-	-	1	1,33	1	1,05
Itapetinga	-	-	1	1,33	1	1,05
Itiruçu	1	1,92	-	-	1	1,05
Mairi	-	-	2	4,66	2	2,10
M. Novo	1	1,92	-	-	1	1,05
R. Jacupe	1	1,92	3	6,98	4	4,20
Salvador	1	1,92	1	1,33	2	2,10
S. Sé	1	1,92	-	-	1	1,05
Serrinha	-	-	1	1,33	1	1,05
Valente	1	1,92	-	-	1	1,05
<b>Outros Estados</b>	<b>6</b>	<b>11,54</b>	<b>4</b>	<b>9,30</b>	<b>10</b>	<b>10,53</b>
M. Gerais	1	1,92	-	-	1	1,05
Paraíba	1	1,92	-	-	1	1,05
Pernambuco	3	5,77	3	6,98	6	6,32
R. G. Sul	-	-	1	1,33	1	1,05
R. Janeiro	1	1,92	-	-	1	1,05
<b>Outros Países</b>	<b>2</b>	<b>3,85</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>2</b>	<b>2,10</b>
Austria	1	1,92	-	-	1	1,05
Portugal	1	1,92	-	-	1	1,05
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100,00</b>	<b>43</b>	<b>100,00</b>	<b>95</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

#### 4.1.5 - Ocupação atual

Objetivamos com este item analisar quais as atuais profissões das lideranças, com o intuito de agrupá-las dentro do contexto dos poderes locais, ou seja, econômico, político e social, sendo que este último se divide em elites locais e movimentos sociais. Isso facilitará o entendimento da prática social das lideranças no contexto urbano e regional, uma vez que cada uma destas esferas de poder citadas acima caracteriza-se por possuir definidas diretrizes elaboradas em específicos momentos históricos e postas em prática pelos variados atores sociais.

Percebe-se, com base na tab. 13 relacionada à ocupação profissional, por abrangentes setores, que na cidade de Jacobina a maior parte das lideranças entrevistadas, 17,31%, são empresários que vem seguido pelos líderes de associações de moradores com 15,38% e pelas lideranças sindicais com 9,62%. As outras ocupações a exemplo da militar e da médica obtiveram menores cifras, 1,92% cada uma. É necessário frisar que muitas vezes o ator social desenvolve mais de uma ocupação. Neste caso, consideramos como principal aquela que o entrevistado estava assumindo na hora da entrevista ou que citou em primeiro lugar. A atividade política partidária, por exemplo, está presente no cotidiano de praticamente todos as lideranças entrevistadas.

Tab. 13  
REGIÃO DE JACOBINA  
OCUPAÇÃO DAS LIDERANÇAS SEGUNDO OS SETORES - 1995

OCUPAÇÃO SEGUNDO SETORES	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Político	3	5,77	26	60,47	29	30,53
Empresarial	9	17,31	11	25,58	20	21,05
Ass. moradores	8	15,38	-	-	8	8,42
Educacional	4	7,69	2	4,65	6	6,32
Sindical	5	9,62	1	2,32	6	6,32
Bancário	4	7,69	1	2,32	5	5,26
Imprensa	4	7,69	-	-	4	4,21
Prod. rural	2	3,85	2	4,65	4	4,21
Religioso	4	7,69	-	-	4	4,21
Ass. Benéfic.	3	5,77	-	-	3	3,16
Jurídico	2	3,85	-	-	2	2,10
Técnico	2	3,85	-	-	2	2,10
Médico	1	1,92	-	-	1	1,05
Militar	1	1,92	-	-	1	1,05
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Por outro lado, no nível regional, a maioria dos entrevistados, 60,47%, está inserido no setor político, seguido do empresarial com 25,58%, e produtores rurais e educadores com 4,65% cada. No total prevalecem os políticos e os empresários com percentuais de 30,53% e 21,05%, respectivamente, demonstrando o poder de concentração de forças nas mãos destes dois setores citados anteriormente.

A partir dessas informações e seguindo as propostas de Daniel (1988), agrupamos as ocupações das lideranças em cada conjunto de poderes com o intuito de dar um melhor encaminhamento a dissertação. Os resultados foram os seguintes (tab. 14): na cidade de Jacobina a maioria dos entrevistados, 73,08%, se insere no contexto do poder social, onde 48,08% pertencem à elite local, composta por bancários, profissionais liberais, imprensa, clubes esportivos e recreativos, igreja, e assalariados de classe média, e 25,00% pertencem aos movimentos sociais, como associações de bairros e sindicatos de trabalhadores. Logo após vem o poder econômico com 21,15%, exercido pelos setores capitalistas, como industriais, comerciantes, produtores rurais e promotores e incorporadores imobiliários, e o poder político, exercido na esfera da administração municipal e na Câmara de Vereadores, com 5,77% (Daniel, 1988).

Tab. 14  
 REGIÃO DE JACOBINA  
 OCUPAÇÃO DAS LIDERANÇAS SEGUNDO OS PODERES LOCAIS - 1995

PODERES LOCAIS	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Político	3	5,77	26	60,47	29	30,53
Social:						
Elites locais	25	48,08	3	6,98	28	29,47
Econômico	11	21,15	13	30,23	24	25,26
Social:						
Mov. sociais	13	25,00	1	2,33	14	14,74
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

No contexto dos entrevistados da região, os resultados apontam para a força do poder político que registra a cifra de 60,47%, seguido de 30,23% do econômico. No total da região, 44,21% são do poder social, onde a elite local ocupa 29,47% e os movimentos sociais, 14,74%. Logo em seguida vem o poder político com 30,53% e o econômico com 25,26%. Os resultados demonstram um relativo equilíbrio em termos de distribuição das lideranças pelos poderes locais, exceto em Jacobina onde o poder social apresenta performances marcantes. Inclusive Corrêa (1989) ao listar e analisar os agentes produtores do espaço urbano, considera os proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Contudo, o referido autor não considera os setores de classe média, que no nosso caso são as elites locais, como produtores do espaço urbano. Consideramos isso como uma falha, uma vez que em cidades como Jacobina, a capacidade de atuação desta classe no espaço urbano e regional é marcante, tendo em vista o prestígio que possuem, os salários que recebem, a capacidade de formar opiniões, de pressionar o governo local em prol dos seus interesses, e o preço da terra, que no nosso caso é mais barato do que nas grandes cidades. Com isso, a marca da elite fica registrada no espaço urbano e regional das cidades, através de aconchegantes casas e condomínios fechados e por parte da geometria espacial resultantes de suas práticas cotidianas.

#### 4.1.6 - Partido político

Por último, procuramos descobrir quais os partidos políticos das lideranças. Isso é importante uma vez que ajuda a entender a prática e o comportamento político dos atores sociais.

A tab. 15 demonstra a superioridade, em termos quantitativos, daqueles que dizem não ter partido político, 51,92%. Os partidários do PFL - Partido da Frente Liberal - ocupam o segundo lugar com 17,31%, seguidos pelos partidários do PT - Partido dos Trabalhadores - com 9,62%. Destaca-se também, o percentual de 7,69% referentes aos que não opinaram. Por outro lado, em termos de região, o percentual dos adeptos do PFL é de 34,88%, seguido do PL - Partido Liberal - com 23,26%. O PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro - aparece com 16,28%, e os que não tem partido somam 13,95%. O total mostra que 34,74% não têm partido político e 25,26% são do PFL.

Tab. 15  
REGIÃO DE JACOBINA  
PARTIDOS POLÍTICOS DAS LIDERANÇAS - 1995

PARTIDO POLÍTICO	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
PFL	9	17,31	15	34,88	24	25,26
PL	-	-	10	23,26	10	10,53
PMDB	-	-	7	16,28	7	7,37
PT	5	9,62	1	2,33	6	6,32
PSDB	4	7,69	-	-	4	4,21
PDT	1	1,92	1	2,33	2	2,10
PTB	2	3,85	-	-	2	2,10
PMN	-	-	1	2,33	1	1,05
PRN	-	-	1	2,33	1	1,05
Sem partido	27	51,92	6	13,95	33	34,74
Não opinou	4	7,69	1	2,33	5	5,26
Total	52	100,00	43	100,00	95	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Esses resultados são referenciais da postura política e ideológica que as lideranças praticam no cotidiano. Mesmo que não estejam totalmente vinculados aos partidos, atuam concordando com os governos que utilizam a mesma sigla. Dessa forma, o liberalismo

político e econômico prevalecem entre as lideranças de Jacobina e região, expressando os anseios dos atuais governos Federal - Fernando Henrique Cardoso - e Estadual - Paulo Souto.

Dessa forma, encerramos este capítulo destacando sinteticamente o perfil das lideranças de Jacobina e região, a partir das interpretações dos dados colhidos em campo. A maioria é composta de homens, casados, com idade média de 38 anos, nascidos na própria região, pertencentes ao poder social e ao partido liberal, e com até a 8ª série ginasial cursada.

No próximo capítulo, já sabendo quem são as lideranças, daremos seqüência às análises destacando os canais de articulação e, sobretudo, as práticas políticas engendradas pelas mesmas no contexto urbano e regional de Jacobina.

## 5 - LIDERANÇAS: ARTICULAÇÃO E AÇÃO NO ESPAÇO URBANO E REGIONAL

Como já foi referido anteriormente, os objetivos aqui são os de desvendar quais as lideranças mais influentes e como se articulam e atuam no contexto urbano regional de Jacobina. Em termos teóricos e metodológicos, a idéia é de apreender articulações entre as referidas escalas a partir de relações de poder envolvendo os diversos atores sociais ou lideranças internas e externas à região de Jacobina.

Inicialmente, a partir da ótica das lideranças, foi possível definir quais os grupos que exercem mais influências. Cada entrevistado de Jacobina citou, quando possível, cinco lideranças que ele considera mais influentes a nível de Jacobina e cinco a nível da região. Depois os resultados foram agrupados em poderes locais, seguindo as propostas analíticas definidas por esta pesquisa. Portanto, conforme mostra a tabela 16, o grupo mais influente em Jacobina é o político/eleitoral com 22,69%, seguidos pelo grupo que considera que não tem

Tab. 16  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA CIDADE DE JACOBINA SOBRE OS GRUPOS  
MAIS INFLUENTES NA CIDADE E REGIÃO 1995

GRUPOS	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Polit./eleit.	59	22,69	25	9,62	84	16,15
Empresarial	38	14,62	14	5,38	52	10,00
Religioso	29	11,16	11	4,23	40	7,69
Sindical	16	6,15	9	3,46	25	4,81
Imprensa	15	5,77	9	3,46	24	4,62
Médicos	12	4,12	2	0,77	14	2,69
Prod. rural	8	3,08	5	1,92	13	2,50
Ass. Comunit.	9	3,46	3	1,15	12	2,31
Esportivos	8	3,08	3	1,15	11	2,12
Educacional	7	2,69	3	1,15	10	1,92
Técnico	4	1,54	2	0,77	7	1,45
Judiciário	2	0,77	1	0,38	3	0,58
Cult./intelec.	1	0,38	1	0,38	2	0,38
Militar	1	0,38	1	0,38	2	0,38
Não tem	51	19,62	171	65,77	222	42,69
Total	260	100,00	260	100,00	520	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

lideranças, com 19,61%. Outros destaques ficam com os grupos empresarial com 14,62% e religioso com 11,16%. Em termos de região, 65,77% consideram que em Jacobina não têm lideranças que tenham um poder de influência nesta escala. Distante deste valor vem o grupo político-eleitoral com 9,62%. Quando os valores da tab. 16 foram agrupados em poderes

locais, a discrepância aumentou consideravelmente (tab. 17). O destaque, neste caso, fica para o poder social, mais precisamente para as elites locais, com 30,38% em Jacobina, seguido do poder político com 22,69%. Em seguida vêm aqueles que consideram que não existem lideranças em Jacobina com 19,61% e o poder econômico com 17,69%. No entanto, 65,77% das opiniões afirmam que não existem lideranças em Jacobina que tenham influência regional. Bem depois vem as elites locais com 12,69%. No geral, prevalecem a opinião dos que não percebem lideranças, com 42,69%.

Tab. 17  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA CIDADE DE JACOBINA SOBRE OS  
PODERES LOCAIS MAIS INFLUENTES EM JACOBINA E REGIÃO - 1995

PODERES LOCAIS	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Social:						
Elites locais	79	30,38	33	12,69	112	21,54
Político	59	22,69	25	9,61	84	16,15
Econômico	46	17,69	19	7,31	65	12,50
Social:						
Mov. sociais	25	9,61	12	4,62	37	7,12
Não tem	51	19,62	171	65,77	222	42,69
Total	260	100,00	260	100,00	520	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

No que se refere aos entrevistados da região, os resultados ratificam os anteriores pois a maior parte, 46,74%, entende que não existem lideranças que tenham um poder de influência que envolva a região de Jacobina como um todo. Em segundo lugar, com 16,28%, vêm aqueles que acreditam no poder regional do grupo político/eleitoral. Quando estes dados foram agrupados por poderes locais, quem apareceu se destacando foram as elites locais com 16,74%, em pé de igualdade com o político/eleitoral que adquiriram 16,28%. Somente depois aparece o poder econômico com 11,40% (tabs. 18 e 19).

Tab. 18  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA REGIÃO DE JACOBINA  
SOBRE OS GRUPOS MAIS INFLUENTES NA REGIÃO  
1995

GRUPOS	REGIÃO	
	Lideranças	%
Político/eleitoral	70	16,28
Religioso	34	7,91
Empresarial	31	7,21
Sindical	21	4,88
Prod. Rural	18	4,19
Ass. Comunitárias	17	3,95
Educacional	13	3,02
Esportivos	10	2,33
Médicos	7	1,63
Judiciário	5	1,16
Culturais/intelectuais	1	0,23
Imprensa	1	0,23
Técnico	1	0,23
Não tem	201	46,74
Total	430	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995

Tab. 19  
 OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA REGIÃO DE JACOBINA  
 SOBRE OS PODERES LOCAIS MAIS INFLUENTES NA  
 REGIÃO - 1995

PODERES LOCAIS	REGIÃO	
	Lideranças	%
Social:		
Elites locais	72	16,74
Político	70	16,28
Econômico	49	11,40
Social:		
Mov. Sociais	38	8,84
Não Tem	201	46,74
Total	430	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995

Estes dados evidenciam o fosso criado na região de Jacobina em termos de lideranças. Sabe-se que nem todas as regiões, sobretudo da Bahia, têm lideranças fortes de dimensão regional.

Contudo, Jacobina é específica neste

contexto, uma vez que a sua história política, principalmente a partir do final do século XIX até meados do nosso século, é marcada pela presença de atores fortes, com poder de influência a nível regional bastante abrangente. Estava presente a figura do coronel. Detentor de poder político e econômico, sendo que este último consubstanciado na concentração de terras ocupadas pela agricultura e pecuária, o coronel distribuía a força do seu mando pelas serras e vales do sertão de Jacobina, adquirindo o mais alto prestígio local e regional. O seu poder era legitimado pelo Estado, na medida que lhe concedia autoridade para executar leis, além de indicar representantes para ocupar cargos de confiança. O poder de um coronel, em muitos aspectos, era de um governador regional e buscava exercer o seu poder paralelo, em termos de importância, ao governo estadual (Teixeira, 1988). As dificuldades de articulações regionais mais longínquas em virtude dos obstáculos proporcionados pelo meio geográfico e pela carência de vias e meios de transportes mais eficientes, fazia com que as regiões mantivessem certo isolamento, e conseqüentemente, relativa independência política e econômica. Mesmo assim, no referido período, observa-se pela fig. 6 que entre 1600 e 1699 já existia um traçado aproximado de estrada aberta que chegava até a atual cidade. Assim como as outras estradas existentes, representava vias de penetração para o interior através da expansão da agricultura e da pecuária. A fig. 7, por sua vez, destaca traçados de estradas abertas a partir de Jacobina, entre 1700 e 1799, em razão da exploração do ouro e da necessidade de se articular com Rio de Contas, que também explorava o ouro (veremos isso na terceira parte desta dissertação) e

com outros lugares para o abastecimento do local. O fato é que a fronteira regional era definida através do poder dos coronéis. O limite final de uma fronteira representava o início de poder de força de outro coronel. Com isso, as práticas oligárquicas e dominadoras destes atores se cristalizavam na região, formando, juntamente com medidas institucionais de divisão regional, o que temos hoje, ou seja, uma região dependente de um centro urbano que no caso é a cidade de Jacobina. Portanto, o processo de centralização urbana analisado, é resultante da ação de atores pretéritos e presentes, locais e regionais, internos e externos, que imprimiram suas ações sobre o espaço. A geometria da centralidade, dessa forma, expressa poder, uma vez que os laços da cidade maior com as menores se dão por dependência, dominação e integração. Mesmo não sendo o objetivo desta pesquisa a análise da prática coronelista, é possível admitir que os atores que montaram e vem mantendo este cenário regional, não atuam aleatoriamente. São atores que cumprem funções e diretrizes definidas pelas regras impostas pela sociedade. São atores sintagmáticos "constituídos por atores-indivíduos que se integram ou são integrados num processo programado" (Raffestin, 1993, p. 40), estando diretamente atrelados à classe que pertencem. De qualquer forma, a marca destes atores ficam registradas no espaço. A geometria da centralidade de Jacobina é uma dessas marcas que teve o seu desenho iniciado a partir da exploração do ouro, no início do século XVIII, e solidificada com os coronéis a partir do século XIX.

Seja como for, as entrevistas realizadas em campo demonstraram que na época dos coronéis - no caso específico de Jacobina, destaca-se a figura do Cel. Francisco Rocha Pires - a cidade tinha um importância regional bem superior a de agora.

Contudo, a proposta aqui não é a de elogio às práticas autoritárias e oligárquicas da época coronelista, mas sim, expor o atual hiato existente no contexto da referida cidade em termos de lideranças políticas. O que existe atualmente em Jacobina, com base nas entrevistas, são lideranças emergentes de caráter urbano e com forte tendência individualista. As

perspectivas são que estas lideranças - inclusive vinculadas às elites locais - reorientem a tradição política, calcada nos anseios das tradicionais famílias locais dominantes.

Por outro lado, é curioso notar que o poder econômico, em termos quantitativos, ocupa o terceiro lugar a nível de influência na cidade e na região, demonstrando que os empresários e os produtores rurais não têm força política. Este espaço deixado pelo poder econômico vem sendo preenchido pelas elites locais, representadas principalmente por médicos e profissionais de imprensa. Os primeiros atuam, muitas vezes, e com base nas entrevistas, através de práticas clientelistas de atendimento a pacientes; os outros, são formadores de opiniões importantes na cidade, apesar de veicular valores enraizados, pertencentes a classe dominante. Estas elites são formadas por grupos heterogêneos, e por isso assumem variados papéis. Porém, a principal característica está no poder de formar opiniões. Como definiu Daniel (1988, p. 30), "elas consistem em agrupamentos sociais que se representam como portadores da tradição local e do esclarecimento, razão pela qual se percebem como responsáveis pela condução do município e pelo seu futuro".

Suas atuações são determinantes na cidade devido a capacidade - quando convém - de penetração nos variados setores da sociedade. Em Jacobina, por exemplo, as elites locais assumem papel de status. Estão infiltradas, muitas vezes, com o poder político, influenciando em decisões municipais e também no poder econômico. Eles disseminam sua cultura política própria e por isso os poderes político e econômico têm expressivo conteúdo dos valores das elites locais, que inclusive é fator preponderante para a legitimação e perpetuação do poder em Jacobina.

Dando seqüência às análises, foi perguntado aos entrevistados da cidade de Jacobina qual o nível de interesse demonstrado pelas lideranças com relação a busca de soluções para os problemas da cidade e da região ( tab. 20). Com relação aos problemas da

cidade a maioria, 46,15%, respondeu que o interesse é médio vindo em seguida pequeno com 19,23% e grande com 17,31%.

Tab. 20  
NÍVEL DE INTERESSE DAS LIDERANÇAS DA CIDADE DE JACOBINA PARA COM OS PROBLEMAS DA CIDADE E DA REGIÃO - 1995

NÍVEIS	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Médio	24	46,15	16	30,77	40	38,46
Pequeno	10	19,23	18	34,62	28	26,92
Nenhum	8	15,38	11	21,15	19	18,27
Grande	9	17,31	6	11,54	15	14,42
Não sabe	1	1,92	1	1,92	2	1,92
Total	52	100,00	52	100,00	104	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Para a solução dos problemas da região, o resultado fica entre pequeno, com 34,62%, médio com 30,77% e nenhum com 21,15%. Estes resultados ratificam o que foi escrito antes em termos de atuação política. Prevalece uma atuação urbana, individualista e atomizada. Foi perguntado também aos entrevistados da região sobre o nível de interesse das lideranças para com os problemas da região ( tab. 21). Os resultados foram mais animadores, uma vez que a maior parte está entre médio e grande, com percentuais de 34,88% e 27,91% respectivamente. É como se o

Tab. 21  
NÍVEL DE INTERESSE DAS LIDERANÇAS DA REGIÃO PARA COM OS PROBLEMAS DA REGIÃO - 1995

NÍVEIS DE INTERESSES	REGIÃO	
	Lideranças	%
Médio	30	34,88
Grande	24	27,91
Pequeno	18	20,93
Nenhum	13	15,12
Não sabe	1	1,16
Total	86	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995

grau de comprometimento diante dos problemas da região de Jacobina ocorresse através de forças centripetas, ou seja, dos centros dominados (municípios vizinhos) para o centro dominante, enquanto que as forças centrífugas ocorresse a partir de Jacobina somente na condição de irradiador de serviços.

Com o intuito de complementar as respostas anteriores, foi perguntado quais as lideranças que mais lutam em prol de Jacobina e região. Cada entrevistado citou, a partir da

sua vivência no local, três atores que foram agrupados por poderes locais (tab. 22). Observa-se que a maior parte dos entrevistados, 37,82%, da cidade de Jacobina entende que não tem lideranças que lutam pela cidade enquanto que 33,97% acreditam nos políticos e 14,10% no econômico. Com relação aos que lutam pela região, os entrevistados de Jacobina responderam o seguinte: 67,95% disseram que não tem, e 17,95%, que os políticos lutam pela região. O poder econômico aparece com 8,33%, revelando pouca credibilidade para os entrevistados.

Tab. 22  
OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS DE JACOBINA SOBRE OS PODERES LOCAIS  
QUE MAIS LUTAM EM PROL DE JACOBINA E REGIÃO - 1995

PODERES	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Político	53	33,97	28	17,95	81	25,96
Econômico	22	14,10	13	8,33	35	11,22
Social:						
Mov. sociais	11	7,05	5	3,21	16	5,13
Social:						
Elites locais	11	7,05	4	2,56	15	4,81
Não tem	59	37,82	106	67,95	165	52,88
total	156	100,00	156	100,00	312	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

A opinião dos entrevistados da região não difere muito das anteriores, pois admitem que 42,63% não lutam pela região. Os políticos são considerados por 34,11% de credibilidade. Já o poder econômico é o menos prestigiado, com 5,43%, perdendo inclusive para os movimentos sociais, considerados por 7,36% dos entrevistados (tab. 23).

Tab. 23  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA REGIÃO  
SOBRE OS PODERES LOCAIS QUE MAIS  
LUTAM EM PROL DA REGIÃO - 1995

PODERES	REGIÃO	
	Lideranças	%
Político	88	34,11
Social:		
Elites locais	27	10,47
Social:		
Mov. sociais	19	7,36
Econômico	14	5,43
Não tem	110	42,63
Total	258	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

De uma maneira geral, é possível perceber, com base nos dados, que a maioria das lideranças consideradas não luta a favor dos interesses de Jacobina e região. Inclusive o próprio poder político não transmite, em termos relativos, tanta credibilidade para os entrevistados. Possivelmente esta relativa credibilidade ocorra devido a pouca participação atual de representantes da região na Assembléia Legislativa da Bahia e no Congresso

Nacional. Os deputados que hoje exercem certa influência de votos e que estão nas Câmaras estadual e federal, não são oriundos da região de Jacobina. São eles: Osvaldo de Souza, eleito Deputado Estadual pelo PFL e tem sua origem na região de Gandu e Haroldo Cedraz, que se elegeu Deputado Federal também pelo PFL, mas tendo sua origem e maior atuação na região do sisal da Bahia. Por outro lado, temos também o Deputado Federal Severiano Moura, eleito pelo PDT e que, atualmente, busca uma maior atuação na região como um todo.

A questão é que estes políticos abraçam causas regionais muito abrangentes e diversificadas que impossibilitam atuações mais direcionadas devido as especificidades das regiões. Isso acaba gerando desgaste por parte dos eleitores que começam, inclusive, a não acreditar mais em suas atuações. Apesar disso, nas últimas três décadas, os representantes de Jacobina na Assembléia Legislativa da Bahia não demonstraram força suficiente para trazer mais benefícios para a região.

No nível local, as dificuldades de atuação também existem. É preciso frisar, no entanto, que o poder político local não é solto e independente. É um microcosmo que está vinculado ao sistema político nacional e até mesmo internacional, o que não implica dizer que não apresente especificidades. Está preso a forças emanadas dos poderes econômico e social que buscam alcançar suas reivindicações através de pressões ou conchavos. Dessa forma, o governo local tem pouca autonomia, mas muitas atribuições em virtude das pressões que são exercidas sobre ele. Por isso, Daniel (1988, p. 33) afirma que "as decisões políticas emanadas da prefeitura constituem o resultado de entrechoques de um sem número de micropolíticas que recortam, de cima para baixo, o poder político local". Na maioria das vezes, as decisões tomadas pelo governo local, como limpeza urbana, saneamento, educação, iluminação e outros, têm, na sua essência, a função de reprodução da força de trabalho. Ao fazer isso, o poder político local reproduz os laços com os poderes econômico e social, recebendo como retorno a

sua legitimação em termos de decisões. São articulações que ocorrem quotidianamente, mas pouco perceptíveis. São ocultas.

O fato é que Jacobina está acéfala em termos de lideranças fortes. O poder econômico, pelo que tudo indica, não tem interesse direto e/ou credibilidade para comandar politicamente a região. As informações demonstraram que desde 1958 quando Florisvaldo Barberino foi prefeito de Jacobina, até os dias atuais com a administração de Carlos Alberto Pires Daltro, Jacobina teve oito prefeitos, todos oriundos do poder social - elites locais - exercendo, como principal atividade econômica, suas formações profissionais. Estas elites se inserem primeiramente no poder político e, posteriormente, no econômico. Para se ter uma idéia da força das elites locais, 5 desses prefeitos são médicos (Lemos, 1994). Como se nota, não há tradição de envolvimento direto do poder econômico no comando político da cidade, nem muito menos de representantes dos movimentos sociais. Logicamente, ocorre que muitas dessas lideranças, além de serem do poder político e social, também são do econômico. Contudo, prevalece a força do político e da elite.

Segundo Daniel (1988, p. 29), o "exercício do poder econômico local é levado a efeito a partir das instituições específicas, que podem ser as próprias empresas, isoladas ou agrupadas, ou mesmo uniões formalizadas dessas em associações representativas de seus interesses". O poder econômico independe do tamanho da empresa. São setores capitalistas que atrelam as suas taxas de lucratividade às ações do poder político local. Geralmente tem poder de influência sobre este, uma vez que determinadas medidas vindas do Governo local, maximizam os lucros e reproduzem o seu capital. Se o poder político local for forte ao ponto de não se influenciar pelas pressões do poder econômico, este último sente-se prejudicado e então é evidenciada uma crise. Caso o poder político tenha força nas atribuições, verbas, e seja articulado aos segmentos dominantes da sociedade, o poder econômico passa a ter uma atuação e amplitude maior. Dessa forma, passa a existir uma correlação de forças envolvendo os atores

políticos e econômicos. Se o poder econômico não assume a liderança política de Jacobina, provavelmente a razão esteja neste aspecto: é mais vantajoso influenciar e pressionar do que atuar diretamente.

Por outro lado, os dados também vem mostrando que o poder social, vinculado aos movimentos sociais, como sindicatos de trabalhadores, associações de bairro etc, apresenta um respaldo considerável em termos urbano e regional. Talvez isso ocorra devido à atuação regional exercido por alguns sindicatos, como o dos bancários, dos mineiros e da delegacia sindical do ouro, ligado à APLB - Associação dos Professores Licenciados da Bahia. O sindicato dos bancários de Jacobina e região - com sede na referida cidade - atua envolvendo 14 municípios; o sindicato dos mineiros, que até então tinha uma prática de dimensão urbana, ampliou sua área de atuação para 21 municípios; por fim, a delegacia sindical do ouro, que abrange 7 municípios.

As atuações dos movimentos sociais, neste contexto, parte de um único sentimento: a consciência de necessidades materiais e simbólicas não alcançadas ou desapropriadas. Os conflitos estabelecidos entre os movimentos sociais contra o poder econômico e político expressam a consciência de perda, de carência e de necessidade. Daí o objetivo de ampliarem suas ações por espaços mais abrangentes, projetando na mente da comunidade o seus engajamentos para com as causas da região de Jacobina. É uma forma de poder que muitas vezes tem pouca visibilidade. No entanto, como fala Raffestin (1993, p. 52) "o mais perigoso é aquele que não se vê, ou que não se vê mais porque se acreditou tê-lo derrotado, condenando-o à prisão domiciliar". Isso significa dizer que os movimentos sociais de Jacobina e região, inclusive através dos dados, não estão destruídos. Pelo contrário, estão se reconstituindo com novas diretrizes, como é o caso do sindicato dos mineiros que ampliou sua área de atuação.

Dando seqüência às análises de dados, foi perguntado também sobre o nível de articulação das lideranças em prol dos interesses do município de Jacobina e região. Como podemos observar na tab. 24, 44,23% dos entrevistados não vêem qualquer articulação, seguido por 26,92% que indicam pequena e 19,23%, que citam uma média articulação. Considerando as respostas para os níveis nenhuma articulação e não sabe, tendo cada um destes percentuais na ordem de 44,23% e 9,62% respectivamente, o percentual eleva-se para

Tab. 24  
OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS DE JACOBINA SOBRE O NÍVEL DE ARTICULAÇÃO  
DAS LIDERANÇAS EM PROL DOS INTERESSES DE JACOBINA E REGIÃO - 1995

NÍVEIS	CIDADE DE JACOBINA		REGIÃO		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Grande	-	-	-	-	-	-
Médio	10	19,23	7	13,46	17	16,35
Pequeno	14	26,92	13	25,00	27	25,96
Nenhum	23	44,23	26	50,00	49	47,12
Não sabe	5	9,62	6	11,54	11	10,58
Total	52	100,00	52	100,00	104	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

53,85%. Os entrevistados de Jacobina também opinaram que 50,00% das lideranças não se articulam em torno de interesses regionais. Esta cifra é seguida por 25,00% e 13,46% que notam pequena e média articulação, respectivamente. A referida tabela contribui para melhor compreender as articulações e as práticas de poder em Jacobina. Comprova mais uma vez que as lideranças são, no seu aspecto visível, desarticuladas e atomizadas. Estas relações de poder projetam-se sobre o espaço urbano e regional, que podem ter outros valores e práticas de relações. O resultado deste choque de relações pode ser positivo ou negativo. Quando não há receptividade para estas práticas, a região cria e elege outras lideranças. Quando há uma receptividade - que é o mais comum de acontecer - a região fica sem representatividade, fragmentada, sem projetos e poder de barganha em outras escalas de poder. Neste caso a região, aliado a outros fatores, pode entrar em crise. Observando-se os dados fica evidente uma atomização inter classe e inter espaços em torno de articulação visando o bem estar da região.

Por sua vez, a tab. 25, relacionada a opinião dos entrevistados da região, mostra resultados mais animadores, pois 34,88% entendem que há média articulação entre as lideranças em prol da região. Este percentual é seguido por 29,07% que vêem

como grande, e 13,95%, como nenhuma. Tudo leva a crer que as lideranças de Jacobina são as mais desestruturadas.

Com o intuito de articular as relações de poder emanadas da região de Jacobina com espaços mais abrangentes de escalas estadual e federal, foi perguntado sobre o nível de

articulação entre o governo local de Jacobina e o

Governo do Estado da Bahia (tab. 26). Dos entrevistados, 82,70% afirmaram que não existe nenhuma articulação entre as duas esferas de poder, seguido de 9,62% que consideram que há uma pequena articulação.

Tab. 26  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS SOBRE O NÍVEL DE ARTICULAÇÃO ENTRE O GOVERNO LOCAL DE JACOBINA E O GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA 1995

NÍVEIS	CIDADE DE JACOBINA	
	Lideranças	%
Grande	-	-
Médio	-	-
Pequeno	5	9,62
Nenhum	43	82,70
Não sabe	4	7,70
Total	52	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

A mesma pergunta foi feita às lideranças da região de Jacobina (tab. 27). Neste caso, 41,86% confirmaram uma grande articulação entre a região e o Governo do Estado da Bahia. Este valor é seguido de 23,26% que consideram média, e 18,60% pequena. Observa-se neste aspecto, que a cidade de Jacobina não espelha sua região, em termos de relações de poder. Verifica-se também que a centralidade materializada em forma de hierarquia de centros urbanos, onde as pessoas das pequenas cidades procuram os centros

Tab. 25  
OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS DA REGIÃO DE JACOBINA SOBRE O NÍVEL DE ARTICULAÇÃO DAS LIDERANÇAS EM PROL DOS INTERESSES DA REGIÃO 1995

NÍVEIS	REGIÃO	
	Lideranças	%
Grande	25	29,07
Médio	30	34,88
Pequeno	13	15,12
Nenhum	12	13,95
Não sabe	6	6,98
Total	86	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Tab. 27  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA REGIÃO SOBRE O NÍVEL DE ARTICULAÇÃO ENTRE A REGIÃO E O GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA - 1995

NÍVEIS	REGIÃO	
	Lideranças	%
Grande	18	41,86
Médio	10	23,26
Pequeno	8	18,60
Nenhum	6	13,95
Não sabe	1	2,33
Total	43	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

urbanos maiores para suprirem suas necessidades em termos de bens e serviços, não vem ocorrendo quanto às relações de poder, pois este é fluido, é virtual e não se encerra somente dentro dos limites municipais. Os municípios da região de Jacobina "desobedeceram" as escadas impostas pela hierarquia urbana e saltaram diretamente para outras escalas. O fato é que neste aspecto, o governo local de Jacobina, na figura do prefeito, está ilhado politicamente, pois tanto o Governo do Estado da Bahia, Paulo Souto, quanto o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sendo este último do partido do prefeito - PSDB, não receberam apoio daquele nas últimas eleições. A relação do Prefeito de Jacobina, Carlos Daltro, com o Governador da Bahia, Paulo Souto, é difícil, inclusive porque o referido Governador é ligado politicamente ao Senador Antonio Carlos Magalhães, do PFL, sabido por todos em Jacobina que é inimigo do prefeito.

Com base no jornal Primeira Página, de edição semanal, da cidade de Jacobina, Paulo Souto ganhou praticamente em todas as cidades da região. Em Jacobina, o referido candidato do PFL conquistou 25,72% dos votos, enquanto Jutahy Magalhães, candidato apoiado pelo prefeito, conquistou apenas 14,34% dos votos.

Foi perguntado também sobre a articulação entre o governo local e o federal (tab. 28). Neste caso, 61,54% dos entrevistados de Jacobina afirmaram que não existem articulações, seguido de 21,15% que consideraram pequena.

Tab. 28  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS SOBRE O NÍVEL DE ARTICULAÇÃO ENTRE O GOVERNO LOCAL DE JACOBINA E O GOVERNO FEDERAL - 1995

NÍVEIS	CIDADE DE JACOBINA	
	Lideranças	%
Grande	-	-
Médio	2	3,85
Pequeno	11	21,15
Nenhum	32	61,54
Não sabe	7	13,46
Total	52	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Tab. 29  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA REGIÃO SOBRE O NÍVEL DE ARTICULAÇÃO ENTRE A REGIÃO E O GOVERNO FEDERAL - 1995

NÍVEIS	REGIÃO	
	Lideranças	%
Grande	8	18,60
Médio	9	20,93
Pequeno	11	25,58
Nenhum	11	25,58
Não sabe	4	9,30
Total	43	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Também a mesma pergunta foi feita para as lideranças da região sobre as articulações entre a região e Governo Federal (tab. 29). Dessa forma, 25,28% afirmam que

existe uma pequena articulação e outros 25,28% disseram não haver nenhuma articulação.

Apesar da pouca articulação quantitativa entre os governos local/estadual/federal, o então candidato Fernando Henrique Cardoso, atual Presidente da República, saiu vitorioso em todas as cidades da região de Jacobina, segundo o jornal Primeira Página do dia 18 de outubro de 1995.

No terceiro capítulo desta dissertação, concluímos as análises levantando algumas indagações. Uma delas foi: será que a pouca articulação entre os atores internos e entre esses e os externos expressam a prática política exercida pelos atores sociais da região? Diante das análises realizadas até agora a resposta é afirmativa e, dessa forma, o motivo principal da pouca mobilização/participação ocorrida em torno do seminário promovido pela ACIJA em 1991 está na deficiente articulação de caráter urbano e regional que ocorre em Jacobina. Os resultados demonstraram, inclusive, a pouca participação dos empresários. Então, apesar de ter sido um evento localizado e recente podemos generalizar, com a ajuda dos dados, que a desmobilização e a desarticulação são as principais características atuais das práticas políticas dos atores da região, e de Jacobina, em particular. Ora, já vimos antes que as práticas dos atores envolvem, na verdade, relações de poder. E este é fluido, é virtual, é exercido intencionalmente e está em todos os lugares (Raffestin, 1993). O espaço é, dessa forma, cenário dos atores sociais. Mais que isso, o espaço é, ao mesmo tempo, continente/conteúdo das relações de poder, visível através da geometria espacial que é desenhada como resultado das referidas relações. Portanto, a crise de mobilização e de articulação das lideranças vem repercutindo diretamente no espaço. Por isso, se há uma crise regional em Jacobina, é porque há uma crise nas práticas políticas das lideranças; se há uma crise regional em Jacobina é porque há também uma crise de hegemonia<sup>1</sup> das lideranças dominantes na região, em virtude do início da deteriorização dos valores burgueses impostos sobre a classe dominada. A realização do seminário de Jacobina, além de poder ser visto como uma nova estratégia

regional, pode ser entendido também como uma tentativa de setores da classe dominante em resgatar a hegemonia em crise.

A partir do próximo capítulo, o destaque é para a relação entre as práticas políticas das lideranças e o espaço urbano e regional de Jacobina. Os objetivos são de desvendar, com maior clareza, possíveis vínculos entre a crise das lideranças e a crise da região.

## NOTAS

- 1 - A noção de hegemonia aqui adotada é originária de Gramsci "que significa o domínio ideológico dos valores e normas burguesas sobre as classes subalternas" (Carnoy, 1990 p. 90).

## 6 - DESENVOLVIMENTO URBANO E REGIONAL DE JACOBINA PELA ÓTICA DAS LIDERANÇAS

No capítulo anterior, analisamos as articulações entre os diversos atores sociais, dentro do contexto dos poderes locais, com o intuito de melhor visualizar as suas práticas. Ficou evidenciado o caráter atomizado dos atores locais, além da acefalia em termos de lideranças na região, capazes de ter uma atuação mais direcionada na Assembléia Legislativa da Bahia e no Congresso Nacional. Este capítulo tem por objetivo analisar as articulações entre as escalas urbana, regional, estadual e nacional através da percepção dos entrevistados sobre o desenvolvimento de Jacobina. O ponto de partida foi o resultado da pesquisa de campo, uma vez que algumas perguntas foram voltadas para a caracterização do município e da região de Jacobina (ver anexos).

Inicialmente foi perguntado às lideranças sobre o nível de interesse demonstrado pelas esferas de poder municipal, estadual e federal, diante dos problemas de Jacobina (tab. 30). O resultado mostra que até mesmo no plano municipal, o interesse pelos problemas da cidade é pequeno, cerca de 30,77% se posicionaram neste nível, seguido por 26,92% e 25,00% que consideram interesses grande e médio, respectivamente. No que se refere ao interesse do

Tab. 30  
NÍVEIS DE INTERESSE DEMONSTRADOS PELAS ESFERAS DE PODER MUNICIPAL, ESTADUAL E FEDERAL DIANTE DOS PROBLEMAS DE JACOBINA - 1995

NÍVEIS	ESFERAS DE PODER							
	MUNICIPAL		ESTADUAL		FEDERAL		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Grande	14	26,92	1	1,92	-	-	15	9,62
Médio	13	25,00	8	15,38	5	9,61	26	16,67
Pequeno	16	30,77	21	40,38	14	26,92	51	32,69
Nenhum	7	13,46	21	40,38	29	55,77	57	36,54
Não sabe	2	3,85	1	1,92	4	7,69	7	4,49
Total	52	100,00	52	100,00	52	100,00	156	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

governo estadual 40,38% apontam como pequeno, enquanto outros 40,38% apontam como nenhum. Somente 15,38% disseram que este tem um médio interesse pela região. No âmbito federal, os resultados são ainda piores pois 55,77% dos entrevistados disseram que não há

nenhum interesse do governo federal, e 26,92%, que o comprometimento é pequeno. Em termos gerais se destaca o nenhum interesse com 36,54%, para com os problemas de Jacobina.

Por outro lado, o grau de interesse demonstrado pelo governo municipal para com a região é apontada com grande, com cifra de 33,68% das opiniões (tab. 31). Logo depois aparecem os níveis médio e pequeno, cada um com 21,10%. O governo estadual não apresenta compromisso com a região, pois os resultados foram: 31,58% pequeno, e 30,53%, nenhum. As lideranças afirmaram também que o governo federal não tem nenhum interesse para com a região, 52,63%, acompanhado de longe por 22,10%, que consideram pequeno. Apesar de tudo isso, vimos no capítulo anterior que os atuais governos estadual e federal saíram vitoriosos na maioria dos municípios da região. No geral, o nenhum interesse predomina com 32,28%. A esperança é que o Projeto "Sertão Forte" divulgado pelo Governo do Estado chegue realmente na região de Jacobina.

Tab. 31  
NÍVEIS DE INTERESSE DEMONSTRADOS PELAS ESFERAS DE PODER MUNICIPAL,  
ESTADUAL E FEDERAL DIANTE DOS PROBLEMAS DA REGIÃO - 1995

NÍVEIS	ESFERAS DE PODER							
	MUNICIPAL		ESTADUAL		FEDERAL		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Grande	32	33,68	8	8,42	2	2,10	42	14,74
Médio	21	22,10	19	20,00	9	9,47	49	17,19
Pequeno	21	22,10	30	31,58	21	22,10	72	25,26
Nenhum	13	13,68	29	30,53	50	52,63	92	32,28
Não sabe	8	8,42	9	9,47	13	13,68	30	10,53
Total	95	100,00	95	100,00	95	100,00	285	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Os dados destas tabelas reafirmam o vazio de lideranças em Jacobina e região. Não há grande interesse por Jacobina, nem mesmo por parte do governo municipal. Dessa forma, a cidade e a região estão a deriva, pois não tem projetos claros de desenvolvimento, não tem poder de mobilização, não tem lideranças e ninguém se interessa por elas.

Mas os resultados não param por aí. Para um melhor esclarecimento desta questão, perguntamos às lideranças de Jacobina, como elas vêem a referida cidade, em termos

de desenvolvimento, no contexto da região e do Estado da Bahia. (tab. 32). Segundo os dados, Jacobina está com um desenvolvimento ruim, 57,69%, no contexto da região, seguido de longe por regular, 19,23%, e bom, 15,38%. No contexto do Estado da Bahia a situação piora, pois o percentual de ruim sobe para 69,23%, e para o regular chega a 23,08%. No total, a realidade está entre ruim com 63,46% e regular, 21,16%.

Tab. 32  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA CIDADE DE JACOBINA SOBRE O NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO DA REFERIDA CIDADE NO CONTEXTO DE SUA REGIÃO E DO ESTADO DA BAHIA - 1995

NÍVEIS	REGIÃO		ESTADO DA BAHIA		TOTAL	
	Lideranças	%	Lideranças	%	Lideranças	%
Ótimo	-	-	-	-	-	-
Bom	8	15,38	2	3,85	10	9,62
Regular	10	19,23	12	23,08	22	21,16
Ruim	30	57,69	36	69,23	66	63,46
Não opinou	4	7,69	2	3,85	6	5,77
Total	52	100,00	52	100,00	104	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995.

Perguntamos também para as lideranças de Jacobina e região, sobre o nível de desenvolvimento da citada região no contexto do Estado da Bahia (tab. 33). Responderam que está ruim 46,32%, regular, 26,32% e bom 18,95%. Os resultados destas duas últimas tabelas complementam-se e expressam o ponto de vista das lideranças quanto a questão do

Tab. 33  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS SOBRE O NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO DE JACOBINA NO CONTEXTO DO ESTADO DA BAHIA - 1995

NÍVEIS	REGIÃO	
	Lideranças	%
Ótimo	2	2,10
Bom	18	18,95
Regular	25	26,32
Ruim	44	46,32
Não opinou	6	6,32
Total	95	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

desenvolvimento no contexto das escalas regional e estadual. É um diagnóstico importante pois é elaborado a partir da ótica dos próprios atores sociais.

Apesar de tudo, segundo os dados da tab. 34, 55,77% dos entrevistados da cidade de Jacobina entendem que a mesma exerce uma grande importância para região, seguida de média com 28,85%. Entendemos que estes últimos percentuais poderiam ser

melhores. No entanto, os dados ajudam a comprovar a relativa fraqueza de Jacobina no contexto de sua própria região.

Também estávamos interessados em saber como as lideranças percebem o

aproveitamento de recursos que chegam em Jacobina e região. Consideramos os recursos de maneira abrangentes, inclusive envolvendo os repasses de arrecadação por parte dos governos estadual e federal.

Neste sentido, perguntamos em primeiro lugar às lideranças de Jacobina, se faltam recursos para o município. Para 75,00% a resposta foi sim, e não sabe, 15,38%; depois perguntamos as lideranças da região sobre a falta de recursos. A maioria, 83,72%, respondeu que faltam recursos (tabs. 35 e 36).

Tab. 35  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DE JACOBINA  
SOBRE A POSSÍVEL FALTA DE RECURSOS  
ECONÔMICOS PARA O MUNICÍPIO - 1995

RESPOSTAS	JACOBINA	
	Lideranças	%
Sim	39	75,00
Não	5	9,62
Não sabe	8	15,38
Total	52	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

Tab. 36  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DA REGIÃO  
SOBRE A POSSÍVEL FALTA DE RECURSOS  
ECONÔMICOS PARA O MUNICÍPIO - 1995

RESPOSTAS	REGIÃO	
	Liderança	%
Sim	36	83,72
Não	4	9,30
Não sabe	3	6,98
Total	43	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

Quando perguntados sobre o aproveitamento dos recursos econômicos que chegam ao município de Jacobina, 42,30% das lideranças responderam que são mal aproveitados, seguidos de 34,62% que acham regular. Apenas 7,69% consideram um ótimo aproveitamento (tab. 37).

Em termos de região os resultados são parecidos, uma vez que 41,86% consideram como um ruim aproveitamento de recursos, seguido de 20,93% que consideram regular (tab. 38).

Tab. 34  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DE JACOBINA SOBRE  
O NÍVEL DE IMPORTÂNCIA DA REFERIDA  
CIDADE PARA A REGIÃO - 1995

NÍVEIS	JACOBINA	
	Lideranças	%
Grande	29	55,77
Médio	15	28,85
Pequeno	6	11,54
Não opinou	2	3,85
Total	52	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

Tab. 37  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DE JACOBINA  
QUANTO AO APROVEITAMENTO DOS RECURSOS  
PÚBLICOS QUE CHEGAM AO MUNICÍPIO - 1995

NÍVEIS	JACOBINA	
	Lideranças	%
Ótimo	4	7,69
Bom	-	-
Regular	18	34,62
Ruim	22	42,31
Não opinou	8	15,38
Total	52	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

Tab. 38  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS QUANTO AO  
APROVEITAMENTO DE RECURSOS QUE  
CHEGAM A REGIÃO - 1995

NÍVEIS	REGIÃO	
	Lideranças	%
Ótimo	5	11,63
Bom	7	16,28
Regular	9	20,93
Ruim	18	41,86
Não opinou	4	9,30
Total	43	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

Como se nota, mesmo considerando a falta de recursos para o município e para a região, as lideranças entendem que os poucos que chegam são mal aproveitados. Ainda assim, Jacobina é vista como um importante centro regional, apesar do atraso de desenvolvimento no contexto do Estado da Bahia.

Para concluir, mais três perguntas relacionadas ao desenvolvimento regional foram feitas. Primeiramente perguntamos às lideranças de Jacobina se o município está em crise. Responderam sim 92,23% e não, 1,92%. No âmbito da região, 97,67% responderam sim, enquanto que apenas 2,33% disseram não (tabs. 39 e 40).

Tab. 39  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DE JACOBINA SOBRE  
A POSSÍVEL CRISE DO MUNICÍPIO - 1995

RESPOSTAS	JACOBINA	
	Lideranças	%
Sim	49	92,23
Não	1	1,92
Não sabe	2	3,85
Total	52	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

Tab. 40  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS SOBRE A POSSÍVEL  
CRISE DA REGIÃO - 1995

RESPOSTAS	REGIÃO	
	Lideranças	%
Sim	42	97,67
Não	1	2,33
Total	43	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

Quando perguntamos o tipo de crise, alguns entrevistados definiram mais de um. O resultado é que 32,58% de Jacobina entendem que é econômica, e 31,06% que vêem como política. Um pouco mais afastado vem a crise social com 20,45% (tab. 41).

Em termos regionais, entendem que a crise é econômica, 54,29%, seguida de política, 25,71%. A cultural e a social aparecem com 10,00% cada uma (tab. 42).

Tab. 41  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS DE JACOBINA  
SOBRE OS TIPOS DE CRISE QUE AFETAM  
O MUNICÍPIO - 1995

TIPOS DE CRISE	JACOBINA	
	Citações por lideranças	%
Econômica	43	32,58
Política	41	31,06
Social	27	20,45
Cultural	18	13,64
Não opinou	3	2,27
Total	132	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

Tab. 42  
OPINIÃO DAS LIDERANÇAS SOBRE OS TIPOS  
DE CRISE QUE AFETAM A REGIÃO - 1995

TIPOS DE CRISE	REGIÃO	
	Citações por lideranças	%
Econômica	38	54,29
Política	18	25,71
Cultural	7	10,00
Social	7	10,00
Total	70	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 1995.

O que se percebe até agora é uma certa coerência nas respostas dos entrevistados. No geral, apontam para os poucos recursos existentes nas cidades, sendo que os que recebem são mal aproveitados, fazendo com que a região como um todo, sofra com a crise econômica e política.

Por fim, foi perguntado sobre o desempenho de Jacobina em termos de oferecimento de serviços (saneamento, limpeza urbana, lazer, saúde, educação e segurança) para a população. Mesmo sabendo que alguns serviços são melhor oferecidos que outros, a maioria dos entrevistados, 51,92% respondeu que é ruim enquanto que 34,62% que consideram regular (tab. 43).

Tab. 43  
DESEMPENHO DA CIDADE DE JACOBINA  
COM RELAÇÃO AO OFERECIMENTO DE  
SERVIÇOS À POPULAÇÃO - 1995

NÍVEIS	JACOBINA	
	Lideranças	%
Ótimo	-	-
Bom	5	9,62
Regular	18	34,62
Ruim	27	51,92
Não opinou	2	3,85
Total	52	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 1995

As análises de dados efetuadas até agora nos permite traçar um quadro nada animador da realidade regional. A primeira constatação é que a região está atravessando uma crise de dimensão econômica, política e social. Em termos político, notou-se que a crise está em virtude da falta de lideranças e do individualismo dos atores sociais, principalmente em

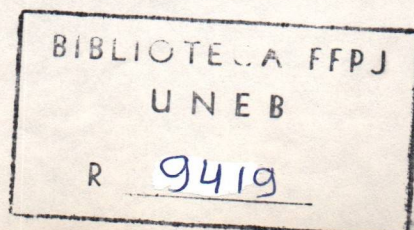
Jacobina que não tem mais representantes fortes nas escalas local, estadual e federal. A repercussão dessa realidade atinge diretamente o município pois, sem representantes, dificilmente os recursos chegarão à cidade e à região como um todo. As conseqüências são o atraso econômico e deficiências no oferecimento de serviços básicos para a população.

Os problemas sociais de Jacobina e da região, aumentam diariamente. Como não se tem opções para trabalhar, devido à falta de financiamento para a agricultura, as freqüentes estiagens, e todos os ingredientes de ordem política que acabamos de analisar, aumentam a violência e a mendicância que começam a fazer parte do cotidiano. A crise é tão grande, que municípios da região estão enviando mendigos para Jacobina, segundo denúncias da prefeitura local. O que temos de fato é um processo aguçado de exclusão social, permitindo o aumento da pobreza.

Contudo, se a região está em crise, viva. Mais do que um aspecto negativo, a crise estimula à reflexão e à autocrítica. Significa a revisão de práticas e de atitudes por parte dos poderes político, econômico e social. Só a crise pode estimular mudanças. Entendemos que a região de Jacobina está diante deste dilema: ou pára, com o objetivo de repensar o seu futuro em termos políticos, econômicos e sociais, ou então continua à deriva, acéfala, com poucas perspectivas de desenvolvimento, com acentuados problemas sociais e perdendo espaço para outros centros regionais como Senhor do Bonfim e Juazeiro.

Diante dos resultados alcançados até agora, as questões que se levanta são: será que realmente Jacobina está em crise e perdendo espaço para outros centros regionais? Como vem se comportando Jacobina, em termos de crescimento, com relação a outros centros próximos a ela, como Irecê, Juazeiro e Senhor do Bonfim? Qual a atual função de Jacobina no contexto regional e no Estado da Bahia?

Estas são algumas indagações que responderemos na próxima parte desta dissertação. Para tanto, faremos um aprofundamento da realidade urbano e regional de



Jacobina em termos da sua gênese, evolução e características. O ponto de partida é o estabelecimento de tempos históricos com o intuito de melhor compreender a mutabilidade da região, pois esta é resultante de múltiplos processos - históricos, políticos, econômicos, sociais e psicológicos - que datam de idades diferentes, o que acaba lhe dando um grau maior de particularidade (Corrêa, 1987, 1989 e 1994). Ressaltamos também que apesar do esforço em buscar o resgate histórico, não é o nosso objetivo fazer um profundo dissecamento temporal, pois a nossa prioridade é para o momento atual, mais precisamente pós 1989. Sendo assim, os cortes temporais existentes devem ser compreendidos também como um caráter didático que objetiva colocar em evidência os momentos diferenciados que caracterizaram o processo genético-evolutivo da região de Jacobina.

Nesse sentido, determinamos cinco períodos históricos com base em marcos temporais relevantes que permitem caracterizar as fases de expansão do referido espaço regional. São eles:

- 1 - Período que se caracteriza pela descoberta e exploração do ouro que possibilitaram a gênese e evolução de Jacobina (1700 a 1779);
- 2 - Período marcado pela criação da cidade de Jacobina, da descoberta do diamante na Chapada Diamantina e pela crise na atividade de exploração do ouro (1800 a 1899);
- 3 - Período destacado pelo acirramento da crise na exploração mineral, devido a descoberta do diamante na Chapada Diamantina e pela reafirmação regional de Jacobina através do desenvolvimento da agricultura, da pecuária e do comércio (1900 a 1939);
- 4 - Período caracterizado pelo início da crise de hegemonia regional de Jacobina devido a implantação de rodovias e de projetos agropecuários em outras regiões (1940 a 1970); e
- 5 - Período marcado pelo acirramento da crise regional, do aguçamento dos problemas socio-espaciais de Jacobina e pela definição de estratégias em defesa da região (1970 até os dias atuais).

A análise desses períodos é o tema central da próxima parte desta pesquisa.

**PARTE III**

**GÊNESE E EVOLUÇÃO  
DE  
JACOBINA E REGIÃO**

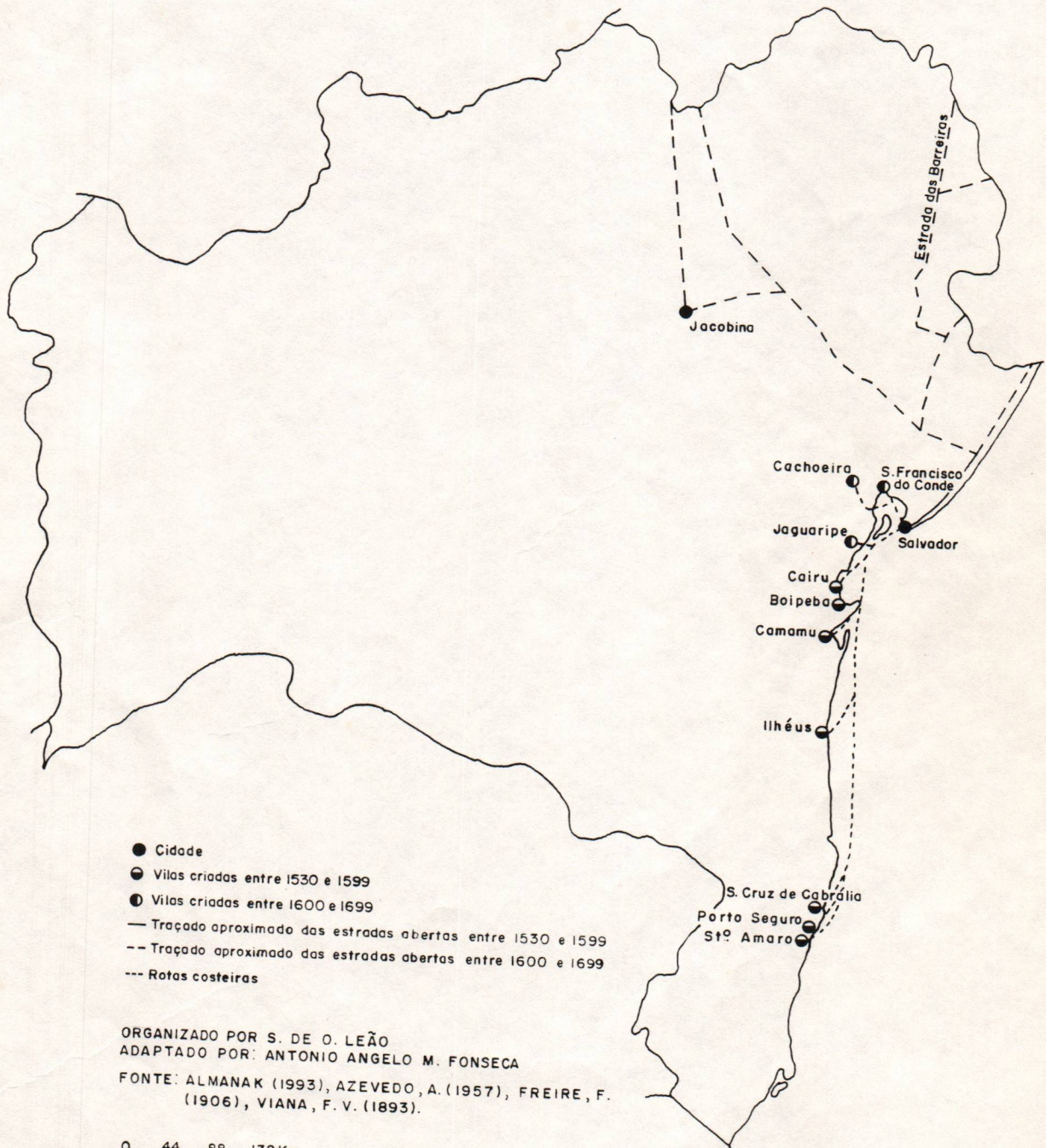
## 7 - GÊNESE E EVOLUÇÃO DE JACOBINA (1700 A 1779)

O acervo bibliográfico referente a história da região de Jacobina ainda é muito escasso. Os poucos trabalhos existentes estão atrelados a histórias oficiais. A nossa esperança é que num futuro próximo, devido a existência dos cursos de Geografia, História e Letras na Faculdade de Formação de Professores de Jacobina, pesquisas possam ser estimuladas e realizadas para que se amplie o acervo bibliográfico. Como isso ainda não é possível, fizemos um rastreamento bibliográfico que permite apreender aspectos relevantes de Jacobina e região, capazes de suprir os objetivos aqui propostos.

Como já destacamos no primeiro capítulo, o que se denomina hoje de região de Jacobina é, na verdade, ramificações oriundas de um único tronco que foi o território de Jacobina estruturado a partir do início do século XVIII. A história de Jacobina é a história de sua região. Portanto temos aí uma região histórica que, apesar da fragmentação que passou o seu território, como veremos mais adiante, tem a sua gênese no início do século XVIII.

Até o final do século XVII o povoamento baiano estava concentrado basicamente na parte litorânea, em torno da cultura açucareira, envolvendo já as áreas do Recôncavo e seguindo ao sul até Porto Seguro. Apesar disso já se tinha notícias da penetração para o interior do território através da expansão da pecuária e da agricultura de subsistência (fig. 6). O acesso até então era difícil em virtude da precariedade das estradas o que nos força a admitir a fraca articulação entre a área litorânea e o sertão. Mesmo assim, a área do atual município de Jacobina já tinha sido alcançada, servindo como "descanso das boiadas oriundas do vale do São Francisco e que se destinavam ao Recôncavo" (Fonseca & Silva, 1993, p. 45). Estas informações fortalecem-se com as declarações de Costa (1918, p. 271) ao escrever que "em torno da Lagoa do Gago ficavam currais e vaqueiros, guardadores, com encarrego de zelar a fazenda, enquanto pelos embrechados de serras da Bananeira, do Ouro Fino e da Picula eram

FIG. 6  
**EXPANSÃO DO POVOAMENTO  
 1530 - 1699**



Desenho: Cristina Menezes

tabas dos Paiaiás, dominando a embocadura do Rio do Ouro (...)" . A Lagoa do Gago, hoje é chamada de Lagoa de Antônio Sobrinho.

As características do povoamento modificam-se a partir de 1701 quando são descobertas 4 palhetas de ouro em terras de Jacobina. Este acontecimento ocasionou, posteriormente, atração populacional, devido as notícias que cortavam as raras estradas do território baiano. Vieram garimpeiros e demais aventureiros ávidos por uma gema que pudesse mudar as suas condições de vida, apesar de ser proibida a garimpagem. Jacobina era vista como a "Canaã de suas venturas maiores" (Costa, 1918 p. 271).

A partir de então, a população do local cresce consideravelmente, instalando-se às margens dos rios em cabanas distribuídas desorganizadamente, com uma população estimada em 2000 pessoas.

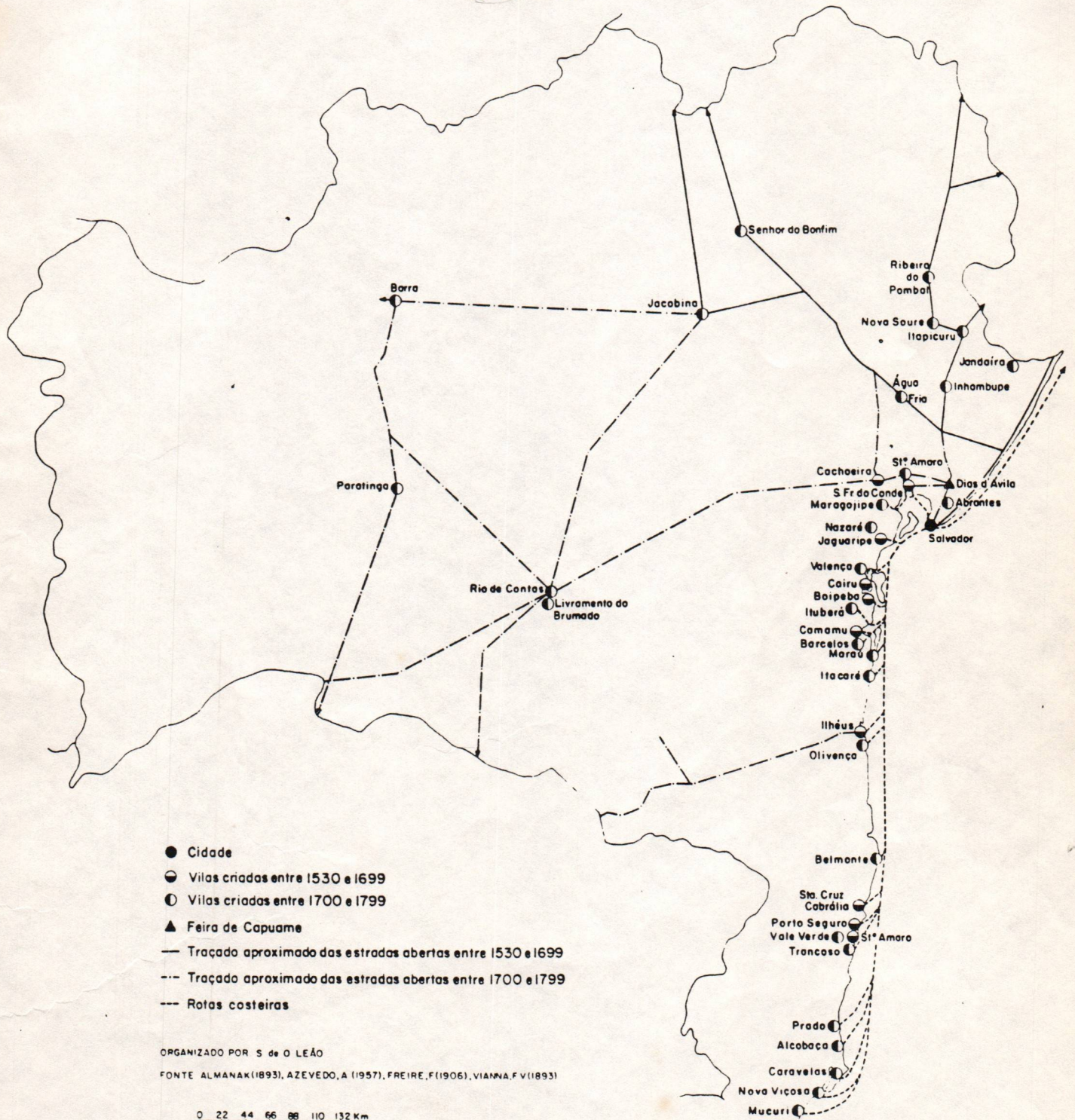
Os problemas sociais eram muitos. Inclusive as péssimas condições de vida e a violência, expressavam um cenário de desordem no arraial que só começou a mudar a partir de 05 de agosto de 1720 quando foi transformado em vila e liberada a mineração. Foi a primeira vila criada no sertão baiano.

Com base em Costa (1918), o índice de violência, desde então, cai sensivelmente, registrando por espaço de dois anos, dois homicídios, em detrimento dos 532 praticados entre 1710 e 1721, numa média de 48,4 homicídios por ano. A tendência de Jacobina, desde então, foi só a de crescer, iniciando o desenho da geometria espacial que se mantém até os nossos dias, ou seja, os primeiros traços do desenho de uma região de influência, onde Jacobina era o centro. Ainda é Costa (1918, p. 272) que ilustra bem esta realidade ao afirmar que "Jacobina agrandava-se distribuindo o mando de sua autoridade pelas imensas terras que lhe deram a governar". Nota-se pelas palavras do autor - mando, autoridade - que a relação entre Jacobina e seu entorno é, historicamente, de dominação e poder.

No contexto regional, o importante dessa época foi a criação da Vila Nossa Senhora do Livramento de Minas do Rio de Contas (atual cidade do Livramento de Brumado) em 1724, sendo transferida em 1746 para o local da atual cidade de Rio de Contas, o que forçou a abertura de uma via de acesso ligando a referida vila à de Jacobina em 1725, e posteriormente, outra que ligava Jacobina à Barra (fig. 7). Logo após, em 1727, foram construídas duas casas de fundição, uma em cada vila. Isso representou um relevante canal de articulação regional que se abriu para o sertão da Bahia, tendo Jacobina como uma das ou a mais importante "porta de entrada". Aí está a gênese de Jacobina e, por extensão, novas perspectivas de vida para o local, calcada na riqueza da sua mineração. Segundo Costa (1918, p. 272) "o ouro primeiro deu-lhe vida. O ouro secundariamente desenvolveu-a sendo a mais antiga vila dos sertões da Bahia, e de todas a de mais importância a seu tempo".

Mesmo sem querer aprofundar no mérito da importância de Jacobina em detrimento de outras vilas da Bahia, é inegável o impacto provocado pelo surto da mineração nas outras partes do território baiano, principalmente no Recôncavo, ocasionando "a crise da atividade açucareira devido a febre da mineração no século XVIII, a qual arrebatou para a aventura os seus trabalhadores livres a até mestres de obra (...)", (Almeida, 1977, p. 20). De qualquer forma, a atividade mineradora teve uma importância fundamental para a Bahia e o sertão neste período, uma vez que a atração migratória para as minas fez avançar o processo de povoamento do interior do território, articulando e desenvolvendo outras regiões, inclusive a da pecuária no vale do São Francisco, que abastecia a população mineradora. Referindo-se ao sertão naquele período, Moraes (1984, p. 30) chama a atenção que na Chapada Diamantina e próxima a ela muitos núcleos populacionais já se desenvolviam ao longo do Século XVIII, como a Chapada Velha (atual Brotas de Macaúbas), Descanso dos Criculos (atual Rio de Contas), Bom Jesus dos Meiras (atual Brumado), Bom Jesus dos Limões (Piatã), Nossa Senhora dos Remédios (Itibiara), Gentio do Ouro, Campestre (Seabra), Morro do Chapéu,

FIG. 7  
 EXPANSÃO DO POVOAMENTO  
 1530-1799



- Cidade
- Vilas criadas entre 1530 e 1699
- ◐ Vilas criadas entre 1700 e 1799
- ▲ Feira de Capuame
- Traçado aproximado das estradas abertas entre 1530 e 1699
- - - Traçado aproximado das estradas abertas entre 1700 e 1799
- · - Rotas costeiras

ORGANIZADO POR S. de O. LEÃO  
 FONTE ALMANAK (1893), AZEVEDO, A (1957), FREIRE, F (1906), VIANNA, F. V (1893)

0 22 44 66 88 110 132 Km

Santa Izabel do Paraguaçu (Mucugê) e outros onde "por força de um conjunto de fatores naturais - a salubridade do clima úmido de altitude, a fertilidade dos valores frescos e das terras virgens dos gerais imensos - já se desenvolvia àquela época, uma pastorícia magnífica e uma lavoura plena de feijão, de milho, de mandioca, de fumo, de cana-de-açúcar, de café, de algodão e de arroz, que ondeava nos brejos como uma festa de verduras". Acredita-se que estas culturas, juntamente com a pecuária do Vale do São Francisco serviam, além da subsistência, para atender às áreas mineradoras que sofriam com problemas de abastecimento alimentar (Azevedo, 1993).

Sem sombra de dúvida, Jacobina já se firma nesta época como um dos pontos de confluência regional mais importante do sertão baiano. A prova disso é que em 1742 já era Foro de Sede de Ouvidoria e vantagens de Freguesia em 1752, concentrando na sua Comarca 9% da população total do território baiano, percentual este superior ao alcançado na época por Ilhéus e Porto Seguro (Silva, Leão, Silva, 1989), tendo desde então um comércio que, apesar de incipiente, já dava sinais de progresso.

Fora das áreas de exploração mineral como Jacobina e Rio de Contas, o território baiano tinha as áreas Canavieira do Recôncavo, a fumageira envolvendo parte do Recôncavo e do Agreste, a de pecuária, inclusive no Vale do São Francisco; e as áreas de produção de alimentos e matérias-primas localizadas no subúrbio ferroviário de Salvador, Oeste e Sul do Recôncavo, e em Ilhéus e Porto Seguro (Silva, Leão, Silva, 1989).

Mesmo assim, a penetração para o interior do território baiano era precário, onde as manchas de povoamento, com suas economias fechadas, pouco articulavam-se umas com as outras.

## 7.1 - SÍTIO E SITUAÇÃO URBANA DE JACOBINA

Como vimos, é no contexto da gênese e evolução que a geometria do espaço regional de Jacobina começa a ser desenhada. Jacobina nasce como uma cidade forte e rica, impondo desde então seu poder de liderança no contexto do sertão da Bahia. O seu espaço urbano também começa a ser desenhado, expressando a sua primeira vocação econômica que foi a exploração mineral. Antes de falar especificamente da evolução urbana, cabe aqui o resgate de dois clássicos conceitos da Geografia, formados principalmente pela corrente alemã, e que ultimamente são pouco considerados. Trata-se dos conceitos de sítio e de situação urbana, que, nesta dissertação, aparecem como imperativo para a melhor compreensão da evolução espacial da cidade de Jacobina.

Segundo George (1983, p.37), o "sítio é definido como o quadro topográfico no qual se enraizou a cidade, pelo menos em suas origens". Portanto, sem cair em estereis determinações, é inegável a importância que o quadro topográfico desempenhou na gênese e evolução de algumas cidades, principalmente a de Jacobina que se edificou num sítio bastante singular devido a riqueza do seu subsolo. No entanto, o valor do sítio enquanto importância tende a se relativizar com o desenvolvimento de técnicas de ordenamento do espaço, uma vez que são capazes de adaptar as características topográficas aos seus objetivos. Dessa opinião também compartilha Beaujeu-Garnier (1980, p. 94) ao afirmar que "o sítio designa o lugar preciso da implantação inicial da cidade". Dessa forma o sítio só tem valor histórico posto que a proporção que a cidade expande, o sítio primitivo muitas vezes é ultrapassado e transformado. No caso da cidade de Jacobina, o sítio foi apenas ultrapassado, mais não totalmente transformado. Por outro lado, George (op. cit. p. 36) escreve que posição ou situação "pode ser definida como a localização da cidade em função de fatos naturais susceptíveis, no passado ou no presente, de influir em seu desenvolvimento que, por sua vez, está vinculado à facilidade de expansão". Está embutido aí a noção de acessibilidade. Ou seja, os locais que

estiverem melhor localizados e mais acessivos, têm a vantagem de ampliar seus intercâmbios e , conseqüentemente, expandir os seus negócios. Novamente, o entendimento de Beaujeu-Garnier (op. cit. p. 94) combina com o anterior pois afirma que "a situação designa as condições gerais do meio em que uma cidade se insere". Mais adiante afirma ainda que "a situação está quase sempre ligada à facilidade de comunicações, seja para a explorar (cidade comercial, administrativa), seja para a bloquear (cidade de defesa, fortaleza)". Os dois autores citados também concordam que a situação tem um valor mais permanente, mais longínquo. Em termos de situação geográfica, Jacobina teve, principalmente neste período analisado, uma função salutar, mesmo considerando as dificuldades de comunicação. Veremos isso mais adiante.

Com base na figura 5, dois aspectos marcantes do sítio urbano de Jacobina se expressam claramente: um é a topografia com suas acentuadas declividades, principalmente no lado Leste da cidade; o outro é a planície aluvionar do Rio Itapicuru-Mirim. Este inicia no lado Oeste, corta toda a cidade e conflua com o rio do Ouro no lado Leste, seguindo depois, paralelo à BR 324. O sítio de Jacobina teve uma influência marcante na gênese, evolução e características ambientais da cidade. O relevo dificulta a circulação dos ventos, condiciona o regime de chuvas (é freqüente, com isso, as chuvas orográficas), e uma grande amplitude térmica entre o dia e a noite, onde a reflexão e a irradiação fazem com que os dias sejam quentes e as noites frias, em certas épocas do ano.

Além disso, as características topográficas, aliadas às geológicas, condicionam também o escoamento de águas das chuvas, uma vez que a impermeabilidade do terreno cristalino dificulta a retenção da água, provocando a enxurrada devido a declividade da topografia. A enxurrada vai desaguar nos rios trazendo consigo lama e cascalho, alagando algumas áreas baixas da cidade. Em termos de expansão urbana, a tendência é a parte oeste, a partir de devidos aterramentos e canalização do rio. Mas é no centro da cidade onde ainda estão

concentrados o maior número de estabelecimentos de comércio e de bancos, e a administração municipal.

Em termos de posição geográfica (ver fig. 2), Jacobina desempenhou historicamente um papel destacável, pois como já foi visto nas figuras 6 e 7, apesar das dificuldades de acesso, a referida cidade se firmou como ponto de confluência regional, uma das principais portas de entrada para a Chapada Diamantina Setentrional. Era talvez o maior elo de ligação entre o sertão e o litoral. Já antes disso, os seus vales frescos com uma diversificada vegetação, fazia com que o local fosse usado como descanso de boiadas. Até meados do Século XIX, o melhor acesso do litoral para a Chapada Diamantina era feito por Jacobina, localizada no sopé da Chapada. A partir da década de 60/70 deste século, a abertura de novas estradas para o sertão, relativizou a posição de Jacobina no contexto do Estado da Bahia, pois a cidade ficou com um "fim de linha" de estrada com a falta de continuidade da BR 324, que deveria se estender até o atual Estado do Tocantins. Por outro lado, a construção da BR 407, passando por Capim Grosso, Juazeiro e Petrolina, e a construção da BA 052 - conhecida também como Estrada do Feijão - ligando Feira de Santana a Xique-Xique, comprometeu ainda mais sua posição relativa. Dessa forma, o sítio e a situação urbana de Jacobina não apresentam a mesma importância do passado.

## 7.2 - EVOLUÇÃO URBANA DE JACOBINA (1700 A 1779)

A proposta deste item é entender como se formou e evoluiu o desenho urbano da cidade entre 1700 a 1779. O traçado urbano testemunha as características sócio-econômicas, políticas e naturais, de uma cidade. No caso de Jacobina, as condições naturais, como já vimos antes, tiveram um papel preponderante.

Para a análise da evolução urbana nos baseamos, muito particularmente, em de Costa (1918), Brandão & Cardoso (1993), Lemos (1994), no Plano Urbanístico básico da cidade de Jacobina, volume 1 e 2, (1978), e em entrevistas. E para uma melhor visualização do fenômeno, confeccionamos a fig. 8 que demonstra, em termos aproximados, as tendências de expansão e ocupação das áreas urbanas da cidade de Jacobina no decorrer de sua história.

Existem algumas controvérsias sobre o núcleo inicial da cidade. Alguns defendem que o ponto de partida foi a igreja da Matriz, edificada possivelmente em 1704, localizada na Praça Castro Alves, também conhecida como praça da Matriz; outros entendem que o núcleo inicial foi a partir da construção da igreja das Missões, localizada no alto da Missão, pois no local já existiam os índios. Esta parece ser a opinião mais correta. Por outro lado, tudo leva a crer que a dinâmica expansão do quadro urbano ocorreu devido ao trabalho de catequese dos franciscanos e a influência da mineração nas margens dos rios e no sopé das serras, seguindo a direção Leste-Oeste, e à margem esquerda do Rio Itapicuru-Mirim. Como já destacamos anteriormente, a ocupação inicial se deu através de cabanas distribuídas desorganizadamente. A lógica é que estavam localizadas paralelas ao rio, em um trecho compreendido entre as praças da Matriz e o alto da Missão, com o objetivo de ligação entre os dois núcleos. Isso imprimiu uma forma linear ao quadro urbano inicial da cidade de Jacobina. A partir desta linha inicial, outras surgem paralelas, encostados no sopé das serras, a partir do século XIX, que veremos no próximo capítulo (fig. 8A). Durante este período foram construídas as principais igrejas da cidade. As primeiras foram as da Missão e da Matriz (ver fotos 1 e 2): a igreja da Matriz ou Matriz Santo Antônio de Jacobina, está localizada na Praça Castro Alves, nas proximidades do Rios do Ouro e Itapicuru. Não se sabe a data exata da sua construção; e a igreja da Missão, como é popularmente chamada, ou Capela de Bom Jesus da Glória, que foi construída em 1706 e entregue aos padres franciscanos para a catequese dos índios Paiaias. Está localizada no alto da Missão, com a frente voltada para o Oeste que, como

FOTO 1.  
Igreja da Missão  
Fachada principal

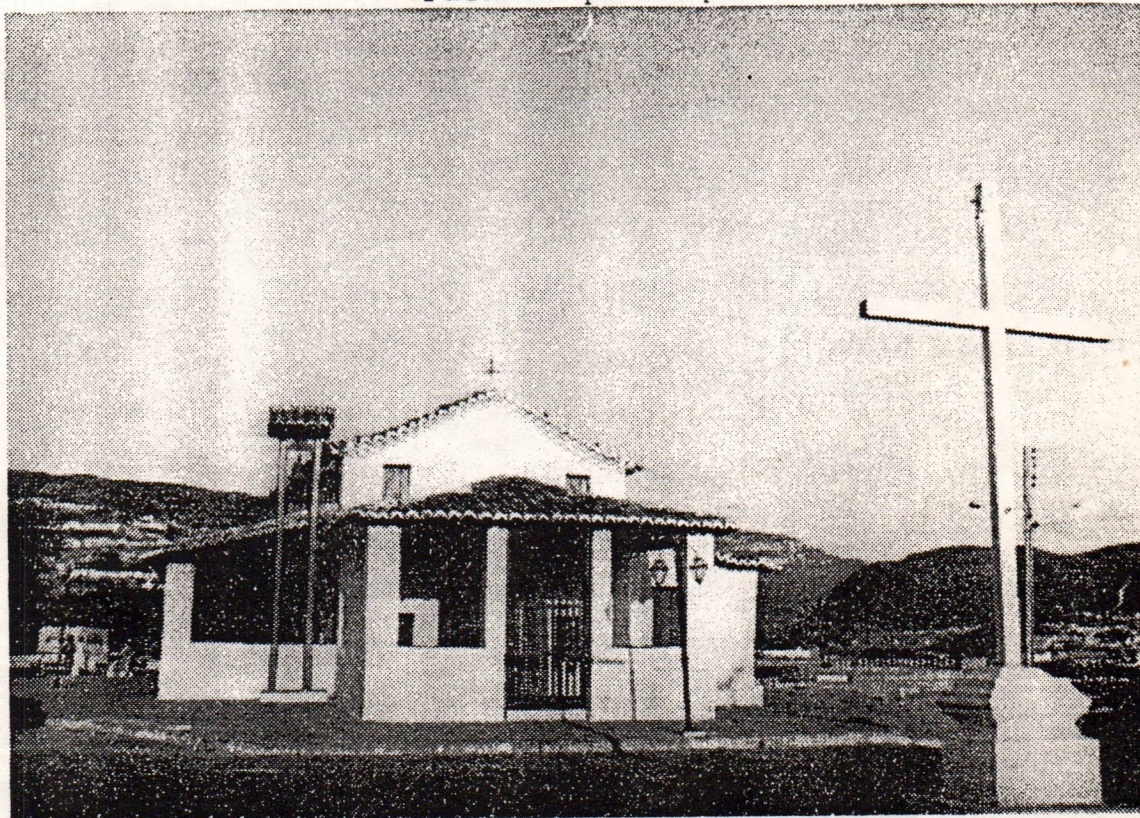
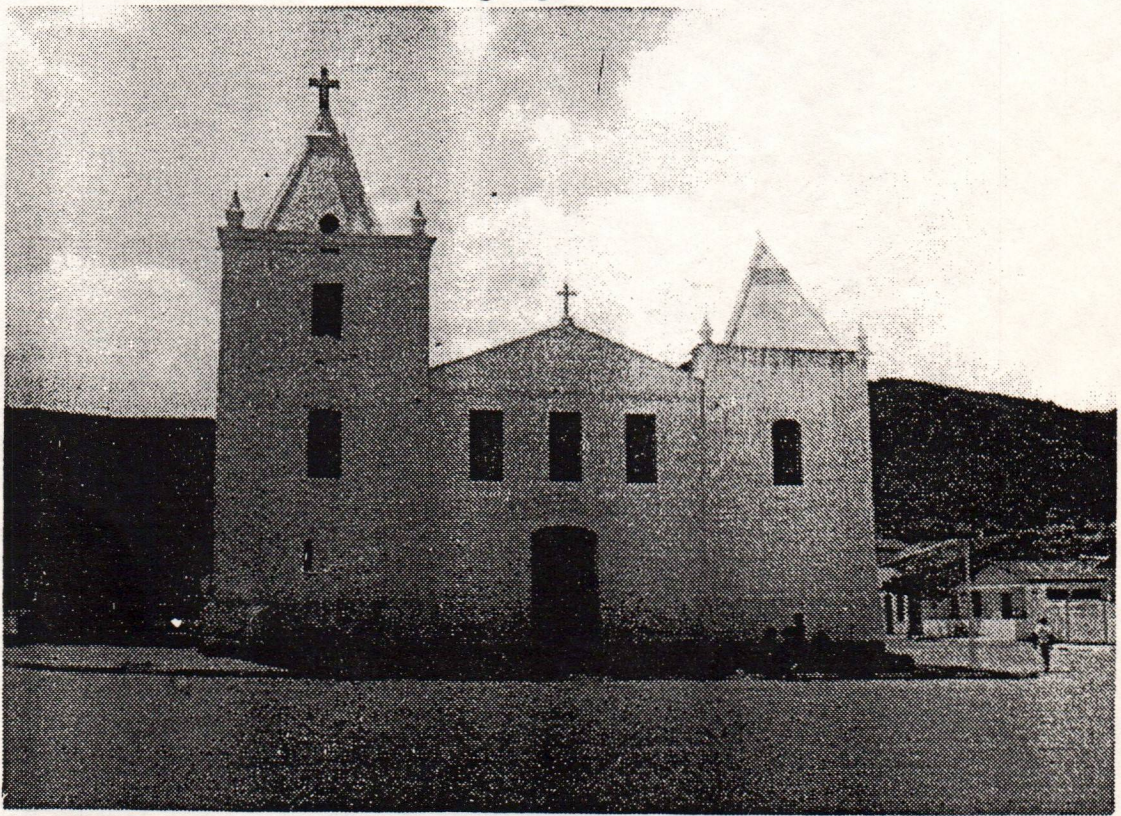
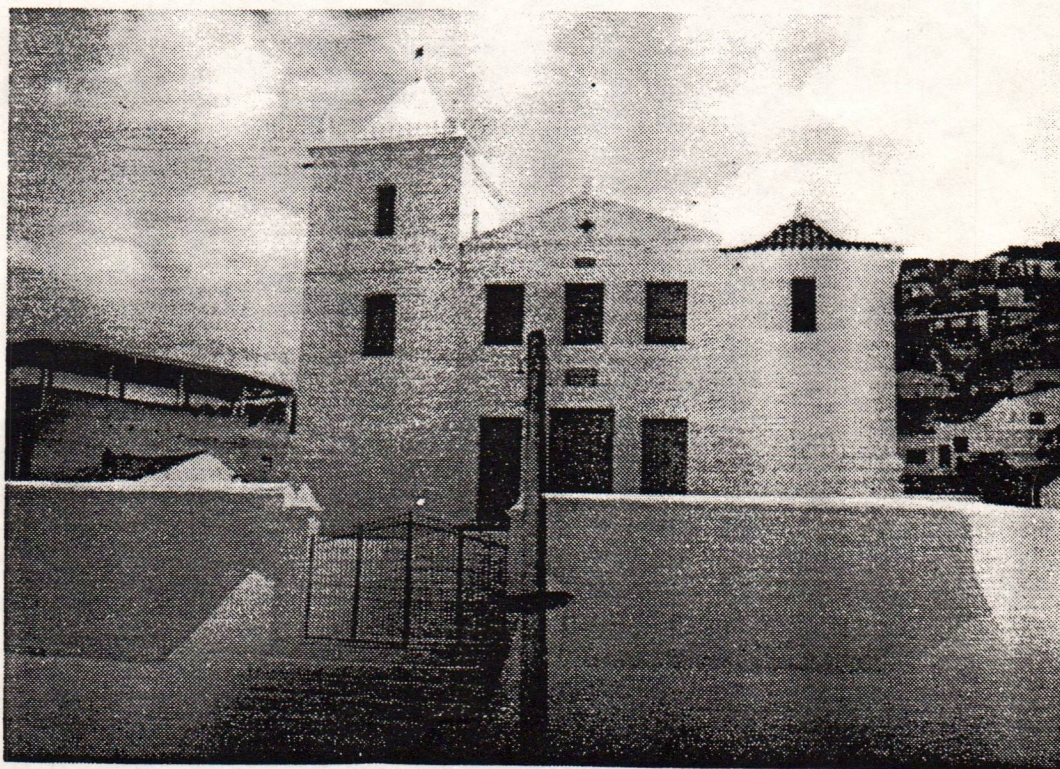


FOTO 2  
Igreja Matriz



vimos na planta do sitio urbano de Jacobina, é uma planície do Rio Itapicuru-Mirim. Acredita-se que as perspectivas dos franciscanos eram para a cidade crescer naquela direção. O referido templo, pelo seu valor monumental, foi tombado pelo IBPC - Instituto Brasileiro do Patrimonio Cultural. Por último, aparece a igreja da Conceição (ver foto 3), localizada nas proximidades do centro da cidade. Também foi tombada pelo IBPC devido a sua riqueza arquitetônica. Foi construída em 1759 (Brandão & Cardoso, 1993).

Igreja da Conceição



## 8. A DESCOBERTA DO DIAMANTE NA CHAPADA DIAMANTINA E A CRISE DA EXPLORAÇÃO DO OURO EM JACOBINA ( 1800 A 1899 )

A economia baiana ganha novo ímpeto a partir de 1808 com a abertura dos portos para o comércio exterior. Foi uma medida imposta a todo o país, beneficiando a Bahia, em particular, uma vez que estimulou os laços comerciais com vários centros internacionais e regionais. Apesar dos problemas de acesso para o interior baiano, o algodão começa a ser cultivado nas terras altas, para entender a indústria têxtil que se desenvolve na Bahia a partir de 1843. Mas é a exploração mineral que predomina no sertão, inclusive a partir de 1844 com a descoberta do diamante realizada no rio Macugê e, logo após nos rios Lençóis e São José. Vale dizer que entre 1832 e 1840 já existia a exploração do diamante na Chapada Diamantina, mais precisamente nas localidades da Chapada Velha e próximo a Gentio do Ouro. Contudo foram as mais novas descobertas nos rios Mucugê, Lençóis e São José que fizeram mudar o curso da história do sertão da Chapada Diamantina e adjacências. Aumenta consideravelmente o fluxo migratório de aventureiros vindos de várias partes. É Moraes (1984, p.34) que melhor expressa o perfil desses migrantes, "Eram bons e maus. Decentes e malfeitores. Idealistas, imaginando uma vida melhor e mais afortunada, e criminosos profissionais, escória de uma sociedade em formação, imaginando um mundo a seu modo; famílias com a rédua de crianças maltrapilhas, chorando umas, sorrindo outras e mulheres-damas<sup>1</sup> que se comprimiam, que se juntavam, que se ajudavam, que se misturavam no mesmo caminho, no mesmo rumo e no mesmo anseio da terra ambicionada e foram se instalando em núcleos populacionais como Andaraí, Mucugê e Lençóis". Este último, alcançou um papel de destaque regional, sendo considerado a capital das Lavras.

Conseqüentemente as tradicionais áreas de exploração aurífera, Jacobina e Rio de Contas, são atingidas diretamente pela descoberta do novo eldorado, devido ao êxodo de mineiros e a subsequente crise das atividades locais. Na sua passagem pela Chapada

x

Diamantina em 1879, Sampaio (1938, p. 184) descreve o que viu em Rio de Contas, já depois da crise da exploração do ouro. "Como quase todos os lugares que tiveram origem da mineração, a Vila de Rio de Contas surgiu e cresceu irregularmente, desenvolveu-se e prosperou com o progresso das lavras auríferas no leito do Brumado, e por fim estacionou ou decaiu com o esgotamento das minas". Mais adiante ele continua, "A vila não tinha mais que uns trezentos prédios e sua população talvez não atingisse a 2.000 pessoas. O comércio insignificante indicava que no lugar como nos arredores, pouco se trabalhava".

Este cenário desolador também atingiu Jacobina, forçando-a à buscar novas saídas para crise, uma vez que a exploração mineral representava quase a totalidade da economia local. Desde então, Jacobina passa a desenvolver as atividades de compra e venda de gado oriundos do Nordeste e de outras áreas, como também a diversificação e ampliação do comércio, chegando a concentrar no final do século XIX, 100 casas de negócios (Costa, 1918). A agricultura também se fortalece, ao ponto da vila ser elevada a categoria de cidade, com o nome de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina, em 28 de julho de 1880, por Lei Provincial nº 2.049.

Malgrado a crise da atividade mineradora, das emancipações dos municípios de Mairi (1857), Morro do Chapéu (1864) e Riachão do Jacuípe (1878), de tragédias como o surto de febre na região, em 1886, matando mais de 300 pessoas em 60 dias, e a forte seca de 1889, nova função urbana começa a ser definida para Jacobina: a de centro comercial, entreposto de compra e distribuição de produtos agrícolas e pecuários, principalmente para a sua região imediata e mais longinqua. A função comercial passa a predominar sobre a mineradora. Jacobina deixa de ser singular no sertão baiano, devido a exploração do ouro, para se transformar numa cidade comum a outras, caracterizadas pelo desenvolvimento da agricultura, da pecuária e do comércio. Mesmo assim, montou o papel de importante centro regional,

apresentando inclusive, um acentuado crescimento populacional. Segundo Costa (1918), Jacobina tinha 3.120 hab. em 1775, 26.928 hab. em 1875, e 36.108 hab. em 1892.

Contudo, a acessibilidade para a região ainda era muito difícil, apesar de sua privilegiada situação geográfica prejudicando bastante as transações comerciais da cidade com outras áreas.

No contexto estadual, a partir da segunda metade do Século XIX inovações foram inseridas no setor produtivo baiano, como a implantação de modernizações nas indústrias açucareira e de beneficiamento de produtos como o algodão e fumo, desenvolvimento da navegação costeira, construção de ferrovias que desenvolveram novas regiões produtivas, articulando com outros que mantinham-se muito isoladas. No final do século XIX a Bahia já contava com 4 ferrovias: Estrada de Ferro Bahia-São Francisco (1853); Estrada de Ferro Central do Brasil (1866); Estrada de Ferro Santo Amaro (1875); e a Estrada de Ferro Centro-Oeste da Bahia (1891), (Fonseca & Silva, 1992). Isto é só para mostrar que apesar da importância regional de Jacobina e da existência de 4 ferrovias na Bahia, a linha de trem só chega à cidade em 1919, enquanto que outros centros do sertão baiano, até então sem grandes expressões, já gozavam de prestígio regional, como são os casos de Senhor do Bonfim e Juazeiro, inclusive em virtude da linha de trem que facilitava a articulação desses centro com outros mais distantes.

#### • EVOLUÇÃO URBANA DE JACOBINA (1800 A 1889)

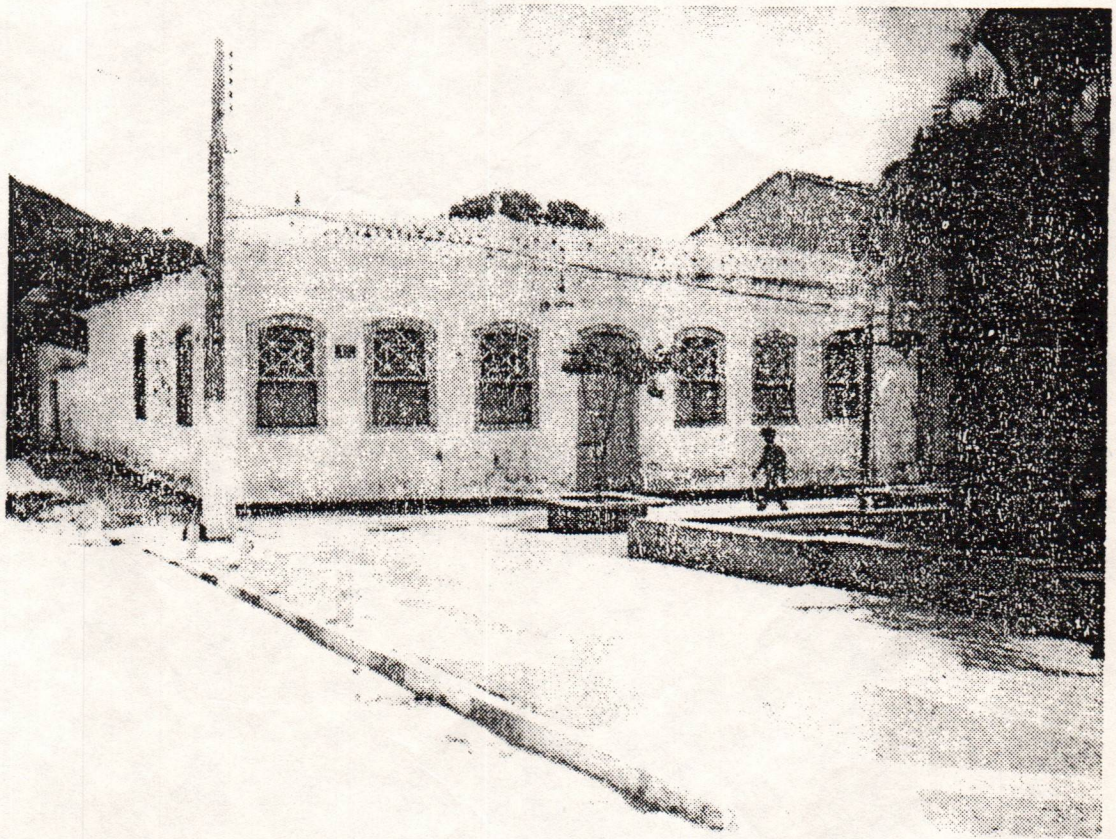
Como foi visto no capítulo anterior, a expansão urbana de Jacobina, no seu aspecto inicial, se deu de forma linear, seguindo-se paralela ao Rio Itapicuru-Mirim, numa tentativa de ligação entre os dois núcleos iniciais, praça da Matriz e alto da Missão.

No decorrer do Século XIX, a expansão urbana prosseguiu sempre paralela a primeira rua, alcançando o sopé do atual bairro da Caixa D'água. Era o centro da cidade que

estava se densificando, com suntuosos casarões estilo colonial como a casa de D. Virgiliana Veloso (ver foto 4). Apesar de não saber precisamente a data da fundação da casa, apresenta características do século XIX. (Brandão & Cardoso, 1993) - localizados, principalmente entre a praça da Matriz e a atual praça Rio Branco, onde funcionava a Prefeitura Municipal, e hoje funciona a Câmara de Vereadores. Até o final do Século XIX, já estavam traçadas as atuais ruas Coronel Teixeira, Senador Pedro Lago, Conceição e Melchior Dias, como também as praças da Matriz, Rio Branco e Largo da Missão. As referidas ruas representam exatamente as linhas de articulação entre o Largo da Matriz e o da Missão, expressando a tendência de expansão urbana da cidade no sentido Leste-Oeste (fig. 8B).

Devido as dificuldades de informações, infelizmente não foi possível estender mais para explicar a expansão urbana de Jacobina no Século XIX.

FOTO 4  
Casa de D. Virgíliana Velloso



**NOTA**

1. Mulheres-damas - o autor se refere a prostitutas, rameiras, amásias ou "raparigas" (Moraes, 1984).

## 9. DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO E REAFIRMAÇÃO REGIONAL (1900 A 1939)

Mesmo com a inserção de inovações na economia baiana ao longo da segunda metade do Século XIX, a Bahia alcança o Século XX mostrando visíveis sinais de crise econômica, aguçada com a abolição da escravatura em 1888 e com o dinamismo da Região Sudeste, mais precisamente o Estado de São Paulo, através da cultura cafeeira e da boa aceitação do produto no mercado internacional. Em compensação, a Região Sul da Bahia inicia momentos de glória com a expansão da cultura cacaueteira, sendo uma das mais importantes regiões de atração para trabalhadores rurais. Neste início do Século XX, as explorações do ouro em Jacobina e Rio de Contas e do diamante na Chapada Diamantina já estavam praticamente esgotadas. A redefinição do papel destas cidades no contexto regional e estadual era um imperativo histórico. A sociedade de Jacobina teve maturidade suficiente para analisar o momento e expandir a nova função comercial da cidade já iniciada no final do século XIX. Isso foi viabilizado com a instalação da linha férrea em 1919 que contribuiu, apesar do atraso de ter chegado, para a articulação com outras regiões. Era um ramal da ferrovia Alagoinhas-Juazeiro, concluída em 1896, que possibilitou a ligação de Jacobina com Salvador e Pernambuco. A partir daquela cidade a linha férrea expandia-se até Rui Barbosa e Iaçue completando a linha Centro-Sul da Viação Férrea Leste Brasileiro. A instalação deste trecho férreo fez parte de um projeto mais abrangente do governo que era o de ligação ferrovia/rodovia, onde as áreas produtivas pudessem ser articuladas aos portos da Bahia e a centros do interior e do litoral.

As atividades agrícolas e pecuárias que se firmaram desde o final do Século XIX na região de Jacobina, ganha novo ímpeto neste período. Comentando sobre o padrão agrícola da Bahia nos anos vinte deste século, Silva, Silva, Leão (1989, p. 123) destacam partes do agreste e do sertão, onde a região de Jacobina está inserida. Segundo eles, ali "se

instalou uma agricultura mista, constituída de uma pecuária especializada e orientada para a engorda e a produção de alimentos (mandioca, milho, feijão e arroz) ambas localizadas no perímetro das ferrovias, até então construídas. A produção desta zona era orientada basicamente para o mercado interno, todavia a produção de mamona e café da Chapada Diamantina se destinava para o mercado externo". Acrescenta-se a isso, a evolução da cultura da cana-de-açúcar, principalmente no distrito de Caatinga do Moura, no município de Jacobina. Mas o principal produto agrícola da região era mesmo a mamona onde, na década de 40 deste século, Jacobina alcançou o status de maior produtor do Estado da Bahia.

Dessa forma, a solidificação e expansão do comércio, da agricultura e da pecuária especializada, aliados à instalação da linha férrea, fizeram resgatar a força e importância da região de Jacobina.. Neste contexto, a cidade, ao mesmo tempo que acionou as potencialidades econômicas de sua região, encarnou o potencial de distribuidor de produtos agropecuários (George, 1983). A cidade espelhava a sua região e vice-versa. Para onde Jacobina pendesse, penderia toda a sua região. Dessa forma, o comentário de Mark Jefferson (1931), destacado por Dickinson (1961, p. 40), se enquadra muito bem no referido período histórico e espacial da região de Jacobina. Segundo o autor, "Las ciudades no crecen por si mismas, seno merced a las regiones, que las crean con el fin de realizar ciertas tareas en lugares centrales". Jacobina já era um lugar central, com a principal função de distribuir serviços e comércio de pequeno porte, para sua área tributária. Dessa forma, as mesmo tempo que forças centripetas orientavam a cidade de Jacobina no sentido de concentrar funções centrais, as forças centrifugas viabilizadas pelo melhoramento das vias de transportes, lhe orientavam a expandir o seu quadro urbano e ampliar a distribuição de serviços para a sua região (Dickinson, 1961). Em virtude disso, Jacobina se firma como ponto de articulação da Região Nordeste e do Litoral, com a Chapada Diamantina. Nesta fase, Saúde e Miguel Calmon são elevadas à categoria de cidade, emancipando-se de Jacobina, em 1914 e 1924,

respectivamente. Vale ressaltar que apesar de Saúde ter se emancipado em 1914, a lei foi considerada sem efeito em 1931 e o município voltou a ser incorporado a Jacobina, só conseguindo uma definitiva emancipação legal em 1933. Estes dois municípios estavam voltados economicamente à agricultura e a pecuária, mantendo as transações comerciais principalmente com Jacobina. O mesmo acontecia com os municípios de Mairi e Morro do Chapéu, principalmente, emancipados em meados do Século XIX.

Apesar disso, Jacobina era periodicamente castigada pelas forças dinâmicas da natureza. Primeiramente a enchente de 1914, que destruiu parte da cidade, alagando as áreas mais planas e as ruas paralelas ao rio. As conseqüências nefastas das enchentes só diminuíram a partir da construção do cais do rio Itapicuru, em 1920; em segundo lugar, ocorreu a grande e famosa seca de 1932 que atingiu não só a região de Jacobina, mas outras do Nordeste, o que provocou um acentuado êxodo para o Sul do Brasil. Este último fenômeno fez ressurgir, não com o mesmo ímpeto de antes, a mineração como uma alternativa econômica na cidade.

#### • EVOLUÇÃO URBANA DE JACOBINA (1900 A 1939)

As transformações no espaço estadual e regional repercutiram diretamente no quadro urbano de Jacobina, que teve uma acentuada expansão. A construção do cais em 1920, juntamente com o funcionamento da linha férrea, a construção da ponte Manoel Novais em 1937, que liga o lado direito ao esquerdo da cidade, e a ponte que ligava a praça Castro Alves à rua Senador Pedro Lago, em 1924, deram-lhe novo ritmo de crescimento.

No início deste período, a cidade segue o sentido Leste (fig. 8C). Com a construção da primeira ponte de Jacobina, foi possível o surgimento do bairro do "Barro", crescendo além do Rio do Ouro e da praça da Matriz, na direção do atual bairro da Bananeira, alcançado já na década de 30. Com a inauguração da via férrea, o lado direito da cidade, mais

precisamente o atual bairro da Estação, começa a surgir. Como o acesso era difícil em virtude de ainda não ter pontes de ligação entre os lados direito e esquerdo da cidade, o referido bairro permanecia relativamente isolado. Contudo, foi especializando-se como área de comércio atacadista exportador, sobretudo devido a presença da linha ferroviária. Era neste bairro que ocorria o escoamento da produção proveniente do alto sertão. Mesmo com a força do comércio atacadista e da estação ferroviária, o centro da cidade continuava sendo o mesmo: local da administração, dos serviços, do comércio varejista e de residência da classe dominante. Neste aspecto, a linha do trem ao invés de centralizar ainda mais o referido local, ofereceu possibilidades de descentralização urbana, com a expansão do comércio atacadista e de moradores para o lado direito da cidade.

Atualmente, no local, ainda permanecem importantes depósitos do comércio atacadista, distribuindo produtos alimentícios para as cidades da região. No entanto, a linha do trem (desativada em 1976) foi arrancada, e a estação, demolida, na década de 80, apagando de uma vez parte importante da história urbana e regional de Jacobina.

Neste período, mais precisamente em 1930, inicia-se também do lado direito da cidade, o bairro da Serrinha, formado basicamente de operários. Era um bairro pobre, desenvolvido próximo ao rio, com habitações cobertas de palhas. Também na década de 30 surgiu o bairro do Leader, conhecido na época como Pomba Choca. Era humilde e margeava o rio do Ouro. Na década de 60, porém, se valoriza bastante com a construção do Clube do Leader. Até hoje é uma área valorizada, com a presença de várias mansões. Destaca-se também nesta época, a construção do Hospital Antônio Teixeira Sobrinho, em 1935, e do primeiro Prédio Escolar do Município, Luis Anselmo da Fonseca. O primeiro localizado no Largo 2 de Julho e o segundo, no centro da cidade. Daí em diante a cidade expandiu-se fazendo surgir novos bairros que veremos no próximo capítulo (ver fig. 5).

## 10. O DESENVOLVIMENTO DAS RODOVIAS E DE PROJETOS AGRÍCOLAS E O INÍCIO DA CRISE DE HEGEMONIA REGIONAL DE JACOBINA (1940 A 1970)

O ritmo de mudanças no espaço regional Jacobinense aguça-se no decorrer deste período refletindo as transformações no espaço nacional e baiano. No âmbito nacional inicia-se o processo de industrialização, fazendo com que a hegemonia agrário-exportadora cedesse espaço para a base urbano-industrial. Muitos investimentos foram implantados inicialmente na Região Sudeste do Brasil, a maior parte no Estado de São Paulo, que se transformou no maior centro econômico do país. Paralela às medidas de industrialização estava o objetivo de articulação das diversas regiões do país.

Com este intuito, recursos são aplicados visando a ampliação das rodovias. Estas se "por um lado articulava as diversas regiões, por outro viabilizava o escoamento do capital e de mercadorias, a nascente indústria automobilística e a redefinição da divisão regional do trabalho em todo o território nacional" (Fonseca & Silva, 1992, p.72). De fato, estes acontecimentos atingiram diretamente as outras regiões do Brasil.

No Estado da Bahia, novas culturas agrícolas como a mamona e sisal, são estimuladas com o intuito de diversificar a agricultura. Por outro lado, o setor industrial baiano que no momento era baseado em pequenos estabelecimentos ligados ao setor agropecuário, começa a mudar devido a novos fatores que viabilizaram a industrialização, como "a descoberta do petróleo e a implantação da Refinaria de Mataripe (1949-1950), a criação do Banco do Nordeste do Brasil, em 1952, a conclusão da Hidrelétrica de Paulo Afonso, em 1954, a fundação da Comissão de Planejamento Econômico - CPE, em 1955, e a criação da SUDENE, em 1959" (Fonseca & Silva, 1992, p.72). Com as atividades petrolíferas, outras indústrias foram atraídas com o apoio da SUDENE e do BNB que forneciam incentivos fiscais e financeiros, proporcionando a ampliação do parque industrial baiano. É neste contexto que é instalado o CIA - Centro Industrial de Aratu - na segunda metade de década de 60. Portanto,

este conjunto de eventos a nível federal e estadual possibilitou que a Bahia alcançasse o fim da década de 60 com uma agricultura diversificada e mais rica, melhor articulação entre as regiões devido a abertura de estradas - como a BR 324 que liga Salvador a Jacobina - e com um setor industrial em amadurecimento, produzindo sobretudo bens intermediários.

O município de Jacobina também é diretamente atingido por estas mudanças, fazendo que o seu quadro urbano e regional experimentasse uma nova fase de desenvolvimento, muito apoiada na agricultura, e secundariamente, no comércio e serviços.

Apesar das periódicas estiagens, a região de Jacobina apresentava (e ainda apresenta) uma rica vocação para a agricultura e pecuária, já sendo desenvolvidas no final do Século XIX com a crise da mineração. Contudo, é a partir de 1940 que o Governo Federal toma medidas mais diretas visando o desenvolvimento agrícola da região. Com base no Plano Urbanístico Básico da cidade de Jacobina, V.1 (1978), destacam-se as seguintes medidas: implantação da cultura do sisal; instalação da agência do Banco do Brasil de Jacobina com propostas de financiamento agrícola para diversas lavouras; criação do Fomento Agrícola vinculado ao Ministério da Agricultura; instalação da CVSF - Comissão do Vale do São Francisco e a implantação da Cooperativa Mista Agropecuária. Concomitante a estas medidas, outras, de caráter infra-estrutural também foram tomadas, principalmente a partir da metade da década de 50. Inicialmente destaca-se a construção do Aeroporto da cidade pela CVSF (1955), articulando Jacobina com espaços mais longínquos, com linhas de vôos comerciais para Salvador e Fortaleza. Estas linhas eram patrocinadas pela SADIA e funcionaram até 1961. Atualmente, esse aeroporto está praticamente desativado e sem funcionamento comercial. Além disso, também foi construído o matadouro Municipal, no bairro da Caeira (1960), conclusão da rede de iluminação elétrica (CVSF), serviço de abastecimento d'água pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), em 1960. Como se nota, muitos investimentos foram feitos na cidade. Por isso, a função regional que Jacobina deveria

desempenhar, com base no contexto estadual e federal, era o de entreposto de produção e distribuição de produtos agrícolas, que inclusive vinha sendo desenvolvida em períodos anteriores. O fato é que a cidade gozava de notoriedade urbana e regional, considerada como uma das regiões urbanas do território baiano, ao lado de Ilhéus-Itabuna, Feira de Santana, Jequié, Vitória da Conquista, Alagoinhas, Juazeiro e Senhor do Bonfim (Santos, 1958). O referido autor chama a atenção que a "região de Jacobina, apesar de ser a sua capital tão pobre de indústrias quanto a de Bonfim, é, entretanto, mais extensa. Isso se deve, sem dúvida, ao fato de ter aquele município uma variedade maior na produção agrícola e, por outro lado, ser a área que ele pertence ainda menos dotada de vias e meios de comunicação" (Santos, 1958, p. 45).

Como se nota, apesar do incentivo à agricultura e da importância regional que exercia, Jacobina ainda sofria com a carência dos meios e vias de transportes. A nível comparativo, Senhor do Bonfim já era naquele momento, um centro rododiferroviário, com uma incipiente indústria (Santos, 1958). Mesmo assim, o referido autor afirma que a área de influência de Jacobina abrangia Mairi, Macajuba, Itaberaba, Mundo Novo, Morro do Chapéu e Irecê.

É somente a partir de 1960 que a dinâmica do sistema rodoviário atinge a região através da BR 324, ligando Salvador a Jacobina. Mesmo assim, os resultados não foram tão favoráveis, uma vez que o projeto visava a ligação do Sul ao Oeste e Norte do país, ligando a Bahia ao atual Estado de Tocantins e passando por Piauí e Maranhão. Contudo, as obras foram interrompidas na década de 60, exatamente no município de Jacobina (distrito de Laje), ficando este numa posição de "fim de linha". A causa maior dessa interrupção foi a pressão política exercida pelas lideranças de Juazeiro e Petrolina contra a continuação da estrada naquela direção, pois prejudicaria demais as duas cidades das margens do São Francisco. O fato é que as forças de Juazeiro e Petrolina ganharam na competição e se beneficiaram com a implantação da BR-407 (ver. fig. 3). Com base nas entrevistas, algumas lideranças afirmaram que faltou

pulso político por parte dos representantes inclusive do Deputado Federal Manoel Novais, que não se dedicou a ponto de beneficiar Jacobina com a estrada. Neste contexto foi Capim Grosso, na época distrito de Jacobina, quem mais se beneficiou, pois se transformou num entroncamento rodoviário para as BR 324 e 407. Capim Grosso se emancipou em 1985, e hoje pode ser considerado um dos mais dinâmicos municípios da região, em virtude inclusive da sua posição geográfica. Atualmente está sendo pavimentada a BA 757, ligando o distrito de Laje aos municípios de Ouroândia e Umburanas. Mesmo assim, Jacobina ainda fica fora do eixo de circulação nacional.

Como se percebeu, ao mesmo tempo que Jacobina foi beneficiada com diversos investimentos, muitos voltados para a agricultura, foi em contrapartida prejudicada pelo não prosseguimento da BR 324 e da não implantação de projetos de agricultura irrigada que ficaram limitados a Petrolina/Juazeiro e, posteriormente, a Irecê. Acirra-se, a partir desse momento, a competição regional no sertão em termos de desenvolvimento, envolvendo sobretudo Juazeiro, Senhor do Bonfim e Jacobina. A posição relativa desta última no contexto regional já começa a perder força. Mas, de certa forma, os investimentos realizados no município fizeram com que ela expandisse a sua capacidade de comércio, centralizando ao ponto de começar a se firmar também como centro vinculado ao setor terciário, desempenhando o papel de principal centro de convergência dos produtos regionais oriundos, na maioria das vezes, das cidades vizinhas e da Chapada Diamantina Setentrional.

Segundo o IBGE, em termos de produção agrícola da década de 40, as culturas temporárias que prevaleceram na região foram as de mamona, cana-de-açúcar, milho, mandioca e em menor escala, o feijão; enquanto que as culturas permanentes foram as de café e laranja. Na década de 50, as culturas temporárias e permanentes continuaram sendo fortes, apesar da seca que atingiu a região entre 1953 e 1956. Na década de 60, em virtude dos

investimentos aplicados na região, a produção agrícola ampliou e se fortaleceu, inclusive através das culturas do feijão, mandioca, milho e café. Fora dessas, a cultura da mamona e do sisal foram as principais.

No que se refere ao criatório, prevaleceram os rebanhos bovinos, suínos, caprinos e ovinos.

Devido ao início da divulgação dos dados estatísticos oficiais a partir de 1950, serão demonstrados de agora em diante alguns indicadores da região de Jacobina, em termos de produção agrícola e crescimento populacional. Logo em seguida destacaremos a evolução urbana neste contexto. Antes, vale ressaltar, que neste período, mais 5 municípios que compõem a região de Jacobina se emanciparam: Caém, 1962, saído de Jacobina; Caldeirão Grande, 1962, desmembrando de Saúde; Mirangaba emancipado de Saúde, em 1961; Serrolândia saído de Jacobina em 1962; e Várzea do Poço que se desmembrou de Miguel Calmon em 1962. Em virtude dos desmembramentos, as análises comparativas dos dados entre períodos devem ser relativizados para alguns municípios. Apesar disso, entendemos que é importante analisá-los pois demonstram, de certa forma, as transformações que vêm passando.

### 10.1 - DINÂMICA DA POPULAÇÃO

A região de Jacobina não apresentou acentuados crescimentos durante o período de 1940 a 1970, em termos absolutos. Pelo contrário, alguns municípios tiveram sua população diminuída, a exemplo de Miguel Calmon, Saúde e Morro do Chapéu. A de Saúde pode estar relacionada aos desmembramentos que sofreu durante os anos de 1961 e 1962. Jacobina, apesar dos desmembramentos teve um aumento absoluto no período. Por outro lado, a sua posição relativa em termos populacionais, no contexto regional, também teve acentuada diminuição pois de 50,23% em 1940 passa para 37,10% em 1970 (tab. 44). Mesmo assim,

Tab. 44  
POPULAÇÃO TOTAL DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE JACOBINA - 1940-70

MUNICÍPIOS	1940		1950		1960		1970	
	População	%	População	%	População	%	População	%
Caem	-	-	-	-	-	-	9.000	4,32
Caldeirão Grande	-	-	-	-	-	-	11.373	5,46
Jacobina	51.693	50,23	61.681	37,26	75.214	39,46	77.266	37,10
Miguel Calmon	-	-	30.544	18,45	28.456	14,93	24.149	11,60
Mirangaba	-	-	-	-	-	-	10.729	5,15
M. Chapéu	33.529	35,58	48.503	29,30	46.038	24,15	24.064	11,56
Piritiba	-	-	-	-	16.603	8,71	15.532	7,46
Saúde	17.684	17,18	24.834	15,00	24.287	12,74	7.927	3,81
Serrolândia	-	-	-	-	-	-	19.957	9,58
V. Poço	-	-	-	-	-	-	8.249	3,96
Total	102.906	100,00	165.562	100,00	190.598	100,00	208.246	100,00

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, Bahia -1940 a 1970.

através das taxas de crescimento geométrico do referido período (tab. 45), nota-se que entre 1960/1970 houve uma acentuada diminuição de crescimento, 0,27% contra 2,00% entre 1950/1960 em Jacobina. A causa também pode ser os desmembramentos. Neste contexto, merece destaque também, o município de Saúde que durante 1940-50, teve um crescimento negativo de -10,59%. Morro do Chapéu, por sua vez, cresceu 3,76 em 1940-50 e - 6,28% em 1960-70.

Diante disso, percebe-se que os poucos municípios que faziam parte da região de Jacobina

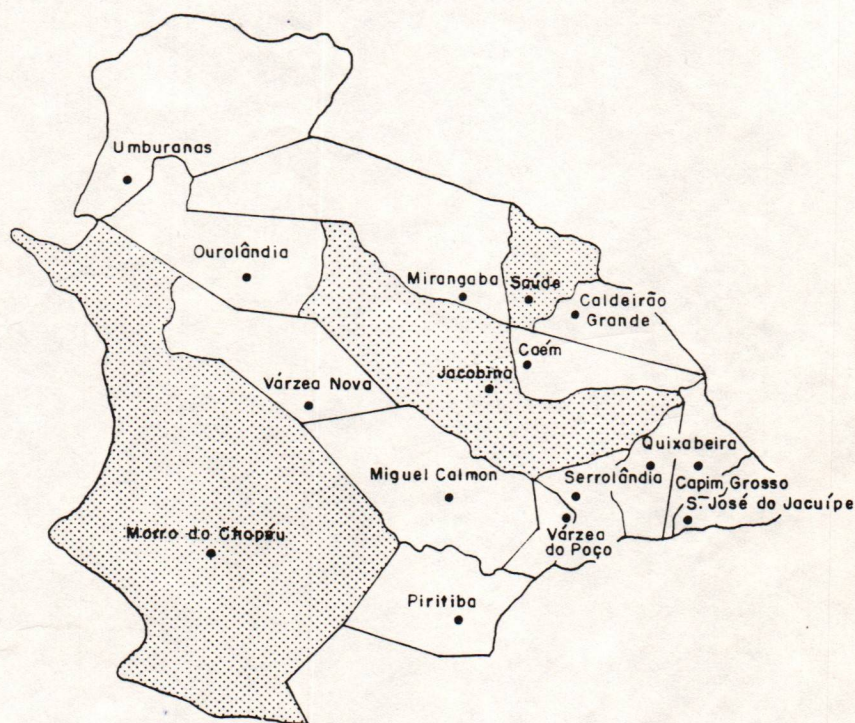
no período 1940/1970, apresentaram resultados bem parecidos, ou seja, crescimento positivo em 1940/50 e negativo em 1960/70, exceto Jacobina que apesar dos desmembramentos diminuiu o crescimento mas não chegou a ser negativo. No total, observa que a região apresentou uma alta taxa de crescimento, 4,87% em 1940/50, inclusive superior a do Estado da Bahia que foi 2,2%, e alcança 0,89% no período 1960/70, contra 4,2% da Bahia como um todo. Portanto, houve neste caso um expressivo decréscimo relativo. Para uma melhor visualização do fenômeno em 1940/50, ver fig.9.

Tab. 45  
TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE JACOBINA - 1940/70

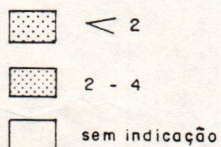
MUNICÍPIOS	TAXAS DE CRESCIMENTO EM %		
	1940-50	1950-60	1960-70
Jacobina	1,78	2,00	0,27
Miguel Calmon	-	-0,71	-1,36
Morro do Chapéu	3,76	-0,52	-6,28
Piritiba	-	-	-0,78
Saúde	3,45	-0,22	-10,59
Total	4,87	1,42	0,89

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, Bahia - 1940 a 1970.

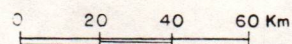
FIG. 9  
**REGIÃO DE JACOBINA**  
**TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO**  
**ANUAL DA POPULAÇÃO - 1940 / 50**



(%)



FONTE: Censo Demográfico - Bahia, 1940 - 1950.



Desenho: Cristina Menezes

Por outro lado, os cálculos das densidades demográficas gerais e rurais, referentes a 1960 e 1970, ajudam a perceber o grau de concentração da população no espaço regional. Foram considerados apenas os cálculos a partir de 1960, devido as dificuldades de se conseguir dados mais antigos (tab. 46).

Tab. 46  
DENSIDADES DEMOGRÁFICAS GERAIS E RURAIS DOS MUNICÍPIOS  
DA REGIÃO DE JACOBINA - 1960 / 1970

MUNICÍPIOS	DENSIDADES GERAIS		DENSIDADES RURAIS	
	1960	1970	1960	1970
Caém	-	18,20	-	17,18
Caldeirão Grande	-	14,50	-	16,55
Jacobina	11,60	14,70	6,90	9,80
Miguel Calmon	16,90	16,50	9,70	11,60
Mirangaba	-	5,50	-	4,20
Morro do Chapéu	5,60	4,10	2,90	3,10
Piritiba	15,90	15,30	12,20	10,50
Saúde	7,80	19,40	13,40	14,40
Serrolândia	-	28,41	-	25,00
Várzea do Poço	-	33,30	-	24,20

Fonte: IBGE. *Censo Demográfico, Bahia - 1960 a 1970.*

Nota-se que no contexto regional, as maiores densidades em 1960 pertenceram a Miguel Calmon e Piritiba, com 16,90 e 15,90 hab/km<sup>2</sup>, respectivamente. A menor densidade foi de Morro do Chapéu, 5,60 hab/km<sup>2</sup>, possivelmente devido a sua grande extensão territorial.

Em 1970, as maiores densidades ficaram para Várzea do Poço e Serrolândia, com expressivos índices de 33,30 e 28,41 hab/km<sup>2</sup>, respectivamente. Os outros municípios também apresentaram índices altos, entre 14,50 hab/km<sup>2</sup> como é o caso de Caldeirão Grande e 19,40 hab/km<sup>2</sup> de Saúde. Enquanto que Morro de Chapéu teve índice de 4,10 e Mirangaba, 5,50 hab/km<sup>2</sup>. Em termos de evolução, destaca-se o município de Saúde que passou de 7,80 em 1960 para 19,40 hab./km<sup>2</sup> em 1970, destacando um expressivo aumento da concentração populacional. Jacobina teve um aumento menor, de 11,60 em 1960 para 14,70 hab/km<sup>2</sup> em 1970. O restante dos municípios não apresentaram mudanças relevantes.

As densidades rurais auxiliam no melhor entendimento da realidade. Percebe-se que os índices mais elevados em 1960 foram de Saúde com 13,40 e Piritiba com 12,20

hab/km<sup>2</sup>. As menores ocorreram em Morro do Chapéu 2,90 e Jacobina 6,90 hab/km<sup>2</sup>. Em 1970, os maiores índices foram de Serrolândia e Várzea do Poço, com 25,00 e 24,20 hab/km<sup>2</sup>, respectivamente. Eram pequenos municípios com uma população muito concentrada na zona rural. Foi o que não ocorreu com Jacobina que tinha uma grande área municipal. Sua densidade rural foi de 9,80 hab/km<sup>2</sup>. As menores densidades rurais foram de Morro do Chapéu, com 3,10 hab/km<sup>2</sup> e Mirangaba com 4,20 hab/km<sup>2</sup>, também com extensas áreas. Só como referência, ver as figuras 10 e 11 relacionadas às densidades demográficas geral e rural de 1960, respectivamente.

As taxas de urbanização também são relevantes indicadores para o entendimento da dinâmica populacional da região. Diante disso, observa-se (tab. 47) que no período estudado a região de

Jacobina era predominantemente rural. Isso é compreensível em virtude da vocação e dos investimentos na região voltados para o setor primário. Observa-se que a maior taxa de urbanização em 1940 foi a de Saúde, com 13,70%,

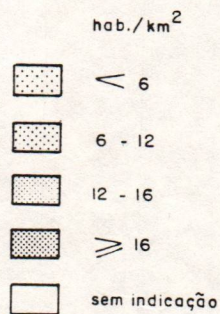
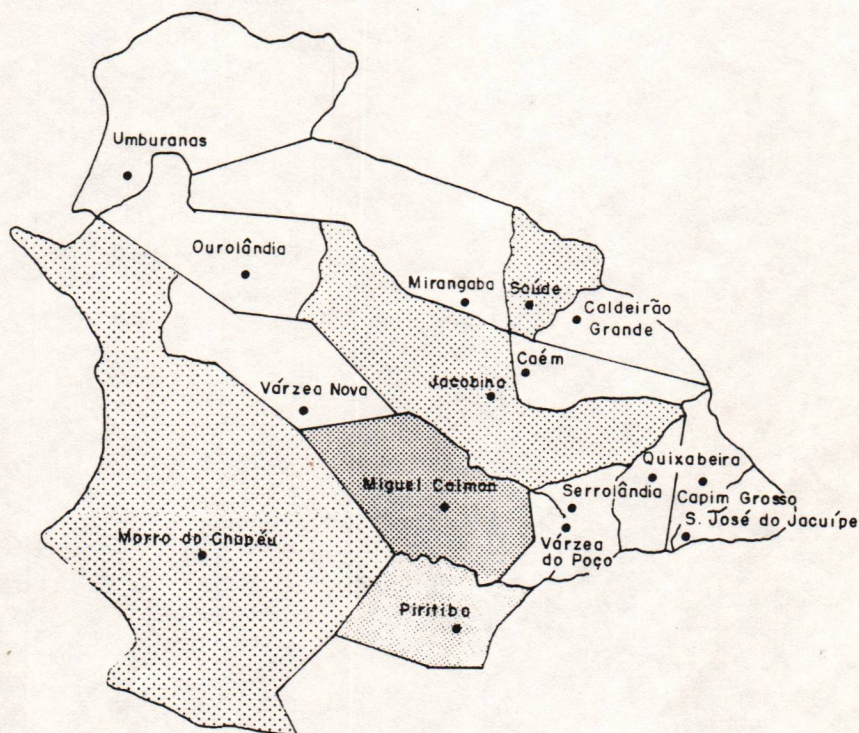
aumentando para 28,50% em 1970; e a menor foi a de Morro do Chapéu, 9,70%. Entre 1940 e 1970, Jacobina evoluiu de 12,70% para 33,30%, sendo a cidade mais urbanizada na década de setenta no contexto regional. A urbanização de Morro do Chapéu permaneceu estável nas décadas de quarenta e cinquenta, começando a aumentar em 1960, onde chegou a 19,13% e em 1970, alcançando 22,93% (ver fig. 12).

Tab.47  
TAXAS DE URBANIZAÇÃO DA REGIÃO DE JACOBINA  
1940-70

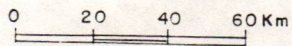
MUNICÍPIOS	TAXAS DE URBANIZAÇÃO (EM %)			
	1940	1950	1960	1970
Caém	-	-	-	12,00
Caldeirão Grande	-	-	-	25,90
Jacobina	12,70	-	-	33,30
Miguel Calmon	-	17,80	28,70	29,80
Mirangaba	-	-	-	23,70
Morro do Chapéu	9,70	9,70	19,13	22,93
Piritiba	-	-	26,41	31,42
Saúde	13,70	11,30	24,10	28,50
Serrolândia	-	-	-	12,10
Várzea do Poço	-	-	-	27,20

Fonte: IBGE. *Censo Demográfico - Bahia, 1940 a 1970.*

FIG. 10  
**REGIÃO DE JACOBINA**  
**DENSIDADES DEMOGRÁFICAS - 1960**

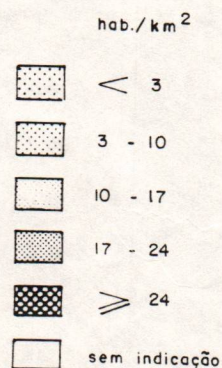
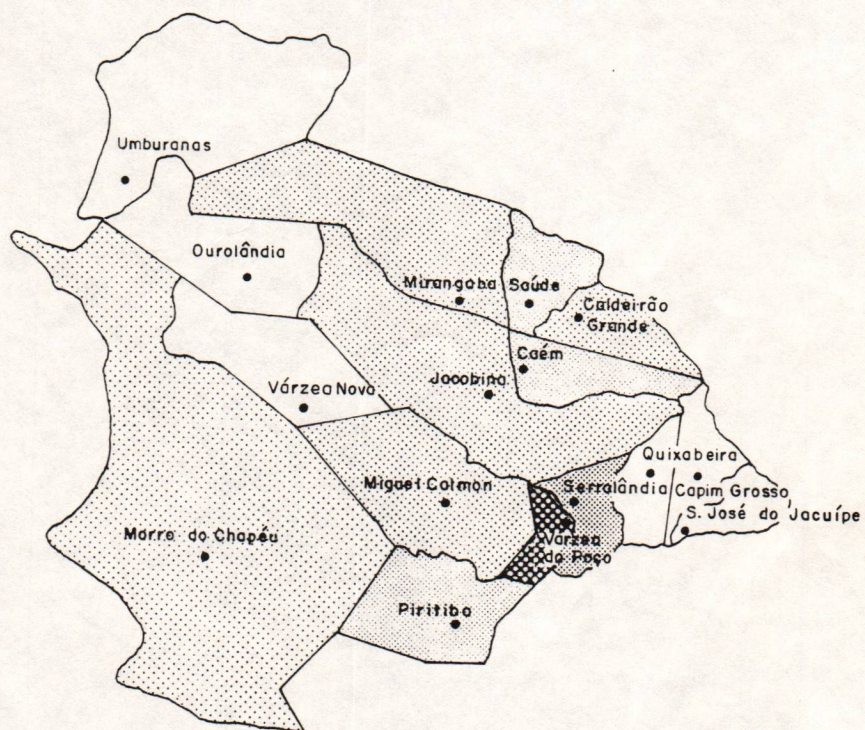


FONTE: Censo Demográfico - Bahia - 1960.

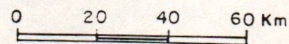


Desenho: Cristina Menezes

FIG. II  
**REGIÃO DE JACOBINA**  
**DENSIDADES DEMOGRÁFICAS RURAIS - 1960**

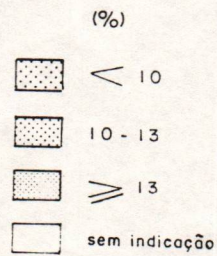
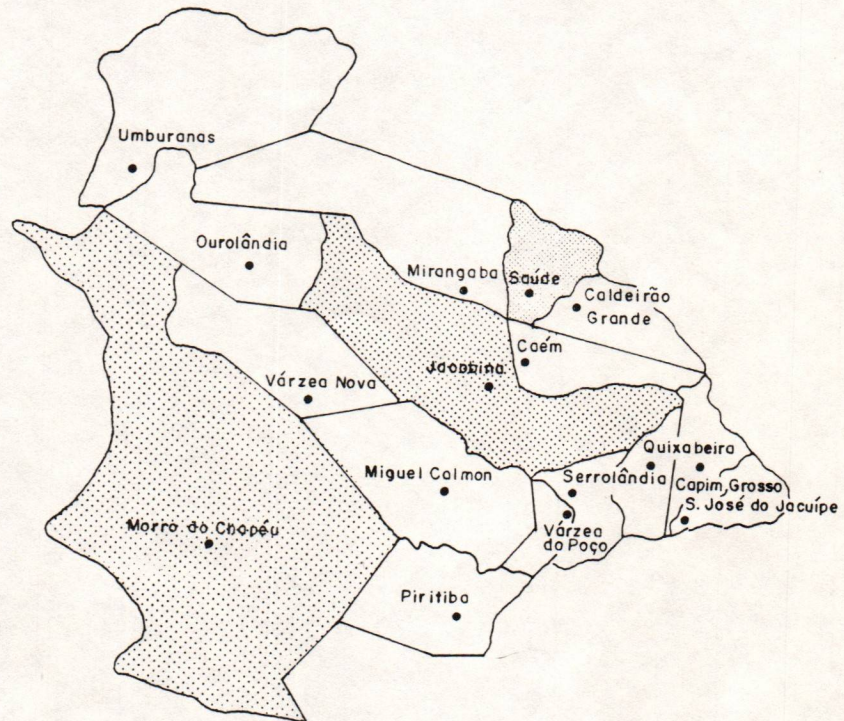


FONTE: IBGE. Censo Demográfico-Bahia, 1960.

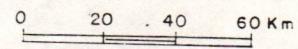


Desenho: Cristina Menezes

FIG. 12  
**REGIÃO DE JACOBINA**  
**TAXAS DE URBANIZAÇÃO - 1940**



FONTE: Censo Demográfico - Bahia - 1940.



Desenho: Cristina Menezes

Dessa forma, nota-se que a região de Jacobina, nesse período, era predominantemente agrícola, com a população mais concentrada na zona rural. Apesar de começar a se especializar mais no setor terciário, que tem caráter eminentemente urbano, chega ao final da década de 60, predominantemente rural.

Por outro lado, percebe-se pela tab. 48 que os centros urbanos da região tiveram crescimento absoluto positivo. A população da cidade de Jacobina, por exemplo, quadruplicou pois tinha 4.389 habitantes em 1940 e passou para 19.211 em 1970. Também no contexto das cidades da região, Jacobina representava 46,75% do total da população em 1940 e 50,68% em 1960, caindo um pouco em 1970 para 45,56%. A cidade de Saúde, por sua vez, foi perdendo gradativamente a sua posição relativa em termos de população, passando de 16,16% em 1940 para 4,99 em 1970.

Tab. 48  
POPULAÇÃO DOS CENTROS URBANOS DA REGIÃO DE JACOBINA - 1940 / 1970

CENTROS URBANOS	1940		1950		1960		1970	
	População	%	População	%	População	%	População	%
Caem	-	-	-	-	-	-	1.083	2,57
Caldeirão Grande	-	-	-	-	-	-	1.093	2,59
Jacobina	4.389	46,75	7.224	50,97	12.373	50,68	19.211	45,56
Miguel Calmon	2.296	24,45	3.939	27,79	4.822	19,75	5.718	13,56
Mirangaba	-	-	-	-	-	-	1.087	2,58
M. Chapéu	1.187	16,64	1.230	8,68	2.039	8,36	3.664	8,69
Piritiba	-	-	-	-	3.212	13,16	3.550	8,42
Saúde	1.517	16,16	1.779	12,55	1.970	8,07	2.106	4,99
Serrolândia	-	-	-	-	-	-	2.414	5,72
Várzea do Poço	-	-	-	-	-	-	2.244	5,32
Total	9.389	100,00	14.172	100,00	24.416	100,00	42.170	100,00

Fonte: IBGE. *Censo Demográfico, Bahia - 1940 a 1970.*

Para uma melhor compreensão do fenômeno, a tab. 49 demonstra as taxas geométricas de crescimento anual dos centros urbanos.

Percebe-se que

Jacobina, além de ser a cidade mais populosa, foi a que apresentou as mais altas taxas geométricas de crescimento, com 5,12% em 1940-50 e 5,53% em 1950-60. Ocorreu uma pequena

redução no período 1960-70, mas mesmo assim permaneceu alto, 4,50%. Este aumento da população urbana reflete os investimentos governamentais aplicados na cidade. Outro destaque é para Morro do Chapéu que passou de 0,36% no período 1940-50, para 6,04% em 1960-70. Este aumento da população de Morro do Chapéu pode estar relacionado ao início da penetração do café na região.

As características rurais da referida região podem ser constatadas também através da análise da população economicamente ativa dos setores primário, secundário e terciário, sobre a população total de cada município (tab. 50).

Tab. 49  
TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DOS CENTROS URBANOS DA REGIÃO DE JACOBINA - 1940-70

CENTROS URBANOS	TAXAS DE CRESCIMENTO EM %		
	1940-50	1950-60	1960-70
Jacobina	5,12	5,53	4,50
Miguel Calmon	2,77	2,04	1,72
Morro do Chapéu	0,36	5,18	6,04
Piritiba	-	-	1,00
Saúde	1,61	1,02	0,67
Total	3,46	4,11	4,91

Fonte: IBGE. *Censo Demográfico, Bahia - 1940 a 1970.*

Tab. 50  
PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA NA POPULAÇÃO TOTAL E NOS SETORES DE ATIVIDADES DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE JACOBINA 1960-1970

MUNICÍPIOS	% DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA							
	NA POPULAÇÃO TOTAL		NO SETOR PRIMÁRIO		NO SETOR SECUNDÁRIO		NO SETOR TERCIÁRIO	
	1960	1970	1960	1970	1960	1970	1960	1970
Caem	-	28,76	-	84,31	-	3,98	-	11,71
Caldeirão Grande	-	28,95	-	88,12	-	3,77	-	8,11
Jacobina	31,50	28,76	78,95	68,10	3,55	8,10	17,50	23,80
Miguel Calmon	33,37	26,53	74,63	78,24	3,74	5,23	21,63	16,53
Mirangaba	-	32,94	-	91,09	-	2,94	-	5,97
M. Chapéu	31,55	29,13	87,50	88,10	2,38	3,48	10,12	8,41
Piritiba	38,35	28,90	76,83	74,27	5,45	10,58	17,72	15,15
Saúde	28,36	31,90	82,20	85,92	3,79	3,28	14,01	10,80
Serrolândia	-	27,49	-	83,76	-	5,67	-	10,57
Várzea do Poço	-	29,26	-	80,61	-	6,63	-	12,76
Total	31,98	28,73	80,46	77,82	3,52	6,23	16,01	20,16

Fonte: IBGE. *Censos Demográficos, Bahia - 1960 a 1970.*

Percebe-se que a participação da população economicamente ativa - PEA, sobre a população total da região foi de 31,98% em 1960, caindo para 28,73% em 1970. Prevalece em todos os municípios da região, a força do setor primário. Destaca-se, neste contexto, Morro do Chapéu com 87,50% e Saúde com 82,20% da PEA vinculados a este setor. A força do setor primário permanece na década de setenta, destacando Mirangaba, que concentrava 91,09% da PEA neste setor. O menor percentual da PEA no referido setor foi encontrado em Jacobina, 68,10% em 1970. Já a participação da PEA no setor secundário, nas referidas décadas, foi muito pequena em termos relativos, devido a vocação agrícola da região. Mesmo assim, destacam-se na década de setenta, Pirituba e Jacobina com 10,58% e 8,10%, respectivamente. Por outro lado, a PEA no setor terciário foi mais forte que no secundário, em termos relativos. Inclusive Jacobina em 1960, concentrava 17,50% da PEA no terciário, aumentando para 23,80% em 1970. É um indicador importante da força do referido setor no município, principalmente através do desenvolvimento do comércio atacadista e varejista da assistência médica e bancária.

Estas características, ainda que não demonstre toda a realidade regional, deve ser vistas como importantes indicadores de análise.

## 10.2 - EVOLUÇÃO URBANA DE JACOBINA (1940 A 1969)

Os investimentos aplicados na região, apesar de estarem vinculados ao desenvolvimento da agricultura, repercutiram diretamente no espaço urbano de Jacobina. No primeiro momento, ou seja, entre 1940 e 1950, não ocorreram expansões marcantes. Na verdade, ocorreu mais o processo de densificação das áreas já ocupadas. Por outro lado, entre 1950 e 1960, a prioridade foi para instalação de serviços de infra-estrutura como redes de drenagens e terraplanagens, inclusive nas encostas das serras. Em 1955 foi construído o

Aeroporto, e em 1960, o matadouro municipal no lado oeste da cidade, indicando as novas vias de expansão urbana. Surge assim, o bairro da Caeira e da Catuaba. Na década de 60 foi construído o mercado municipal (1962), dinamizando ainda mais o centro da cidade, o Fórum, Telebahia e a ponte Rocha Pires, ampliando a ligação entre os dois lados do rio Itapicuru-Mirim e dando condições para o surgimento de novos bairros, como o do DERBA, adensando o núcleo inicial da estação, rumo ao bairro dos Índios e também do Peru Pelado. Neste período, o bairro de Félix Tomás também surge. Os outros vão se ampliando, como o da Caixa D'água, Serrinha e Índios (ver fig. 8D).

Percebe-se, no entanto, que apesar de apresentar uma população majoritariamente rural, o espaço urbano cresce e densifica-se consideravelmente. Isso pode ser consequência dos investimentos aplicados na cidade, no crescimento natural e na evolução do setor terciário, que pode ter proporcionado a atração de migrantes.

A partir de 1970, a cidade de Jacobina e sua região passam novamente por profundas transformações, em virtude de acontecimentos de caráter externo e interno. Isso é o que veremos no próximo capítulo.

**PARTE IV**

**CRISE RECENTE, PODER E NOVAS ESTRATÉGIAS DE  
DESENVOLVIMENTO**

## 11 - EVOLUÇÃO RECENTE E CRISE REGIONAL (1970 ATÉ OS DIAS ATUAIS)

A década setenta marca o processo de solidificação e intensificação industrial desencadeado na Bahia a partir dos anos 40, devido principalmente a instalação do CIA - Centro Industrial de Aratu, em 1969, e do COPEC - Complexo Petroquímico de Camaçari, em 1978. Foram dois investimentos de peso, expressão da prática do planejamento levada a efeito pelo governo brasileiro. Diante disso, o Estado da Bahia apresentava já na década de 70, um bem montado parque industrial localizado na Região Metropolitana de Salvador e com rodovias unificando as diversas áreas do território baiano. Cidades como Feira de Santana, Ilhéus, Itabuna e Vitória da Conquista, já eram centros regionais de porte. A força de Feira de Santana, por exemplo, engloba uma ampla região, inclusive a cidade de Jacobina, que está, hierarquicamente, definida como um centro de Segunda ordem, no contexto do Subsistema Urbano-Regional de Feira de Santana, na década de 80. (Silva, Silva, Leão, 1985), ficando atrás somente da própria cidade de Feira de Santana. Sendo assim, Jacobina assume nesse período um papel de destaque ao lado de Irecê.

A economia baiana na década de 80 não foi "perdida". Pelo contrário, ocorreu uma acentuada diversificação da economia e também a interiorização de expressivas atividades. A "Bahia cresceu 23% em termos reais. Na mesma década em que a renda *per capita* brasileira diminuiu 4,8%, a renda *per capita* dos baianos cresceu 3,7%" (Prosérpio, 1994, p.7), inclusive com boas perspectivas para a década de 90. Infelizmente o crescimento da economia se distribuiu desigualmente pelas regiões. Apesar da interiorização, que fica muito presa a Feira de Santana, a Região Metropolitana é quem concentra excessivamente a indústria, ampliando a desigualdade entre esta e o restante do Estado. Por outro lado, os investimentos na agricultura irrigada e na agroindústria ficaram restritos às áreas do Médio São Francisco, Oeste Baiano e Irecê. Para articular estas regiões, estradas foram abertas, como

a BA 052, também conhecida como estrada do feijão, implantada em 1974. Esta rodovia segue paralela a BR 324, beneficiando bastante os municípios de Cafarnaum, Morro do Chapéu e Irecê (ver fig. 3).

Em contrapartida, o município de Jacobina é prejudicado pois ficou no "fim de linha", devido a não continuação das obras da BR 324, além de perder o prestígio de ser a melhor via de acesso para se alcançar a Chapada Diamantina Setentrional. As implantações da BA 052 e da BR 407 representaram importantes acontecimentos para o reordenamento do poder de forças das cidades no sertão baiano. Jacobina ficou em desvantagem, uma vez que o seu poder de polarização exercido em extensas áreas vem declinando acentuadamente, principalmente sobre as cidades de Morro do Chapéu, Mundo Novo, Mairi, etc. A cidade de Irecê, que até a década de 60 fazia parte da área de influência de Jacobina, hoje é considerada como um dinâmico polo regional, sendo por sinal um dos maiores concorrentes de Jacobina em termos de crescimento. Por outro lado, ao mesmo tempo que a BA 052 é implantada, dois anos depois é desativado o transporte ferroviário de Jacobina, que desempenhava relevante papel no transporte de passageiros e no escoamento de grande parte da produção agropecuária e mineral provenientes da região. A cidade ficou assim, num "beco sem saída". Os governos federal e estadual deram-lhe as costas 4 vezes: primeiro não deram prosseguimento a construção da BR 324; segundo, não inseriram Jacobina no contexto da agricultura irrigada e na agroindústria; implantaram a BA 052 que apesar dos benefícios para outras cidades, prejudicou Jacobina; e, por último, desativou sua linha férrea, tirando-lhe o trem da história. Na verdade, os governos negaram a Jacobina, aquilo que é mais sagrado a um centro regional: as vias e os meios de transporte. Sem comunicação e articulação não há desenvolvimento regional. Jacobina foi, dessa forma, condenada a uma "prisão regional". Os motivos desse isolamento, segundo as entrevistas, são, inclusive, de ordem política, envolvendo agentes locais, estaduais e federais.

Vale registrar, no entanto, que a partir de 1970, a UNIGEO, empresa responsável por pesquisa mineral, retomou os estudos das potencialidades minerais da cidade, da garimpagem e das minas, que serviram de subsídios para exploração do ouro, pela Mineração Morro Velho S/A, instalada no início dos anos 80. Concomitante a isso, a região sofreu na década de 70, outra forte seca que comprometeu a economia regional, devido a perda da colheita agrícola. Sem dúvida nenhuma, a década de 70 foi frustrante para a região de Jacobina.

- Durante a década de 80, a exploração sistemática do ouro inicia-se no município, por intermédio da Mineração Morro Velho, empresa multinacional, que hoje chama-se Jacobina Mineração e Comércio S/A. O período inicial de funcionamento da empresa reativou a economia local. Primeiro atraiu mão-de-obra da região e de lugares mais longínquos, pois promoveu 1.500 empregos diretos, aquecendo substancialmente as vendas no comércio e favorecendo o desenvolvimento da especulação imobiliária. A cidade registra, neste período, um crescimento horizontal jamais visto. Em contrapartida aparecem vários problemas sócio-ambientais, como falta d'água, poluição dos rios, favelização, etc. O déficit de abastecimento d'água, por exemplo, era e ainda é grande. A EMBASA - Empresa Baiana de Águas e Saneamento S/A - não consegue atender toda a comunidade devido ao aumento populacional. A estação de tratamento d'água da empresa está operando com a capacidade abaixo da expectativa. O fato é que constantemente falta água na cidade, não por causa de secas ou por falta de rio, mas por falta de uma maior estação de tratamento.

Atualmente a Prefeitura local tenta municipalizar o serviço de água. O caso está na Justiça, uma vez que a EMBASA não quer abrir mão. A Prefeitura alega que o contrato de exploração de água por esta empresa já está vencido. Enfim, com este conflito envolvendo o governo local e o estadual, quem se prejudica é a população que periodicamente é atingida pela falta de água.

O comércio e os serviços se expandem e vão ficando cada vez mais diversos e sofisticados. Pequenas indústrias também são atraídas. Foi uma nova fase de Jacobina estava começando. Neste caso, a agropecuária cede espaço para o comércio e serviços, em virtude do corte do crédito agrícola. Este é também um forte motivo para a dinâmica expansão recente do quadro urbano, devido ao êxodo de agricultores e seus familiares que procuravam a referida cidade para morar e mudar de vida.

Apesar de tudo, a exploração mineral não conseguiu se expandir setorialmente e dinamizar outras atividades por muito tempo. A partir da segunda metade da década de 80 até os dias atuais, a cidade não se dinamiza mais, em termos expressivos. Os setores produtivos pouco avançam e a agropecuária está em crise por falta de investimentos governamentais. Poucos setores industriais foram estimulados para diversificar a economia local, ficando a cidade na dependência da Jacobina Mineração e Comércio. Só que a empresa, segundo as entrevistas, não vem passando por uma boa fase. Os investimentos tecnológicos internos, além de dispensar grande número de mão-de-obra, não conseguiram retornos econômicos expressivos.

Além destes aspectos, vale ressaltar também a seca dos últimos anos, os conflitos internos e externos de poder e, principalmente, a perda relativa do poder de influência regional de Jacobina em virtude dos investimentos governamentais que beneficiaram Juazeiro, Senhor do Bonfim e Irecê. As elites dominantes tentam recuperar a força regional da cidade. O processo de emancipação política também é um fator que contribuiu bastante para os problemas. A década de 80 foi de emancipações municipais. Jacobina perdeu três importantes distritos: Capim Grosso, em 1985, que por sua vez perdeu São José do Jacuípe em 1989; Várzea Nova em 1985 e Orolândia em 1989.

É assim que a região alcança o período atual: ilhada em termos econômicos, político e social. Surge daí a idéia de organização do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-

Econômico que, como já foi dito, procuravam vias alternativas para a cidade e a região. Atualmente se busca o fomento ao turismo como uma saída. Mas os embates dos agentes internos e externos não permitem que a idéia vingue. Potencial turístico a região tem.

Dando sequência às análises quantitativas, abordaremos a seguir alguns indicadores relevantes para um melhor entendimento da região. Antes porém, vale ressaltar que as "comparações" envolvendo municípios em períodos diferentes devem ser entendidas aqui com a maior prudência em virtude do surto de emancipações que ocorreram na Bahia e no Brasil a partir da década de oitenta. Mesmo considerando as fragilidades destes tipos de "comparações", entendemos a relevância das análises pois podem demonstrar as transformações que a região de Jacobina vem passando.

### 11.1 - DINÂMICA POPULACIONAL

Com base na tab. 51, percebe-se que foi Jacobina quem apresentou o mais acentuado crescimento absoluto da sua população em 1980, regredindo bastante em 1991. Como se observou anteriormente, a década de 70 foi muito difícil para o município. Mesmo assim, a população absoluta passou de 77.266 em 1970 para 104.065 em 1980, aumentando em 25,75%. Em 1991, com todos os acontecimentos citados anteriormente, a população decresce de 104.065 em 1980 para 76.518 habitantes. Em 1980 a população de Jacobina representava 40,56% do total da região, contra 39,46% em 1960 e 37,10% em 1970. Em 1991, este percentual cai para 23,42%, continuando ainda bastante elevado com relação a municípios como Morro do Chapéu que é o segundo maior, com 9,72%. Destaca-se também, em termos de perda da participação relativa da população, o município de Serrolândia que em 1980 representava 8,67% e, em 1991, cai para 3,61%. Isso demonstra como foi forte o processo de emancipações ocorrido na região. Quixabeira, por exemplo, tem hoje uma população superior a

própria Serrolândia, município de onde se emancipou, ou seja, 13.927 habitantes contra 11.812 de Serrolândia em 1991. Devido a inexistência de dados disponíveis, não foi possível fazer comparações com períodos mais recentes.

Tab. 51  
POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE JACOBINA - 1980 / 1991

MUNICÍPIOS	1980		1991	
	População	%	População	%
Caém	9705	3,78	17116	5,24
Caldeirão Grande	11372	6,67	15815	4,84
Capim Grosso	-	-	19659	6,02
Jacobina	104065	40,56	76518	23,42
Miguel Calmon	23407	9,12	25260	7,73
Mirangaba	13441	5,23	14651	4,48
Morro do Chapéu	31731	12,37	31766	9,72
Ourolândia	-	-	12235	3,74
Piritiba	16335	6,37	24176	7,40
Quixabeira	-	-	13927	4,26
Saúde	8501	3,31	11389	3,24
Serrolândia	22238	8,67	11812	3,61
S.J. Jacuípe	-	-	14100	4,32
Umburanas	-	-	9633	2,75
Várzea do Poço	10017	3,90	11540	3,53
Várzea Nova	-	-	9633	2,92
Total	256556	100,00	326741	100,00

FONTE: IBGE: *Causas Demográficas. Bahia - 1980 e 1991.*

Para se ter uma melhor idéia do crescimento da população foram calculadas, também, as taxas geométricas de crescimento de 1970/80 e 1980/91 (ver tab. 52). Observa-se que no período 1970/80 a maior taxa de crescimento foi de Caldeirão Grande, 4,17%, seguida de 3,02% de Jacobina. Enquanto isso, Miguel Calmon cresceu -0,31%, permanecendo com um crescimento negativo. Nota-se que Jacobina teve um aumento significativo no período, 3,02%, uma vez que em 1960/70, cresceu apenas 0,27%. Outro destaque é Saúde que aumentou de -10,59% em 1960/70 para 0,70% em 1970/80. Presume-se que todas essas mudanças populacionais ocorreram devido ao crescimento natural e aos investimentos realizados na região, a partir de 1960, que proporcionaram a atração de imigrantes. Por outro lado, em 1980/91 é Caém quem se destaca com um crescimento relativo de 5,23%, contra 0,76% em

1970/80. A facilidade de acesso e a proximidade desta cidade com relação a Jacobina, faz com que a população prefira permanecer morando no local. Já a cidade de Serrolândia teve uma taxa de - 5,54%. O maior motivo deve ter sido a emancipação de Quixabeira. Jacobina, por sua vez, também obteve grande decréscimo, saindo de 3,02% em 1970/80 para - 2,73%. Acredita-se que isso deve estar vinculado aos desmembramentos. No total, a região obteve um crescimento de 2,20%. As mais sólidas explicações para isso são os desmembramentos e a crise que a região vem enfrentando, fazendo com que ocorra êxodo de pessoas para outras cidades, como Salvador. Apesar de não dispor de dados, presume-se que o maior fluxo migratório é direcionado a Salvador, devido a distância e a facilidade de deslocamento. Ver figs. 13 e 14.

Para esclarecer esta situação calculamos as densidades demográficas geral e rural. Com base na tab. 53, nota-se que entre as densidades gerais de 1980 destaca-se a de Várzea do Poço com 40,40

hab./km<sup>2</sup>. A menor foi a de Morro do Chapéu com 5,30 hab./km<sup>2</sup>. As maiores densidades demográficas em 1991 foram as de Capim Grosso, 58,50 hab./km<sup>2</sup> e de Caldeirão Grande,

Tab. 52  
TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE JACOBINA - 1940 / 1970

MUNICÍPIOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (EM%)	
	1970-80	1980-91
Caém	0,76	5,23
Caldeirão Grande	4,17	-0,71
Jacobina	3,02	-2,73
Miguel Calmon	-0,31	0,69
Mirangaba	2,28	0,78
Morro do Chapéu	2,80	0,01
Piritiba	0,62	3,60
Saúde	0,70	-2,67
Serrolândia	1,09	-5,54
Várzea do Poço	1,96	-0,35
Total	2,11	2,20

Fonte: Censos Demográficos, Bahia - 1980 e 1991.

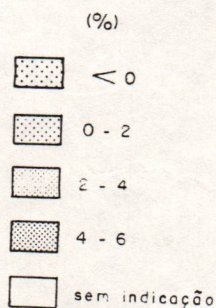
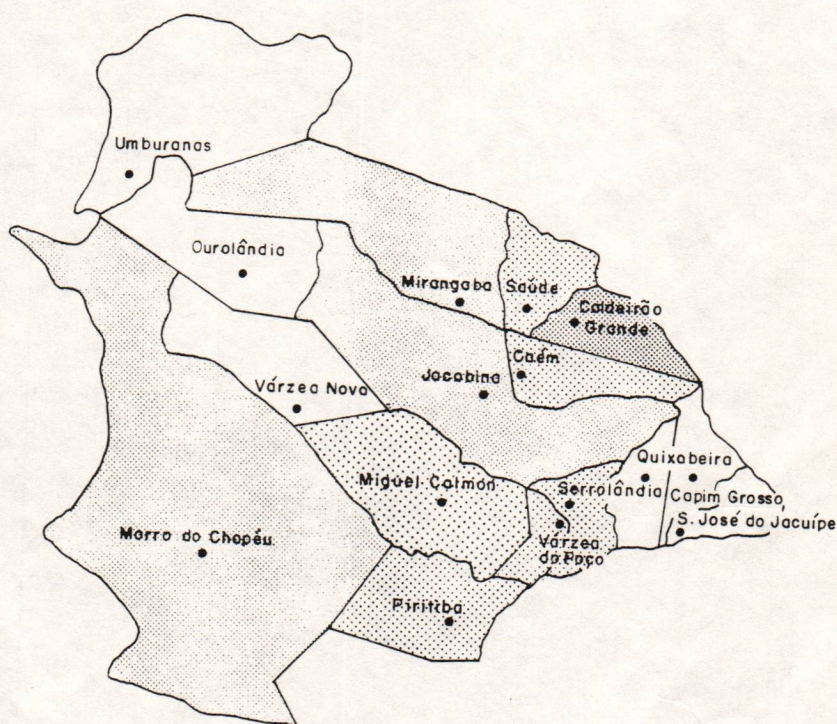
Tab. 53  
DENSIDADES DEMOGRÁFICAS GERAIS E RURAIS DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE JACOBINA - 1980-1991

MUNICÍPIOS	DENSIDADES GERAIS		DENSIDADES RURAIS	
	1980	1991	1980	1991
Caém	19,60	34,41	17,80	26,92
Caldeirão Grande	21,92	49,90	16,55	34,59
Capim Grosso	-	58,50	-	21,40
Jacobina	19,80	37,40	7,78	12,97
Miguel Calmon	16,10	17,30	10,24	9,07
Mirangaba	6,90	7,50	5,25	5,38
Morro do Chapéu	5,30	5,40	3,70	2,74
Ourolândia	-	9,20	-	7,42
Piritiba	16,30	24,20	9,78	15,21
Quixabeira	-	37,80	-	30,47
Saúde	21,10	28,20	14,46	28,36
Serrolândia	31,70	35,40	26,62	14,52
S. J. Jacuípe	-	38,20	-	21,14
Umburanas	-	6,40	-	3,85
Várzea do Poço	40,40	38,80	26,71	21,54
Várzea Nova	-	17,40	-	8,60

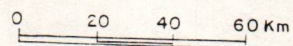
Fonte: IBGE. Curso Demográfico - Bahia, 1980 e 1991.

FIG. 13

# REGIÃO DE JACOBINA TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS - 1970 / 80



FONTE: Censo Demográfico - Bahia - 1970 e 1980.

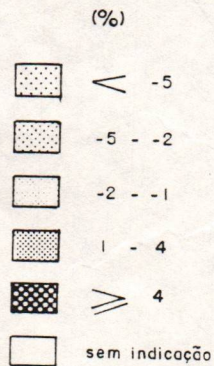
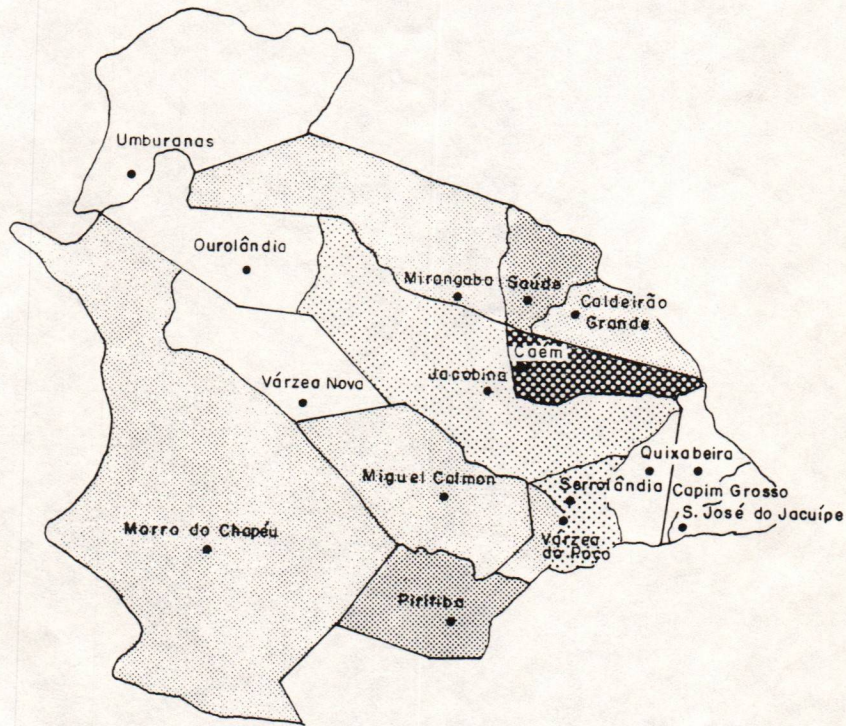


Desenho: Cristina Menezes

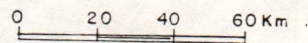
FIG. 14

# REGIÃO DE JACOBINA

## TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS - 1980 / 91



FONTE: Censo Demográfico - Bahia, 1980 - 1991.



Desenho: Cristina Menezes

49,90 hab/km<sup>2</sup>. Estes dois municípios sofreram desmembramentos. Mesmo assim, a particularidade de Capim Grosso está no seu dinâmico comércio, resultante da privilegiada posição geográfica da cidade: entroncamento rodoviário das BR 324 e 407 (ver fig.3). As densidades de Jacobina foram de 19,80 em 1980 e 37,40 hab/km<sup>2</sup> em 1991, aumentando devido as emancipações. Quanto às densidades rurais de 1980, percebe-se que os maiores índices ficaram por conta de Várzea Nova e Serrolândia 26,71 e 26,62 hab./ km<sup>2</sup>, respectivamente. São pequenos municípios com grande parte dos habitantes morando na zona rural. Enquanto que os menores índices ficaram para Morro do Chapéu 3,70, Mirangaba 5,25 e Jacobina 7,78 hab./ km<sup>2</sup>. Em 1991 o maior índice foi para Caldeirão Grande com 34,59 hab/km<sup>2</sup> e o menor foi de Morro do Chapéu com 2,74 hab/km<sup>2</sup>. Nesse período os referidos municípios ainda tinham extensas áreas territoriais. Por outro lado, vale destacar, que os maiores índices de concentração rural e geral atuais encontram-se no lado Leste da região de Jacobina, exatamente em locais que apresentam melhor acesso, inclusive através da BR 324.

Dedicam-se a agricultura e pecuária, mas também ao comércio, como Capim Grosso. Os menores índices encontram-se no Oeste de Jacobina, em municípios mais próximos à Chapada Diamantina, onde a agricultura do milho, do feijão e do algodão são as principais fontes de economia (ver figs. 15, 16, e 17).

As taxas de urbanização também foram

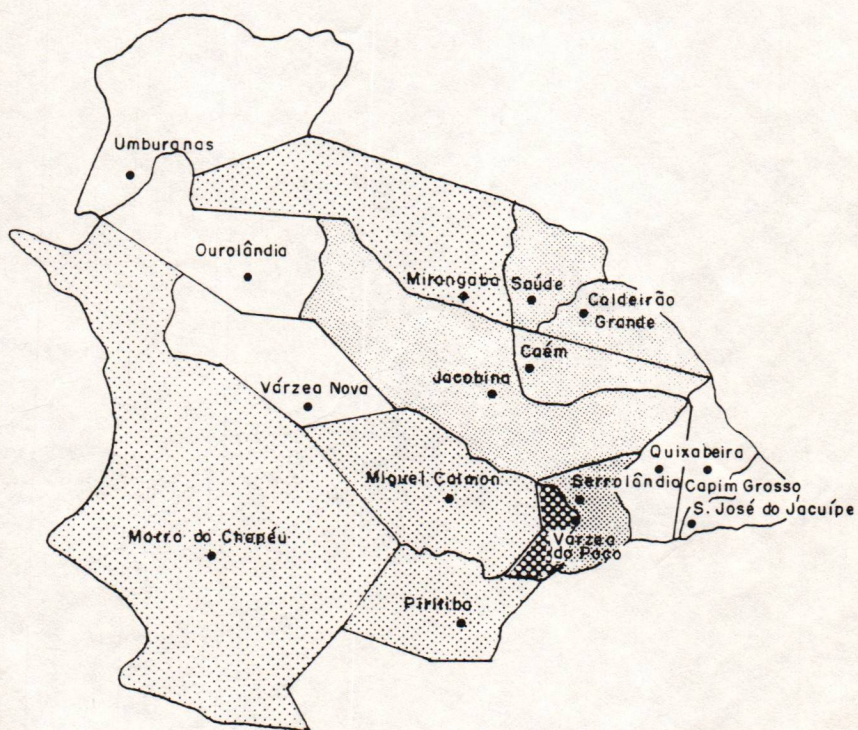
Tab. 54  
TAXA DE URBANIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA  
REGIÃO DE JACOBINA - 1980 / 1991

MUNICÍPIOS	TAXAS DE URBANIZAÇÃO ( EM % )	
	1980	1991
Caém	12,30	22,30
Caldeirão Grande	24,22	30,70
Capim Grosso	-	63,40
Jacobina	34,80	65,30
Miguel Calmon	35,91	46,31
Mirangaba	32,80	28,50
Morro do Chapéu	55,00	48,82
Ourolândia	-	19,20
Piritiba	71,25	37,20
Quixabeira	-	19,50
Saúde	31,20	48,40
Serrolândia	16,40	40,10
S. J. Jacuipe	-	25,80
Umburanas	-	39,50
Várzea do Poço	33,80	44,40
Várzea Nova	-	41,50

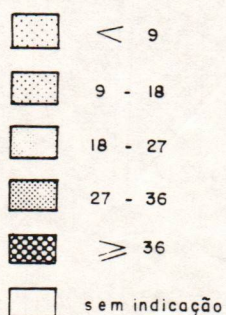
Fonte: IBGE. *Censos Demográficos - Bahia, 1980 e 1991.*

utilizados para ampliar o entendimento da questão. (tab. 54 e figs.18 e 19). Em 1980 os únicos

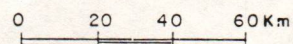
FIG. 15  
**REGIÃO DE JACOBINA**  
**DENSIDADES DEMOGRÁFICAS - 1980**



hab. / km<sup>2</sup> (%)

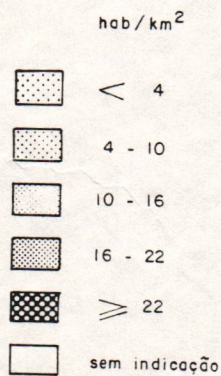
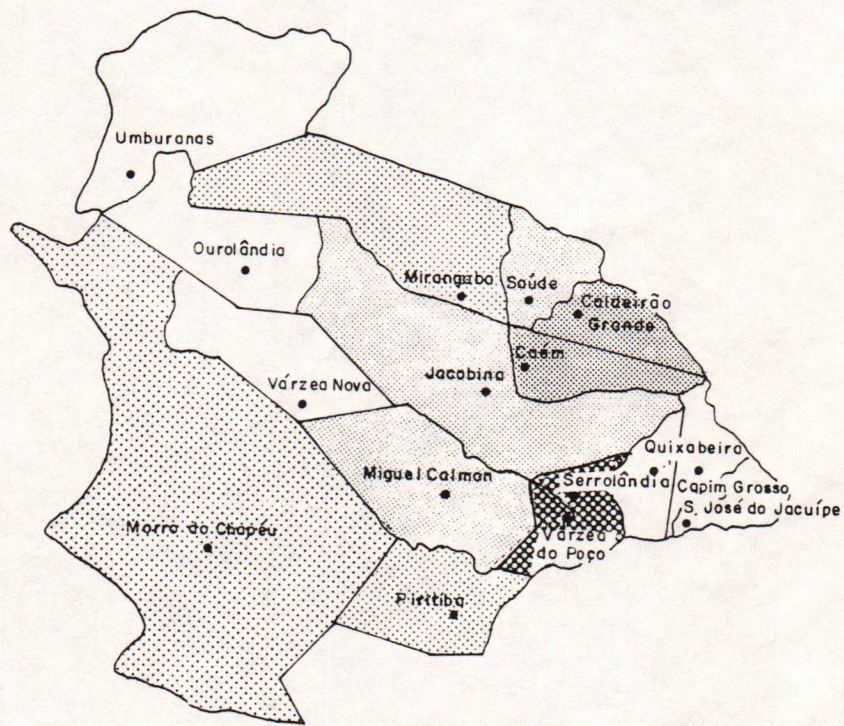


FONTE: Censo Demográfico - Bahia - 1980.

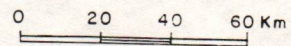


Desenho: Cristina Menezes

FIG. 16  
**REGIÃO DE JACOBINA**  
**DENSIDADES DEMOGRÁFICAS RURAIS - 1980**

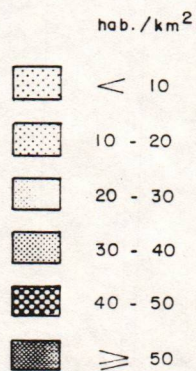
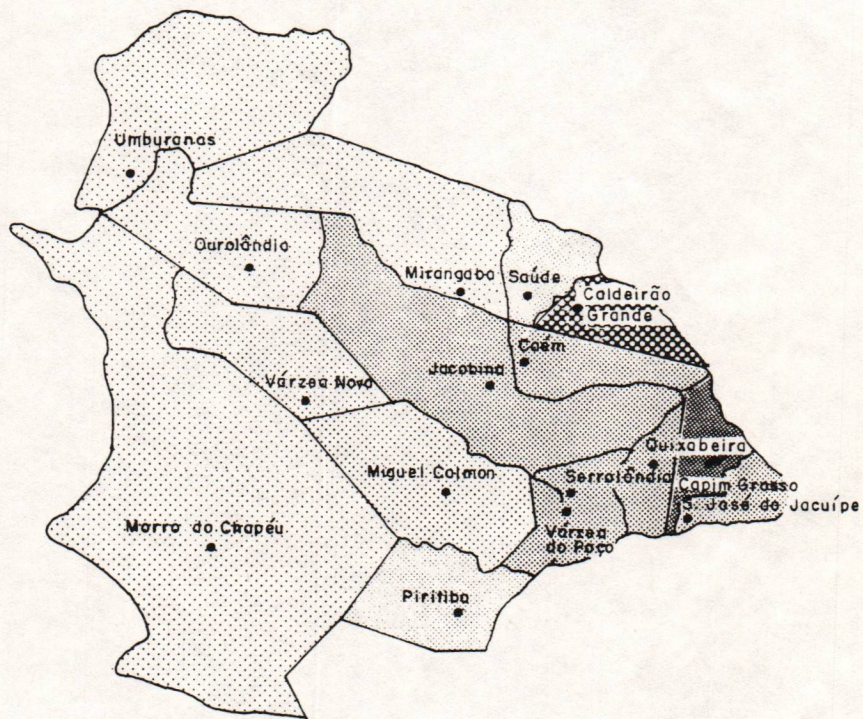


FONTE: IBGE. Censo Demográfico - Bahia, 1980.



Desenho: Cristina Menezes

FIG. 17  
**REGIÃO DE JACOBINA**  
**DENSIDADES DEMOGRÁFICAS - 1991**



FONTE: Censo Demográfico - Bahia - 1991.

Desenho: Cristina Menezes

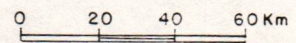
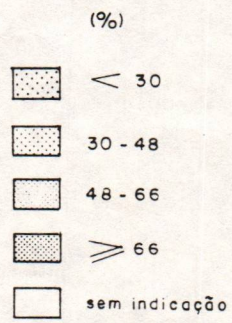
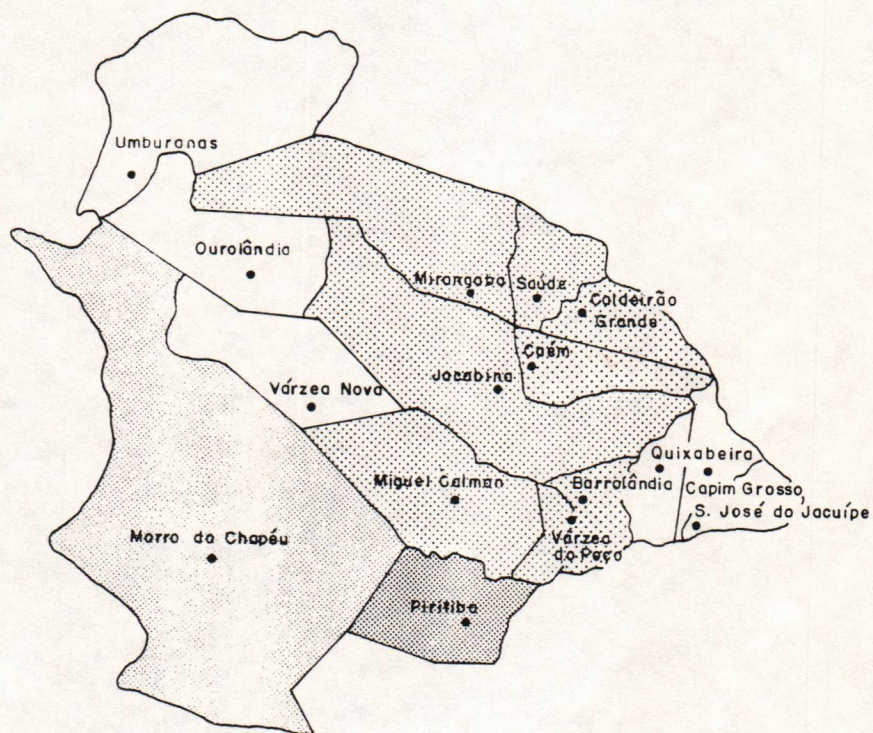
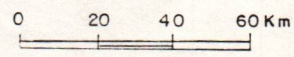


FIG. 18  
**REGIÃO DE JACOBINA**  
**TAXAS DE URBANIZAÇÃO - 1980**

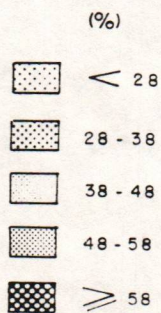
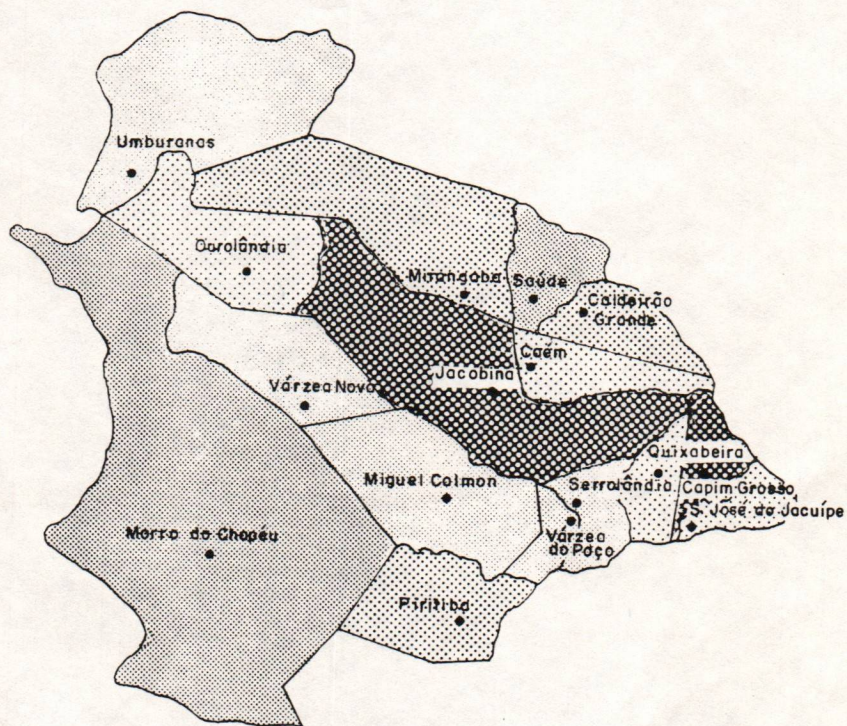


FONTE: Censo Demográfico - Bahia - 1980.

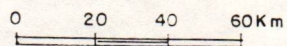


Desenho: Cristino Menezes

FIG. 19  
**REGIÃO DE JACOBINA**  
**TAXAS DE URBANIZAÇÃO - 1991**



FONTE: Censo Demográfico - Bahia - 1991.



Desenho: Cristina Menezes

municípios urbanizados da região eram Piritiba, com uma taxa de 71,25% e Morro do Chapéu, com 55,00%. No caso específico de Morro do Chapéu o processo de urbanização pode está relacionado ao estímulo à cultura cafeeira a partir das décadas de 60/70 e pela implantação da estrada do feijão em 1974. Estes acontecimentos atraíram trabalhadores e investimentos, fazendo com que a cidade se expandisse e diversificasse seus serviços urbanos. Já Piritiba, por outro lado, também se beneficiou com a agricultura, pecuária e com a BA 421, que possibilitou melhor articulação com Jacobina. Contudo, em 1991, a taxa de urbanização de Piritiba teve uma brusca queda para 37,2%, provavelmente em virtude da crise que afetou a região, fazendo com que ocorresse o êxodo de muitos habitantes. Já Morro do Chapéu teve uma suave queda, em termos comparativos, caiu para 48,81%, expressando provavelmente, o desaquecimento da economia local devido a diminuição dos investimentos para a cultura cafeeira, por parte do Governo Federal. Em contrapartida, no ano de 1991, Jacobina se urbaniza juntamente com o recém criado município de Capim Grosso, com taxas de 65,30% e 63,40% respectivamente.

Com relação a Jacobina, a urbanização de 1991 refletiu as mudanças ocorridas nos primeiros 5 anos da década de 80 e pelo êxodo campo/cidade, onde muitos habitantes deixaram as atividades agropecuárias devido a falta de crédito agrícola para morar em Jacobina e executar outro tipo de atividade. A região, na década de 70 e meados da década de 80, era muito beneficiada com os créditos agrícolas. Inclusive, o criatório de caprino, tradicionalmente forte, diminuiu bastante na região, nesta época, pois atrapalhava muito o plantio, invadindo roçados e comendo as plantas. Por isso, o rebanho foi quase exterminado para dar lugar a agricultura, posteriormente abandonada por falta de investimentos. Enquanto que Capim Grosso, a urbanização estava relacionada a sua posição geográfica de destaque na região, mas também por causa da crise na agricultura. Os trabalhos de campo mostraram que Capim Grosso está começando a se afastar de Jacobina. Se não fosse certos serviços como DIREC (Diretoria Regional de Educação), DIRES (Diretoria Regional de Saúde), e outros concentrados em

Jacobina, possivelmente a situação era de mais distância ainda. Percebeu-se no município de São José do Jacuípe, que muitas pessoas ao invés de se dirigirem para Jacobina, dividem a opção agora entre Capim Grosso e Mairi, porque são mais próximas, com fácil acesso e concentram variados tipos de bens e serviços, não iguais a Jacobina, mas que satisfazem determinadas necessidades (fig.3).

Com base no CEI - Centro de Estatística e Informações - 1994, o município de Morro de Chapéu apresentava, em 1970, 88,10% da população economicamente ativa - PEA- no setor primário, 3,48% no secundário, e 8,41% no terciário. Já em 1980, a PEA no setor primário ficou em 77,75%, o setor secundário aumentou para 7,33% e o setor terciário elevou-se para 14,16% mostrando o dinamismo das atividades urbanas. Infelizmente não dispomos dos dados para 1991. Por outro lado, Jacobina apresentou em 1970, 68,10% da PEA no setor primário, 8,10% no secundário e 23,80% no terciário. Em 1980, 62,59% estava no primário; 11,27% no secundário e 26,14% no terciário. Os aumentos nos dois últimos setores expressam a força que o comércio e serviços, principalmente, e a indústria, secundariamente, começaram a exercer. Para se ter uma idéia, concentravam-se na cidade, em 1970, 426 estabelecimentos varejistas e 17 atacadistas, passando em 1985 para 753 varejistas e 50 atacadistas (IBGE, 1985) e em termos do setor primário, a agricultura com a cultura da mandioca, mamona, sisal, milho e feijão vem prevalecendo, seguido pelo rebanho bovino e, logo após os ovinos e caprinos. No momento, o governo estadual está divulgando uma campanha de recuperação destes rebanhos, principalmente do caprino, dentro do Projeto Sertão Forte. Fora disso, é a mineração que também exerce importância na região. O setor secundário está mais vinculado a indústrias alimentares e transformação de produtos minerais não metálicos.

A dinâmica populacional observada, reflete as mudanças que vem ocorrendo na região principalmente a partir de 1970. Isso não significa afirmar que Jacobina está "viúva" de

sua região. Pelo contrário, apesar da política discriminatória do governo estadual, que privilegia regiões em detrimento de outras, esta cidade adquiriu uma inegável importância regional no decorrer da história e apesar das suas dificuldades, ainda assume um papel relevante, mesmo sendo menor que anteriormente, no contexto de sua região. O que falta agora é resgatar a sua importância, definindo novas funções. Para tanto, é necessário competência e criatividade por parte da comunidade urbana e regional como um todo, para que os investimentos externos possam chegar. É aí onde se situa a crise de Jacobina. Falta poder de competitividade para enfrentar outras regiões dinâmicas; falta criatividade para a busca de novas alternativas. Isso, por sua vez, é o reflexo da fraqueza política das elites locais, que nem projetos escritos e definidos apresentam em época de campanha política para o desenvolvimento urbano e regional a curto, médio e longo prazo. O que temos de mais concreto são as diretrizes da ACIJA, que mesmo assim precisam ainda ser aprofundadas, através de pesquisa, para que se tenha uma maior credibilidade.

## 11.2 - O CRESCIMENTO DOS CENTROS URBANOS

Somente para complementar a análise da dinâmica populacional é relevante perceber como se comportaram os centros urbanos neste contexto. A tab. 55 destaca a população absoluta das cidades e sua participação relativa no contexto da região.

Nota-se que a população da cidade de Jacobina era bem superior as outras em 1980 e 1991, apesar de ter sofrido uma queda, em termos de participação relativa. Tinha uma população de 26.674 hab. em 1980 o que representava 43,81% do total da região. Em 1991 a população aumentou para 42.001 hab. mais diminuiu no contexto da região para 32,95%. Isso pelo surgimento de Capim Grosso que, apesar de recentemente emancipado, já é o segundo centro em população, com 12.468 hab. numa participação relativa de 9,78%, ganhando inclusive para antigas cidades como Morro do Chapéu com 9,58% e Miguel Calmon com

8,01%. A menor população apresentada foi a da cidade de Mirangaba com apenas 1.678 habitantes, numa participação relativa de 1,32%. Esta também vem sofrendo grande crise econômica e política, apesar de apresentar possibilidades agrícolas nos seus distritos de Nuguaçu e Taquarandi.

Tab. 55  
POPULAÇÃO DOS CENTROS URBANOS DA REGIÃO  
DE JACOBINA - 1980 - 1991

MUNICÍPIOS	1980		1991	
	População	%	População	%
Caém	1.196	1,96	3.826	3,00
Caldeirão Grande	2.512	4,13	4.864	3,81
Capim Grosso	-	-	12.468	9,78
Jacobina	26.674	43,81	42.001	32,95
Miguel Calmon	6.909	11,35	10.217	8,01
Mirangaba	1.202	1,97	1.678	1,32
Morro do Chapéu	7.608	12,49	12.215	9,58
Ourolândia	-	-	2.354	1,85
Piritiba	5.087	8,36	7.077	5,55
Quixabeira	-	-	2.709	2,12
Saúde	2.651	4,35	5.515	4,33
Serrolândia	3.673	6,03	4.737	3,72
S. J. Jacuípe	-	-	3.651	2,86
Umburanas	-	-	3.665	2,87
Várzea do Poço	3.373	5,54	3.373	2,64
Várzea Nova	-	-	7.132	5,59
Total	60.885	100,00	127.482	100,00

Fonte: IBGE. *Censos Demográficos, Bahia*, 1980 e 1991.

A análise das taxas geométricas de crescimento complementa as características populacionais dos centros. Vale ressaltar que os cálculos 1980/91 são de onze anos devido ao atraso nos dados para 1990. Portanto, a comparação com os outros períodos devem ser encarados com certa prudência. Para tanto, a tab. 56 destaca que Morro do Chapéu teve a maior taxa de crescimento 7,58%, no período de 1970-80, expressando o surto econômico da cultura cafeeira. Logo após vem Serrolândia com 4,29% e Várzea do Poço com 4,16%. Jacobina teve 3,34% em 1970/80, próxima a taxa da região que foi de 3,74%. Entre 1980/91, destacam-se a cidade de Caém com 11,03% e Saúde com 6,81%. Jacobina cresceu 4,17%. De certa forma, as cidades tiveram um grande dinamismo populacional apesar da crise pela qual

estão enfrentando. Este crescimento parece estar ligado ao êxodo rural para as cidades, devido ao desaquecimento da produção agrícola na região por falta de investimentos para custeio, e também por causa da seca que a região vem atravessando.

Tab. 56  
TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DOS  
CENTROS URBANOS DA REGIÃO DE JACOBINA - 1980 / 1991

CENTROS URBANOS	TAXAS DE CRESCIMENTO ( EM % )	
	1970 - 80	1980 - 91
Caém	0,99	11,03
Caldeirão Grande	2,82	6,13
Capim Grosso	-	-
Jacobina	3,34	4,17
Miguel Calmon	1,91	3,58
Mirangaba	1,01	3,05
Morro do Chapéu	7,58	4,35
Ourolândia	-	-
Piritiba	3,66	3,02
Quixabreira	-	-
Saúde	2,33	6,81
Serrolândia	4,29	2,32
S. J. Jacuípe	-	-
Umburanas	-	-
Várzea do Poço	4,16	2,17
Várzea Nova	-	-
Total	3,74	6,88

Fonte: IBGE. *Censos Demográficos - Bahia, 1970 a 1991.*

### 11.3 - INDICADORES SÓCIO-ECONÔMICO

Com o propósito de melhor conhecer a dinâmica regional, este item analisará alguns indicadores que entendemos alfabetização no período de 1970 e ser relevantes em termos sociais e econômicos. Um desses indicadores refere-se às taxas de 1980 (tab. 57).

Como se nota, a realidade da região é bem parecida durante todo o período. Não ocorreram mudanças significativas em termos de alfabetização. Observa-se que dos municípios que conseguimos dados, os maiores percentuais de alfabetização em 1970 são de Jacobina, com 37,55% e Morro do Chapéu, 37,11%. Em 1980, Várzea do Poço é que tem o maior número de pessoas, 37,78%, com cinco anos e mais que sabem ler e escrever, 37,76%, seguido

por Saúde com 36,71%. Isso demonstra, apesar dos dados antigos, que a região precisa investir em educação. Em termos comparativos, Feira de Santana tinha em 1980 63,19% das pessoas de 5 anos e mais alfabetizadas (Silva, Silva, Leão, 1985).

Tab. 57  
TAXAS DE ALFABETIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DE CINCO ANOS OU MAIS QUE SABEM LER E ESCREVER DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE JACOBINA - 1970 / 1980

MUNICÍPIOS	TAXAS DE ALFABETIZAÇÃO (EM %)	
	1970	1980
Caém	13,63	36,63
Caldeirão Grande	32,48	33,67
Jacobina	37,55	32,72
Miguel Calmon	31,12	35,70
Mirangaba	24,68	23,38
Morro do Chapéu	37,11	32,64
Piritiba	-	-
Saúde	32,48	36,71
Serrolândia	24,16	35,51
Várzea do Poço	25,32	37,76

Fonte: CEEI, *Centro de Estatística e Informações*, 1994.

Outros indicadores importantes são os referentes aos fornecimentos de serviços como iluminação elétrica, instalação sanitária e abastecimento de água, e de utilidades existentes, como fogão, rádio, geladeira e TV que, de certa forma, demonstram o padrão de vida da população. Em termos de serviços, os percentuais são muito baixos. Segundo a tab. 58, apenas 0,60% do município de Jacobina tinha instalação sanitária compondo a rede global em 1980, e 4,86% beneficiava-se da rede de água. Contudo, em 1970 a região não tinha nenhuma instalação sanitária. Os serviços de luz e água também eram muito baixos. Quando se analisa os bens de utilidades, nota-se a força do rádio em 1970 e 1980. Somente a partir de 1980 é que a TV e a geladeira começam a se expandir nas casas dos moradores, pelo menos para uma pequena parcela, o que demonstra uma relativa desigualdade na distribuição de renda.

Estas seriam, de maneira abrangente, as características da região estudada. Como já foi dito no começo, a não pormenorização de informações sobre todos os municípios é devido ao destaque que demos a cidade de Jacobina, por ser o principal centro da região. No

entanto, os dados ajudam-nos a perceber a dinâmica da região, em virtude dos investimentos a partir da década de 60. Até 1980, notou-se pelas análises que Jacobina expandiu o seu comércio, principalmente o varejista. Mesmo assim, ainda temos um forte setor primário e um fraco setor secundário. O ideal seria um equilíbrio entre os três. Isso vai depender das lideranças da região.

Tab. 58  
DOMICÍLIOS COM LUZ, INSTALAÇÃO SANITÁRIA, ÁGUA, FOGÃO, RÁDIO, GELADEIRA E TV,  
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE JACOBINA - 1970 / 1980

MUNICÍPIOS	LUZ %		INST. SANIT. %		ÁGUA %		FOGÃO %		RÁDIO %		GELADEIRA %		TV %	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
Caem	1,30	3,38	-	-	0,40	2,60	19,16	17,27	5,66	10,43	0,29	1,03	0,02	1,45
Caldeirão Grande	1,68	6,60	-	-	-	-	16,77	20,89	4,67	15,21	0,23	1,67	0,03	2,04
Jacobina	3,06	6,23	-	0,60	2,27	4,86	16,37	15,84	5,59	9,94	1,07	3,04	0,27	3,65
Miguel Calmon	1,95	4,57	-	0,01	1,84	5,15	17,76	19,94	4,34	11,55	0,47	1,82	0,04	2,90
Mirangaba	0,34	2,58	-	-	0,07	0,83	19,29	18,54	3,08	10,17	0,21	1,73	-	2,42
M. Chapéu	0,96	4,05	-	-	0,57	4,14	15,87	15,85	3,56	0,99	0,14	1,37	0,01	1,97
Piritiba	1,35	6,29	-	-	0,07	3,22	11,04	19,46	4,63	10,80	0,37	1,94	0,19	3,10
Saúde	2,37	0,62	-	-	0,64	4,03	19,00	17,64	4,82	11,40	0,61	2,06	0,35	2,40
Serrolândia	0,13	5,70	-	-	0,05	2,30	19,44	18,37	3,85	10,31	0,11	1,68	-	3,40
Várzea do Poço	2,36	5,36	-	-	0,18	-	16,10	16,89	4,29	9,75	0,29	1,90	0,04	2,91

FONTE: IBGE, *Censos Demográficos - Bahia*, 1970 e 1980.

#### 11.4 - EVOLUÇÃO URBANA DE JACOBINA - 1980 ATÉ OS DIAS ATUAIS.

2 Este é o período que Jacobina conseguiu a sua maior evolução, diversificando as áreas já existentes, reformando espaços urbanos e expandindo para o lado oeste da cidade, através de novos bairros residenciais, estabelecimentos comerciais e de serviços.

Um das características básicas da sua expansão urbana recente é a presença do Estado através da construção planejada de habitações. Com exceção do conjunto habitacional Jacobina I, que foi construído em 1978, todos os outros surgiram a partir dos anos 80. Este período coincide com a implantação da Mineração Morro Velho (1981) que, inicialmente, atraiu muitos imigrantes para a cidade devido a oferta de empregos diretos e indiretos, e pela

queda na produção agrícola na região. Com isso, o setor terciário é ativado, passando a ser, até os dias atuais, muito eficiente. O novo momento econômico exigiu a expansão urbana da cidade em termos de residências, comércio, serviços e infra-estrutura básica.

Entre 1983 e 1988, através do Prefeito Carlos Dalto, as praças e jardins de Jacobina passaram por reformas radicais. O prefeito projetou no espaço urbano aquilo que ele gostaria que Jacobina se tornasse no futuro : uma espécie de "cidade do tipo certo": limpa, bonita e modelo para outras, capaz de atrair investimentos e pessoas também do "tipo certo". Essas idéias não foram levadas adiante pelos Prefeitos posteriores. Com a primeira administração do prefeito Carlos Dalto, as praças da Matriz, Missão e Largo 2 de Julho principalmente, receberam caras novas. A da Matriz que até então era o "point" dos jovens, perdeu espaço para a da Missão, onde estão concentrados hoje as principais opções de lazer da cidade, durante a noite. Além das praças foi construído o calçadão do centro da cidade. No primeiro momento, estas reformas foram criticadas por alguns setores da sociedade, que logo depois foram se adaptando à nova imagem urbana.

<sup>3</sup> \* Neste contexto, é implantada em 1982, a FFPJ - Faculdade de Formação de Professores de Jacobina, oferecendo, no primeiro momento, os cursos de licenciatura curta em Letras e Estudos Sociais. Atualmente são oferecidos os cursos de licenciatura plena em Letras, Geografia e História. Ao lado da FFPJ está o Ginásio de Esportes, construído em 1988.

A partir de 1981, três novas agências bancárias foram instaladas: a primeira foi a do Banco do Nordeste do Brasil S/A, em 1981; depois foi o Banco Itaú S/A, em 1986; e por último, o Bamerindus em 1990. Fora dessas já funcionavam as agências do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Baneb, Bradesco e Econômico.

A expansão habitacional foi a mais dinâmica entre todas. Em 1983, a URBIS (Habitação e Urbanização da Bahia S/A) construiu o conjunto habitacional Jacobina II, com 400 casas; em 1984 o INOCOOP (Instituto de Orientação a Cooperativas Habitacionais da

Bahia) construiu 117 casas num local hoje chamado de bairro do Inocoop; em 1986, novamente a URBIS construiu o conjunto Jacobina III, com 400 casas; em 1987 é construído, em regime de mutirão, o conjunto Zuleide Pires, com 600 casas; em 1991 é construída, através da Caixa Econômico Federal, o conjunto habitacional Jacobina IV, com 700 casas. (Rotary Club de Jacobina, 1991); também no final dos anos 80 foi construído o loteamento Alexandre Sifrônio, com aproximadamente 270 casas. Ainda no início da década de 90 surge, nas proximidades do bairro de Felix Tomáz, a invasão Vila Feliz, com aproximadamente 250 casas. O Condomínio fechado, Alamedas do Rio, também é um projeto recente que inclusive não está totalmente construído. A previsão é de 100 casas.

Com exceção dos conjuntos Jacobina I e Inocoop, os outros sofrem sérios problemas infra-estruturais, como falta de transporte, de saneamento, lazer e segurança, como é o caso do conjunto Jacobina IV. Estes serviços não vêm acompanhando a dinâmica urbana, apesar do esforço da Prefeitura em suprir a cidade em termos de serviços básicos.

Como se percebe, mesmo com a crise o espaço urbano vem apresentando um expressivo dinamismo, seguindo sempre horizontalmente na direção Oeste da cidade (fig. 8E) em virtude da saturação das áreas tradicionais, no lado Leste, e também pela facilidade de acesso para as áreas mais distantes. Este acentuado crescimento é devido principalmente a crise na agricultura e na pecuária, nas estiagens constantes e na possibilidade de uma nova vida em cidades maiores. Tudo isso, aliado ao crescimento natural da população, vem provocando o "inchamento" do espaço urbano e, conseqüentemente, o aguçamento dos problemas sócio-espaciais e ambientais. Inicialmente a cidade tinha uma forma linear. Com o passar do tempo, bairros de traçados irregulares foram se desenvolvendo em direção as encostas. Atualmente, com a densificação e expansão, o traçado urbano ainda apresenta formas irregulares, apesar de está seguindo paralelo aos eixos circulação que se dirigem para o bairro da Catuaba, para o conjunto Zuleide Pires e para Pontilhão. Inclusive, foi inaugurado

recentemente, o complexo Regional de Segurança Pública, localizado vizinho ao referido conjunto habitacional.

Com foi visto nesta segunda parte, a história de Jacobina é a de sua região, e vice-versa. Os processos de gênese e evolução deram condições para notarmos que esta história história não é só de riquezas e harmonia. A região teve seus momentos de grandeza e de crise, o que é normal em qualquer parte. A história da região de Jacobina, desde a sua gênese, é de crise e superação. No momento em que tradicionais funções regionais estavam se enfraquecendo, novas iam sendo inseridas, adaptando a região ao novo momento histórico e econômico. A crise atual aponta para isso: enfraquecimento das tradicionais funções. A superação virá na medida em que as velhas funções sejam estimuladas e que novas sejam inseridas, permitindo que a região de Jacobina reencontre o seu lugar no espaço e no tempo.

Para complementar esta parte, é importante ainda visualizarmos Jacobina no contexto de outras cidades, com o intuito de descobrirmos a verdadeira dimensão da sua crise.

## 12. CRISE REGIONAL DE JACOBINA: FANTASIA OU REALIDADE

Após a constante referência ao termo crise regional, o momento agora é de apreender a sua real dimensão. O pressuposto metodológico adotado é a análise comparativa envolvendo Jacobina e outros municípios importantes do sertão baiano: Juazeiro, Senhor do Bonfim e Irecê. As análises comparativas, através de indicadores recentes que consideramos relevantes, permitem visualizar melhor a situação de Jacobina internamente e no contexto regional.

Historicamente estes municípios foram originários a partir do Século XVII, exceto Irecê que se inicia no Século XIX, em consequência do deslocamento de boiadas e pela corrida de bandeirantes paulistas e portugueses atrás de ouro. Juazeiro era cruzamento de via fluvial para o gado que procedia do Piauí; Senhor do Bonfim fazia parte da rota para se alcançar as margens do Rio São Francisco e era ponto de descanso para boiadas; e Jacobina, além de ser local de descanso para boiadas, era também local de exploração de ouro. Irecê teve o seu povoamento mais recente, Século XIX, a partir de retirantes da seca que encontraram água em abundância e solo fértil (IBGE, 1958). Como se nota, Irecê é o município mais jovem em termos de povoamento.

### 12.1 - DIMENSÃO TERRITORIAL

É comum, pessoas relacionarem o desenvolvimento do município ao seu tamanho territorial. Apesar de não concordarmos inteiramente com estas afirmações, achamos salutar expor a evolução territorial dos referidos municípios.

Com base na fig. 20 percebe-se como eram extensos, Juazeiro, Senhor do Bonfim - na época chamada de Vila Nova da Rainha e que tinha o menor tamanho - e Jacobina em 1827. Dentro do território de Jacobina estavam todos os municípios de sua atual região. A

FIG. 20  
EXTENSÕES TERRITORIAIS DE JACOBINA  
JUAZEIRO E SENHOR DO BONFIM-1827



FONTE: Atlas do Estado da Bahia - 1976.

0 25 50 75 100 Km

Desenho: Cristina Menezes

fig. 21 A demonstra a expressiva redução desses municípios em 1889. Até 1940, os desmembramentos só atingem Senhor do Bonfim e Jacobina (fig. 21 B). Em 1864, Morro do Chapéu é desmembrada de Jacobina, e em 1926 Irecê é criado e desmembrado de Morro do Chapéu. Através da referida

figura, Irecê já aparece com uma dimensão territorial superior a de Senhor do Bonfim (ver tab. 59) mas foi o município que mais sofreu

Tab. 59  
ÁREAS TERRITORIAIS DE JACOBINA E DE OUTROS  
MUNICÍPIOS DO SERTÃO BAIANO - 1940 / 1991

MUNICÍPIOS	1940	1991	DESMEMBRAMENTOS %
Irecê	6.294	254	95,96
Jacobina	6.460	2.042	68,39
Juazeiro	6.490	5.615	13,48
Senhor do Bonfim	2.900	1.125	61,21
Total	22.144	9.036	59,19

Fonte: Atlas do Estado da Bahia, 1976.

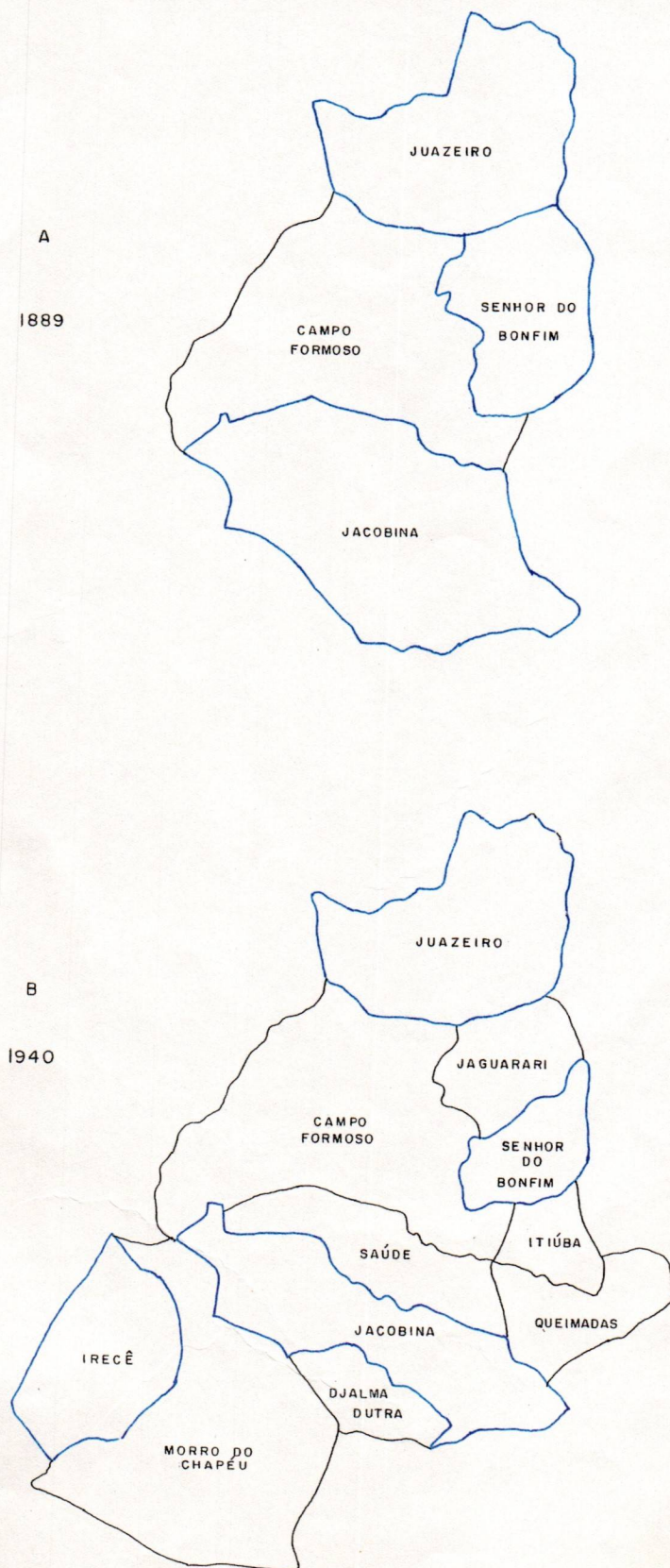
desmembramentos entre 1941-91 pois perde 95,96% do seu território original, seguido por Jacobina e Senhor do Bonfim que perderam 68,39% e 61,21%, respectivamente. Se for considerado o tamanho do município como aspecto de desenvolvimento, Juazeiro em 1991, leva vantagens em relação aos outros (ver fig. 22). Atualmente tem 7 vilas, contra 4 existentes em Jacobina e 3 em Senhor do Bonfim. Irecê não tem vilas.

Para se ter uma melhor idéia da dinâmica territorial de Jacobina, ver fig 23. A acentuada redução territorial é clara. Porém, mesmo com extensas áreas territoriais no passado, o município atravessou diversas crises. Os desmembramentos recentes do seu município, apesar de estar afetando a sua economia, não deve ser visto como a maior causa da crise que vem atravessando.

## 12.2 - INDICADORES DEMOGRÁFICOS

Dando seqüência às características, passaremos a partir de agora, aos aspectos demográficos. Para estes indicadores e os seguintes daremos destaque ao período mais recente,

FIG. 21  
EXTENSÕES TERRITORIAIS DOS MUNICÍPIOS DE IRECÊ  
JACOBINA, JUAZEIRO E SENHOR DO BONFIM 1889 - 1940



FONTE: Atlas do Estado da Bahia - 1976.

Desenho: Cristina Menezes

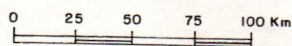
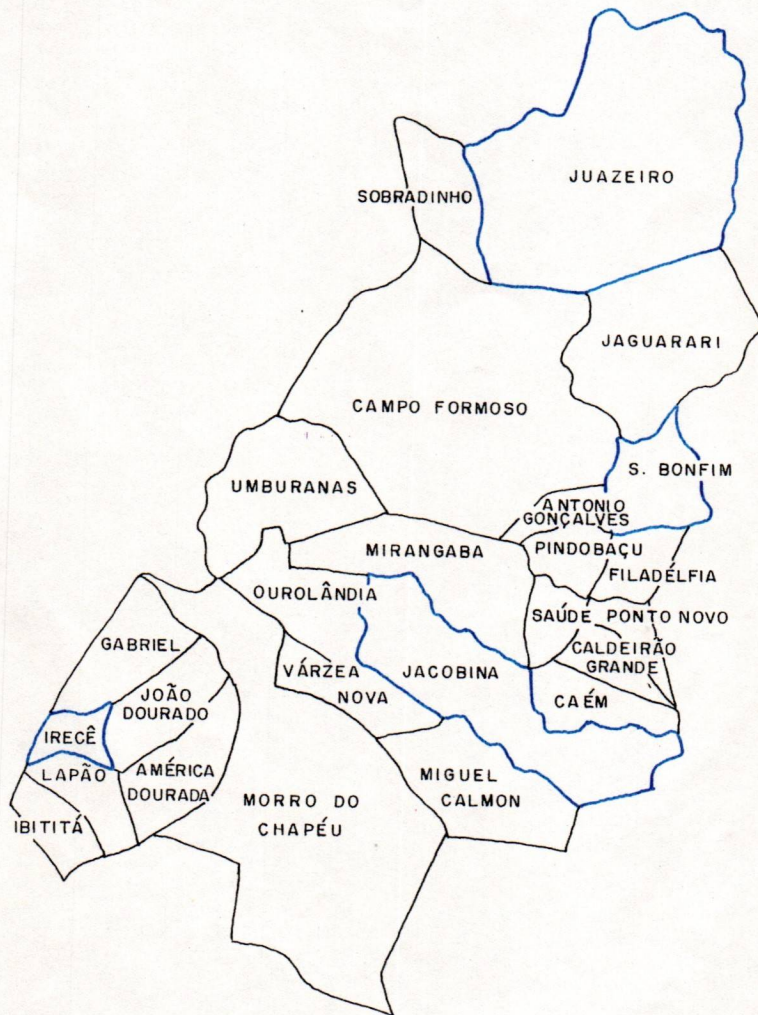
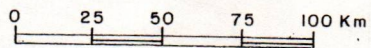


FIG. 22

# EXTENSÕES TERRITORIAIS DOS MUNICÍPIOS DE IRECÊ JACOBINA, JUAZEIRO E SENHOR DO BONFIM - 1991

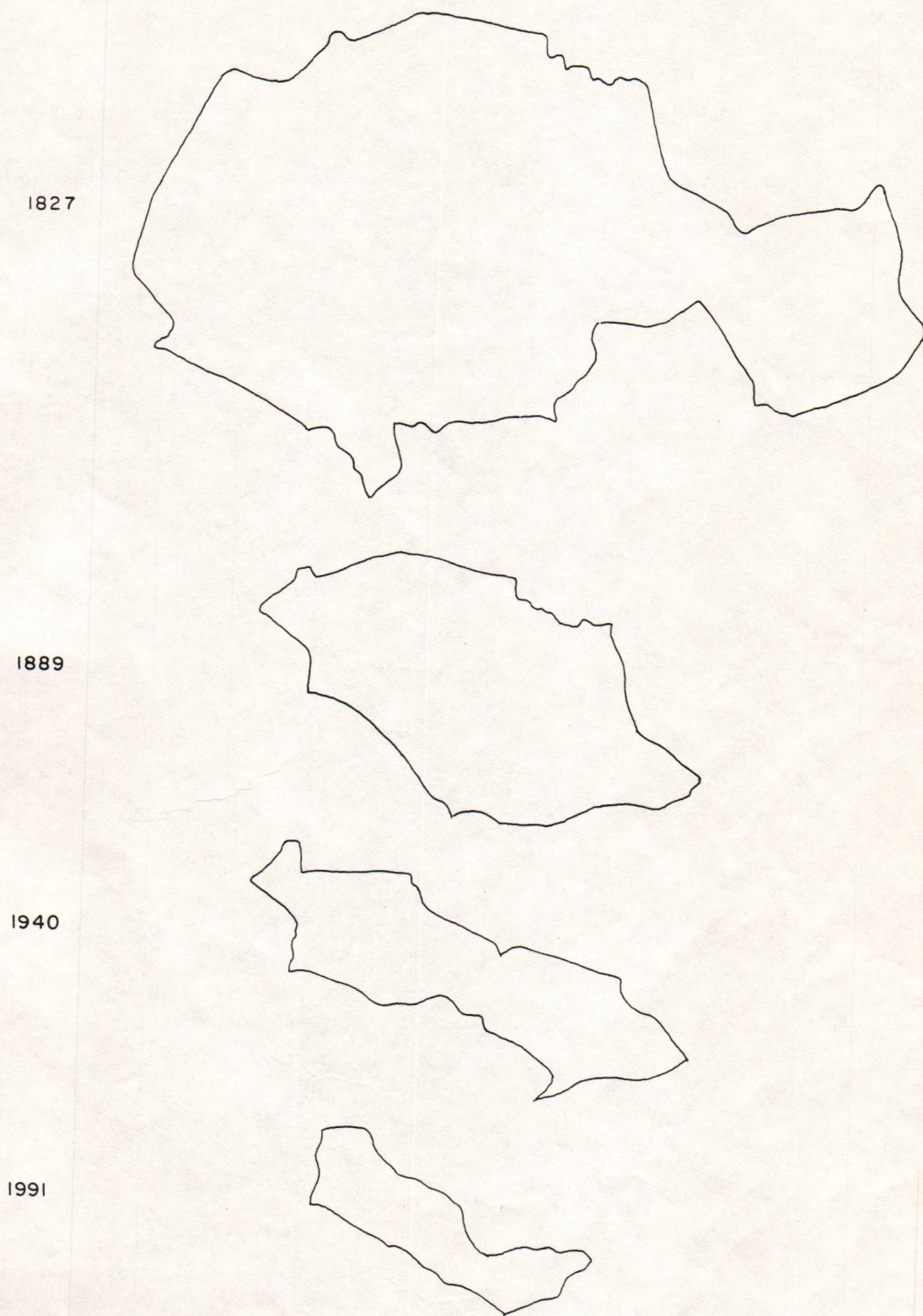


FONTE: Atlas do Estado da Bahia - 1976.



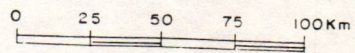
Desenho: Cristina Menezes

FIG. 23  
MUDANÇAS TERRITORIAIS DO MUNICÍPIO  
DE JACOBINA 1827 - 1991



FONTE: Atlas do Estado da Bahia - 1976

Desenho: Cristina Menezes



ou seja, de 1970 até os dias atuais, a partir das disponibilidades de dados. A tab. 60 destaca a distribuição da população urbana e rural e a taxa de urbanização.

Tab. 60  
POPULAÇÃO TOTAL URBANA E RURAL, TAXA DE URBANIZAÇÃO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA  
DE JACOBINA E DE OUTROS MUNICÍPIOS DO SERTÃO BAIANO - 1970 / 1991

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO									TAXA		
	TOTAL			URBANA			RURAL			URBANIZAÇÃO (%)		
	1970	1980	1991	1970	1980	1991	1970	1980	1991	1970	1980	1991
Irecê	63.313	87.429	50.991	14.248	37.413	40.132	43.065	50.529	10.859	30,89	42,54	78,70
Jacobina	77.266	104.065	76.518	25.220	36.180	49.896	51.299	67.791	26.486	33,30	34,80	65,30
Juazeiro	61.648	118.175	128.651	39.153	64.198	102.207	22.495	53.977	26.484	63,51	54,32	79,42
Sr. do Bonfim	44.665	63.826	83.254	25.802	39.662	49.034	20.863	24.164	34.220	55,29	62,14	58,90

FONTE: CEI - Centro de Estatística e Informações - 1994

Nota-se, em termos de população total, que até 1970 era o município de Jacobina quem tinha o maior número de habitantes, 77.266, seguindo de Irecê com 63.133. Em 1980, Juazeiro era o mais populoso com 118.175, seguido de Jacobina com 104.065. Já em 1991, Juazeiro continuou como o mais populoso, 128.651, seguido por Senhor do Bonfim com 83.254. Estas mudanças expressam as transformações que vem ocorrendo, principalmente em Juazeiro através da agroindústria, e Irecê com a agricultura irrigada e o dinamismo do comércio. Não podemos esquecer também os constantes desmembramentos ocorridos na década de 80, principalmente em Jacobina e Irecê. Por isso as comparações devem ser bastante relativizadas. Isso reflete no tamanho populacional. Em termos de população urbana, Juazeiro também era o primeiro desde 1970 onde já tinha 39.153 habitantes passando para 64.198 em 1980 e 102.207 em 1991, quase dobrando a população em 11 anos. Nota-se a semelhança entre Jacobina e Senhor do Bonfim, principalmente em 1970 e 1991. Jacobina tinha, em 1970, 25.220 habitantes; Senhor do Bonfim 25.802 habitantes; em 1991 Jacobina tinha 49.896 habitantes e Senhor do Bonfim, 49.034. O aumento da população urbana, os desmembramentos e o êxodo rural fizeram diminuir a população rural de Jacobina, passando de 67.791 habitantes em 1980 para 26.468 em 1991. Juazeiro tinha 53.977 em 1980, baixou para 26.484 em 1991, e Irecê, saindo de 50.529 em 1980 para 10.859 em 1991. Nesses casos,

presume-se que o êxodo campo/cidade foi elevado, aliado a fragmentação dos seus território. Em Jacobina, foi inclusive devido a atração que a cidade começou a exercer a partir da mineração e da expansão do comércio. Destaca-se, principalmente, a queda dos financiamentos agrícolas para a região, a partir do final da década de 80, que provocou a saída dos agricultores do campo para morarem na cidade. Em Juazeiro, a menor população rural pode estar em virtude da mecanização da agricultura que não precisa de tanta mão-de-obra. Em Irecê, a atração da cidade, falta de financiamento e a agricultura irrigada também podem ser os responsáveis pelo êxodo.

Dessa forma, em 1991, todas as cidades estão urbanizadas, principalmente Juazeiro com 79,42% e Irecê com 78,70%. Observa-se que em 1970 somente Juazeiro e Senhor do Bonfim eram urbanizadas com taxas de 63,51% e 55,29% respectivamente. Por outro lado, a tabela 61 destaca as taxas geométricas de crescimento e as densidades demográficas, onde no período de 1970-80, Juazeiro teve uma expressiva taxa de 6,71%, contra 3,18% de Senhor do Bonfim e 3,02% de Jacobina. Esse foi um período de fortalecimento da agricultura irrigada e da posterior agroindústria em Juazeiro, e o fortalecimento do comércio e serviços em

Tab. 61  
TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL E DENSIDADES  
DEMOGRÁFICAS DE JACOBINA E DE OUTROS MUNICÍPIOS  
DO SERTÃO BALANO - 1970 / 1991

MUNICÍPIOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (EM %)		DENSIDADES DEMOGRÁFICAS (hab./km <sup>2</sup> )	
	1970 - 80	1980 - 91	1980	1991
Irecê	2,99	-4,78	346,20	200,80
Jacobina	3,02	-2,78	19,82	37,41
Juazeiro	6,71	0,76	17,00	22,90
Sr. do Bonfim	3,18	2,42	27,24	74,00

FONTE CEI - Centro de Estatística e Informações, 1993 e 1994

Jacobina e Senhor do Bonfim. No período 1980-91 Irecê obteve a maior taxa geométrica de crescimento negativo, - 4,78%, contra 2,99% conseguida entre 1970-80. Depois foi a vez de Jacobina com - 2,73% de crescimento. O maior crescimento positivo foi para Senhor do Bonfim com 2,42%, mesmo caindo de uma década para outra. A queda nas taxas de

crescimento de Irecê e Jacobina estão possivelmente relacionadas com a fragmentação dos seus territórios. A diminuição de crescimento de Juazeiro presumivelmente está atrelada a estabilização da economia regional, não atraindo muito mais imigrantes. Completando estas análises, nota-se que a maior concentração populacional fica por conta de Irecê, que tinha 346,20 habitantes/km<sup>2</sup> em 1980 e 200,80 em 1991, depois de sofrer os desmembramentos. O outro destaque é para Senhor do Bonfim que subiu de 27,24 habitantes/km<sup>2</sup> em 1980 para 74,00 habitantes/km<sup>2</sup> em 1991. O argumento das emancipações também procede neste caso.

Em termos gerais, foi o município de Juazeiro quem obteve o maior dinamismo populacional durante o período analisado, em termos comparativos. Os outros municípios tiveram um acentuado crescimento urbano, expressando a força que as cidades estão exercendo. Para uma melhor compreensão, é prudente analisar o crescimento dos centros urbanos, pois os municípios, na sua maioria, sofreram desmembramentos, o que afeta a análise populacional em termos comparativos.

### 12.3 - INDICADORES DEMOGRÁFICOS DOS CENTROS URBANOS

A tab. 62 a seguir, destaca a população absoluta e as taxas geométricas de crescimento dos centros urbanos, durante o período de 1970 a 1991, e percebe-se que todas as cidades tiveram consideráveis aumentos populacionais. O destaque no período 1970-80 é Irecê que obteve uma taxa de crescimento de 10,49%, seguindo bem depois por Juazeiro com 5,26%. Como já foi dito antes, estas duas cidades, através dos investimentos em estradas e agricultura por parte dos governos Federal e Estadual, transformaram em importantes centros de convergência populacional, o que possibilitou a expansão do comércio e serviços. O menor crescimento ficou para Jacobina que, apesar de comparativamente menor, significou muito para a cidade.

Tab. 62  
POPULAÇÃO TOTAL E TAXAS GEOGRÁFICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DO CENTRO URBANO DE JACOBINA  
E DE OUTROS DO SERTÃO BAIANO - 1970 / 1991

CENTROS URBANOS	POPULAÇÃO TOTAL		TAXA DE CRESCIMENTO (EM %)		
	1970	1980	1991	1970-80	1980-91
Irecê	10418	28255	40132	10,49	3,21
Jacobina	19211	26674	42001	3,34	4,17
Juazeiro	36409	60811	95676	5,26	4,16
Senhor do Bonfim	21741	33804	42199	4,51	2,23

Fonte: IBGE. *Centro Demográfico - Bahia*, 1970, 1980 e 1991.

No período 1980/91, ocorreu um radical decréscimo das taxas de crescimento de Irecê, caindo para 3,21%. Juazeiro e Senhor do Bonfim também decresceram para 4,16% e 2,23%, respectivamente. Somente Jacobina evoluiu, 4,17%. A queda vertiginosa do crescimento de Irecê, possivelmente esteja vinculada a crise que a agricultura vem passando, devido as estiagens e a falta de financiamento. Mesmo assim, o período 1980/91 apresenta um relativo equilíbrio em termos de taxa de crescimento. No entanto, em termos absolutos, a cidade de Juazeiro é bem maior, 95.676 habitantes, contra 42.199 de Senhor do Bonfim, a segunda mais populosa. Em termos populacionais, há um acentuado desequilíbrio entre Juazeiro e outras cidades, em 1991, expressando a sua força econômica. Os outros estão equilibrados em termos absolutos e relativos no contexto demográfico geral.

Com base em Silva & Silva (1993), os desequilíbrios entre Juazeiro e os outros centros se acentuará, mas todos estarão entre os 40 mais importantes do Estado da Bahia no ano 2000, em termos populacionais. Pela ordem, Juazeiro deverá ter aproximadamente 138.624 habitantes, ocupando o 9º lugar no Estado da Bahia; depois vem Jacobina com 60.895, devendo ocupar o 19º lugar, Irecê com 53.478, em 24º, e Senhor do Bonfim, com 52.798 habitantes devendo se situar na 25ª colocação. Estes indicadores mostram a relevante importância destes centros no ano 2000 no contexto do Estado da Bahia.

## 12.4 - INDICADORES SÓCIO-ECONÔMICOS

Dando seqüência aos indicadores, merece destacar agora o nível de emprego nos setores de atividade e quais setores mais fortes no contexto dos municípios em 1980 (tab. 63).

Tab. 63  
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA SEGUNDO OS SETORES DE ATIVIDADES E PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA E NO COMÉRCIO EM JACOBINA E OUTROS MUNICÍPIOS DO SERTÃO BAIANO - 1980.

MUNICÍPIOS	TOTAL	PEA POR SETORES DE ATIVIDADES						TOTAL	PESSOAL OCUPADO			
		PRIMÁRIO		SECUNDÁRIO		TERCIÁRIO			INDÚSTRIA		COMÉRCIO	
		PEA	%	PEA	%	PEA	%		PEA	%	PEA	%
Irecê	24.065	15.576	62,65	2.319	9,64	6.170	25,64	2.121	219	10,33	1.902	89,67
Jacobina	32.512	20.348	62,59	3.665	11,27	8.500	26,14	1.336	1.140	85,33	196	14,67
Juazeiro	30.812	8.150	26,45	9.722	12,28	12.940	41,32	9.372	2.979	31,79	6.393	68,21
Sr. do Bonfim	17.293	5.660	32,73	4.380	25,33	7.253	41,94	3.481	483	13,88	2.998	86,12

FONTE: CEI - Centro de Estatística e Informações, 1993 e 1994

Nota-se que em 1980 a força do PEA estava para o setor primário em Jacobina e Irecê, com 62,59% e 62,65% respectivamente; enquanto o PEA no setor terciário era maior em Senhor do Bonfim e Juazeiro, com 41,94% e 41,32%, respectivamente. No setor secundário, a maior participação do PEA era em Senhor do Bonfim, com 25,33%. Quanto ao pessoal ocupado, nota-se a força da indústria e do comércio em Juazeiro com relação as outras cidades, com 2.979 pessoas empregadas na indústria e 6.393 no comércio. Jacobina tinha 1.140 ocupações na indústria e apenas 196 no comércio. Estas informações confirmam a força econômica de Juazeiro no contexto. Em termos de comércio, é visível o força que desempenhavam Juazeiro e Senhor do Bonfim. Jacobina era quem empregava menos no comércio, apenas 196 pessoas, contra 6.393 em Juazeiro. Com base no pessoal ocupado, Jacobina era quem apresentava em 1980, maior fragilidade econômica nos setores secundário e terciário.

Outro indicador importante é o que se refere ao nível de instrução da população acima de 5 anos de idade. A tab. 64 destaca que neste aspecto a pior situação era de Jacobina, uma vez que da população residente, apenas 32,72% sabiam ler e escrever. A melhor situação - que ainda está longe do ideal - era a Juazeiro, com 49,44% de pessoas alfabetizadas.

Tab. 64  
TAXAS DE ALFABETIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DE CINCO ANOS OU MAIS QUE SABEM LER E ESCREVER DE JACOBINA E OUTROS MUNICÍPIOS DO SERTÃO BAIANO - 1980

MUNICÍPIOS	TAXAS DE ALFABETIZAÇÃO
Irecê	42,53
Jacobina	32,72
Juazeiro	49,44
Senhor do Bonfim	42,48

Fonte: CEI - Centro de Estatística e Informações, 1993 e 1994.

Portanto, neste aspecto Jacobina também está em desvantagem, apesar dos dados serem de 1980 e não dispormos de informações mais recentes.

As informações anteriores complementam-se com as referentes ao oferecimento de serviços, como água, luz e telefone em termos absolutos e relativos (tab. 65). Vale ressaltar que o percentual dos serviços em 1990, tomou como base a população de 1991, por falta de informações mais recentes. No entanto, em 1980 quando ainda não havia ocorrido os desmembramentos, os municípios que mais tinham consumidores beneficiados, em termos

Tab. 65  
DOMICÍLIOS COM LUZ, ÁGUA E TELEFONE EM JACOBINA E EM OUTROS MUNICÍPIOS DO SERTÃO BAIANO - 1980 / 1991

MUNICÍPIOS	LUZ				ÁGUA				TELEFONE			
	1980		1990		1980		1990		1980		1990	
	LIGA- ÇÕES	%	LIGA- ÇÕES	%	LIGA- ÇÕES	%	LIGA- ÇÕES	%	LIGA- ÇÕES	%	LIGA- ÇÕES	%
Irecê	5.352	6,08	9.830	19,28	3.673	4,18	6.394	12,54	550	0,62	2.440	4,79
Jacobina	6.614	6,36	15.346	20,05	5.432	5,22	8.750	11,43	1.957	1,88	3.697	4,83
Juazeiro	13.003	11,00	23.486	18,25	11.292	9,56	19.289	14,99	3.784	3,20	6.364	4,95
Sr. do Bonfim	8.225	12,89	13.292	15,97	6.591	10,33	13.082	15,71	2.284	3,58	2.495	3,00

FONTE: CEI - Centro de Estatística e Informações, 1993 e 1994

relativos, pela energia elétrica eram Senhor do Bonfim, 12,89% e Juazeiro com 11,00%. Muito depois, vem Jacobina, com 6,36% e Irecê, 6,08%. Com relação ao abastecimento d'água em 1980, a realidade se repete pois são os consumidores de Senhor do Bonfim e Juazeiro os mais beneficiados, num percentual de 10,33% e 9,56%, respectivamente, quanto ao número de ligações. Depois vem Jacobina com 5,22%. O número de telefones em serviços em 1980 foi superior em Senhor do Bonfim, 3,58% e Juazeiro, 3,20%. Logo após vem Jacobina, com

1,88%. No entanto, em 1991, já com os desmembramentos dos municípios a situação modifica-se em termos de abastecimento d'água, pois Jacobina apresentou o maior número de consumidores beneficiados, 20,5%. Com relação ao oferecimento de água e telefonia, existia um relativo equilíbrio. Portanto, no que se refere a estes serviços, os anos 90 vêm apresentando um relativo equilíbrio entre os municípios. Se houver crise, neste caso, é democrática, pois atinge todos.

Outro indicador relevante é o que se refere aos financiamentos para a agricultura e pecuária, mas particularmente para o custeio em 1987 e 1991. Com base na tab. 66, é possível perceber a força da agricultura em Jacobina.

Tab. 66  
FINANCIAMENTO CONCEDIDOS PARA O CUSTEIO SEGUNDO AS ATIVIDADES AGRÍCOLA E  
PECUÁRIA EM JACOBINA E OUTROS MUNICÍPIOS DO SERTÃO BAIANO - 1987 / 1991

MUNICÍPIOS	Nº DE FINANCIAMENTOS						
	AGRICULTURA		PECUÁRIA		TOTAL		
	1987	1991	1987	1981	1987	1991	REDUÇÃO %
Irecê	5953	500	30	-	5983	500	91,64
Jacobina	6228	642	277	10	6505	652	89,98
Juazeiro	2043	645	2	2	2045	647	68,36
Sr. do Bonfim	893	207	49	8	942	215	77,18

FONTE: CEL. Centro de Estatística e Informação, 1993 e 1994.

Em 1987, por exemplo, Jacobina foi quem recebeu o maior número de financiamentos entre os quatro municípios, 6.505, contra 5.983 de Irecê. Inclusive a maioria dos investimentos foram para a agricultura. O município de Juazeiro recebeu apenas 2.045 financiamentos, em termos comparativos. Por outro lado, vale ressaltar a brusca redução de financiamentos para os dois setores referidos, em 1991, para todos os municípios. Irecê, por exemplo, teve uma redução de 91,64% nos financiamentos, seguida por Jacobina com uma redução de 89,88%. Estes dois municípios foram os que mais sentiram e vem sentindo esta expressiva redução, uma vez que a agricultura é o setor predominante em termos econômicos. Como vimos anteriormente, 61,83% da população economicamente ativa de Jacobina em 1980, estavam ocupados no setor primário, principalmente na agricultura; Irecê tem 62,65% no setor

primário. Portanto, ai está uma das sólidas justificativas para os problemas de Jacobina. Recentemente, diversas famílias tiveram que deixar a zona rural para morar nesta cidade e desenvolver outras atividades. Não bastasse a falta de financiamento, a seca que vem assolando o município nos últimos anos também contribui muito. Sem financiamento e sem chuva não é possível plantar. Isso também ajuda a justificar a expressiva expansão do espaço urbano da cidade, nos últimos anos. Por falta de bancos para investimentos, não é, pois Jacobina tem 8 agências bancárias, Senhor do Bonfim tem 6, Juazeiro tem 9 e Irecê, 7.

Para finalizar estas informações comparativas, vale a pena destacar alguns dados relacionados a finanças públicas, em 1983 e 1990, em termos de arrecadação municipal, estadual e federal. Os dados são em Cr\$ mil, para facilitar a comparação (tab. 67).

Tab. 67  
ARRECADAÇÃO MUNICIPAL, ESTADUAL, E FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DE JACOBINA E  
OUTROS MUNICÍPIOS DO SERTÃO BAIANO - 1983 / 1990

MUNICÍPIOS	VALOR DE ARRECADAÇÃO EM CR\$ MIL					
	MUNICIPAL		ESTADUAL		FUNDO DE PARTICIPAÇÃO MUNICIPAL	
	1983	1990	1983	1990	1983	1990
Irecê	2.704	7.597	308.358	178.572	7.585	122.953
Jacobina	6.586	15.025	242.550	111.659	86.291	85.269
Juazeiro	10.407	31.472	510.177	152.174	91.495	517.675
Sr. do Bonfim	1.166	7.065	230.178	84.236	54.017	183.659

FONTE: CEI - Centro de Estatística e Informações - 1993 e 1994.

Com relação à arrecadação municipal em 1983 e 1990, Juazeiro foi o mais eficiente arrecadando Cr\$ 10.407 em 1983 e Cr\$ 31.472 em 1990; logo após vem Jacobina, arrecadando Cr\$ 6.586 em 1983 e Cr\$ 15.025 em 1990. No que concerne a arrecadação de tributos estaduais foi Juazeiro quem mais recebeu, Cr\$ 510.177 e em 1990 foi Irecê, Cr\$ 178.572. Quanto ao fundo de participação quem mais recebeu foi Juazeiro Cr\$ 91.495 em 1983 e Cr\$ 517.675 em 1990. Quem menos recebeu em 1990 foi Jacobina, Cr\$ 85.269.

Diante do exposto até aqui, é Juazeiro quem apresenta os maiores indicadores, expressando de certa forma, o maior dinamismo e desenvolvimento comparativamente. Os outros três municípios apresentam fragilidade em um aspecto, e fortalecimento em outros. Mas

em termos econômicos, parece ser Irecê e depois Jacobina, os que estão em piores situações. De fato, existe uma crise em Jacobina e em sua região em termos de dimensão política, econômica e social. A falta de investimentos na agricultura - inclusive visando diversificar as culturas - e na pecuária, a fraqueza do setor secundário e também do terciário - apesar de estar evoluindo - aliados a estiagens que sempre castigam a região são importantes fatores da crise de Jacobina. Mais não é só isso. Neste contexto se insere de forma preponderante a questão política envolvendo os fatores internos da regiões e externos, como destacamos na primeira parte desta pesquisa. Portanto, o caminho para se explicar e solucionar a crise de Jacobina é , inclusive, pela via política.

A seguir buscaremos fazer uma articulação entre os capítulos anteriores, visando a finalizar esta dissertação..

### 13 - À GUIZA DE CONCLUSÃO: PODER, REGIÃO E PLANEJAMENTO

Depois das análises efetuadas anteriormente, se objetiva agora uma síntese, onde serão relacionados a Geopolítica interna com a crise regional de Jacobina. Como já foi exposto anteriormente, o exercício teórico e metodológico aqui desenvolvido visa o melhor entendimento da crise regional no período atual, mas precisamente a partir de 1989. Portanto, não foi nosso objetivo fazer análise apurada da realidade coronelista do passado. Este é um projeto para o futuro, pois irá fortalecer o entendimento da realidade política, econômica e social da referida região.

O pressuposto básico desta dissertação é que a análise das relações de poder, envolvendo os mais variados atores sociais, é uma das vias mais sólidas para o entendimento da região de Jacobina. Por que o poder, dizendo melhor, poderes? Porque é virtual, é um trunfo e pode ser encontrado nas mais minutas fissuras sociais. O poder está em todos os lugares, porque todos os lugares contém relações sociais, onde se origina o poder. Só há poder porque há relação. O poder se materializa no espaço e esta materialização é resultante das particulares relações sociais mantidas pelos atores sociais. Portanto, um dos aspectos das diferenças regionais é o modo particular das relações de poder desenvolvidas por atores sociais que também expressam valores, sentimentos e anseios particulares. Diante disso, é necessário frisar que as relações de poder como variável de análise regional é importante mas não deve ser utilizada como uma "camisa de força". Devem estar relacionadas com específicos dimensionamentos do espaço e do tempo.

Quando analisamos o processo de organização e realização do 1º Seminário de Desenvolvimento Sócio-econômico de Jacobina, as indagações levantadas buscavam entender o por que da pouca participação do público, inclusive empresarial, e também a real dimensão da crise regional. Como já afirmamos antes, o referido seminário é entendido aqui como uma

nova estratégia territorial/regional (Vainer, 1993), onde se buscou o fortalecimento horizontal da região através de medidas alternativas de desenvolvimento via valorização das potencialidades endógenas. Estas medidas ao tempo que visaram aumentar a coesão interna, também procuram melhorar e equipar o espaço para atrair o capital externo. É a dimensão vertical das novas estratégias regionais. A região precisa ser receptiva e agradável para o capital. Nestes tempos de globalização a região tem que ser do "tipo certo" porque senão fica sem poder de competitividade e tende a estagnar. Essa é a tendência do fluxo do capital do mundo (Harvey, 1992). Entendemos que o evento ocorrido em Jacobina deve ser encarado sob esta ótica, onde a região assume um valor estratégico considerável. Mas se o evento teve esta tamanha significância, por que a pouca participação da comunidade? Porque os embates envolvendo os diversos atores sociais na luta pelo poder são aguçados. Pudemos notar anteriormente que Jacobina e região estão acéfalos em termos de lideranças, o poder econômico não tem força de mobilização, há pouca preocupação para com os problemas da cidade e da região, não existem projetos claros para o desenvolvimento regional, e os atores são desarticulados. Enfim, as pesquisas de campo conseguiram mostrar que por isso não houve maior participação no seminário e nem desdobramentos relevantes dos resultados. Demonstraram também o caráter individualista das lideranças. Se os poderes político, econômico e social estão desarticulados e inoperantes, conseqüentemente os municípios também serão atingidos. Se não houve participação é porque não tinha lideranças e nem articulação entre as dimensões do poder, fato que continua até hoje. Isso reflete diretamente na situação da região. Portanto, uma das principais causas da crise regional de Jacobina está no confronto acirrado dos poderes internos e externos. E o seminário por esta ótica, foi uma tentativa de articulação entre classe e entre município, visando uma melhor participação competitiva no cenário regional. Não queremos aqui passar uma visão romântica, defendendo uma plena união entre os atores sociais. Isso não é possível, porque o indivíduo é naturalmente

diferente um do outro. Só que a região é um espaço de vivência (Fremont, 1980). É onde o homem está integrado, ambientado; é onde expressa seus desejos, aspirações e afeições. Portanto, entendemos que nos embates dos atores sociais, que são normais em qualquer sociedade, o elo de afetividade com a região deve ser bastante considerado (Tuan, 1980). Com base nas entrevistas, isso não está ocorrendo, uma vez que o comportamento das lideranças de Jacobina para com os problemas da região é muito pouco.

Neste sentido, os aguçados embates dos atores se projetam diretamente no espaço regional. A análise quantitativa do seminário mostrou que poucos foram os participantes oriundos da microrregião, o que ratifica a fraqueza do poder de mobilização, e expressa a desarticulação intermunicipal. Os municípios da região não conseguem se articular para defender os interesses comuns exatamente porque os atores são desarticulados. A polarização exercida por Jacobina sobre a sua região, nesta perspectiva, é imposta e expressa dominação e poder. Baseia-se no oferecimento de bens e serviços, mas não de idéias.

Os resultados da pesquisa de campo também exprimiram a força que o poder político e social exercem no espaço regional de Jacobina. A menor credibilidade ficou para o poder econômico. No contexto do poder social destacam-se as elites, onde se originaram a maioria dos políticos da região. É importante frisar que a crise regional, inclusive do município de Jacobina, vem ocorrendo nas administrações de indivíduos da elite local, principalmente médicos. Geralmente são oriundos das tradicionais famílias. As elites locais desempenham relevante papel na formação de opiniões e na perpetuação de valores (Daniel, 1988). Dessa forma, se a elite dominante está deixando a cidade e a região em crise, é porque os seus valores-políticos, ideológicos, culturais, etc. e suas funções de formar opinião também estão. Daí a necessidade da autocrítica, da revisão do quadro político da cidade.

Diante do exposto até aqui, podemos concluir que Jacobina está atravessando uma ampla crise: política, econômica e social, que pode ser entendida através de duas escalas:

6

uma interna e a outra externa à região. Estas duas dimensões são interrelacionadas. Em termos interno à região, um dos principais motivos é de ordem geopolítica, devido a falta de lideranças, pouca articulação entre os atores e os acirrados conflitos. Este assunto foi trabalhado na primeira parte desta pesquisa; o outro motivo é o pouco dinamismo do setor produtivo interno. Em termos externo, os motivos da crise estão atrelados a política territorial discriminatória dos Governos Federal e estadual das últimas décadas. Os investimentos na agricultura irrigada e na agroindústria não chegaram a Jacobina, e sim a Juazeiro e Irecê, particularmente a partir da década de 70. Antes disso, foi a falta de continuação da BR-324, deixando Jacobina num "fim de linha", e a implantação da BR-407, beneficiando Senhor do Bonfim e Juazeiro. Em 1974 é implantada a BA-052 - estrada do feijão - beneficiando Cafarnaum, Morro do Chapéu, Irecê, principalmente, mas prejudicando Jacobina, uma vez que fez declinar o seu poder de polarização. Depois vem a falta de investimentos para a agricultura na década de 80, que apesar de ter atingido todos os municípios, teve uma repercussão negativa expressiva em Jacobina, pois dependia muito da agricultura. Por fim, o acentuado processo de emancipação, fazendo com que Jacobina perdesse importantes distritos. Estes fatores juntos, além de reduzir o poder de influência regional, estagnaram economicamente o município de Jacobina em termos comparativos com Juazeiro, Senhor de Bonfim e Irecê. Portanto, nos dias atuais, temos motivos conjunturais vinculados a fatores externos a região e motivos internos. É preciso frisar que por trás dessas dimensões, está o aspecto político. Se Jacobina tivesse uma sólida e atuante base política, a realidade da região poderia ser bem diferente, uma vez que atrairia investimentos governamentais e privados. No entanto, as análises anteriores comprovaram exatamente o contrário.

No contexto dos motivos é importante destacar também o de ordem natural, relacionado a estiagens. Periodicamente a região é castigada pelas secas, prejudicando muito a sua economia.

Mesmo assim, Jacobina ainda é um importante centro regional intermediário, entre os portes pequeno e médio. Ainda que em crise, exerce papel importante para sua região em termos de oferecimento de bens e serviços. Cidades como Jacobina desempenham relevantes funções como "elo intermediário entre as grandes cidades, particularmente as metrópoles regionais e nacionais, e as cidades pequenas com suas zonas rurais. São lugares centrais que fornecem, portanto, bens e serviços de nível médio, em termos de mercado, para si mesmos e para sua região de influência, estabelecendo ainda contatos com centros maiores para o consumo e utilização de bens e serviços de mercado mais elevado" (Fonseca & Silva, 1993, p. 49). Dessa forma Jacobina é uma centro de intercâmbio envolvendo bens, serviços, capital, informações e movimentos populacionais. A fraqueza de Jacobina parece estar nas frágeis coordenação e planejamento dessas relações no conjunto do sistema urbano e regional.

Em termos de hierarquia funcional das cidades, Jacobina ocupa papel destacável no contexto do subsistema urbano e regional de Feira de Santana na década de 80. Era centro de 2ª ordem em termos de funções comerciais e administrativas, (Silva, Silva, Leão, 1985). Vale ressaltar que o subsistema urbano-regional de Feira de Santana, com base nos autores referidos acima, correspondia a 75 municípios.

✓ Neste sentido, é importante que Jacobina recupere as suas potencialidades endógenas e estimule novas outras que possam vir a fornecer o desenvolvimento regional. Dito isso, abordaremos no próximo item algumas propostas visando o planejamento regional, capazes de contribuir com as discussões sobre os caminhos que a cidade deve seguir neste fim de século.

#### • CRISE E PLANEJAMENTO REGIONAL

A questão do planejamento já gerou e ainda gera acalorados debates. Alguns não vêem o planejamento como medidas aptas a solucionar os problemas da região. Dessa forma o

planejamento seria uma forma de controle por parte do Estado e da classe dominante. Por trás desse controle estaria a perspectiva de gerenciamento de conflitos estabelecidos entre as regiões em crise, e as esferas de poder estadual e federal. De certa forma, a descrença pelo planejamento por parte de alguns pesquisadores tem sua razão de ser, pois a prática do planejamento regional do Brasil, tem, na sua grande parte, um caráter centralista e rígido, definindo de cima para baixo com o uso de macro teorias que muitas vezes não sintonizam com pequenos espaços. É a sociedade regional que tem de definir o seu futuro. A partir daí é que deve atuar o planejamento, pelas pequenas células, pelos microcosmos que são os municípios. Deve privilegiar as potencialidades endógenas da região, as decisões devem ser tomadas de forma descentralizada, envolvendo a participação de todos os segmentos da sociedade. O direcionamento do planejamento precisa ser eficiente e os resultados, equitativos a nível social-territorial, ou seja, todos os municípios da região devem participar e se beneficiar (Boisier, 1991). Portanto, entendemos que por este prisma, o planejamento vai além do gerenciamento de conflitos. Se bem coordenado pode ser uma via eficiente de desenvolvimento regional.

Recentemente, ao ser indagada sobre as possíveis soluções para os problemas do Brasil, a economista e deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores, Maria Conceição Tavares, respondeu o seguinte: "Sempre defendi o fortalecimento da União, mas hoje estou convencida de que ela está tão desorganizada, o país tão destruído, que, para consertarmos o que está aí, precisamos recomeçar a partir dos municípios" (Cadernos Terceiro Mundo, 1995, p. 9).

A resposta da deputada se enquadra totalmente na nossa perspectiva. O ideal agora é valorizar as potencialidades endógenas da região, no sentido de irradiar inovações de dentro para fora, permitindo maior competitividade e força de articulação com os fatores externos.

No caso de Jacobina, o diagnóstico da crise já foi feito inclusive com a exposição dos maiores pontos críticos. Foram definidas também, mesmo de forma preliminar, os setores que devem sofrer mudanças. O capítulo dois destaca isso minuciosamente. A questão agora é: como fazer?

Como já foi escrito antes, o planejamento regional deve ter como finalidade, o progresso permanente da região e da comunidade regional como um todo. Para tanto, a partir do que já foi preposto no capítulo dois, a região deve, primeiramente, com base em Boisier (1991), montar uma complexa rede de instituições e agentes de desenvolvimento articulados entre si. No caso de Jacobina, observamos que os atores sociais são extremamente desarticulados. Portanto, é necessário uma mudança de mentalidade, pois só com a força destes atores articuladamente, pode se pensar na materialização das propostas. Isso também pode viabilizar a captação de recursos financeiros e, necessariamente, a reinversão do excedente;

- ter uma crescente inclusão social objetivando a diminuição dos entraves sociais;
- buscar a sincronia inter setorial (os vários setores de atividades devem estar em sintonia para evitar danos ao sistema) e intermunicipal (os municípios da região precisam estar sincronizados em termos de decisões; e
- aguçar a consciência e ação ambientalista.

Acreditamos que dessa forma, a região de Jacobina pode superar a crise que atravessa. Mas por trás disso tudo, está a necessidade de fortalecimento da geopolítica interna, através de mudanças de mentalidades e de lideranças.

Concluindo, acreditamos que esta pesquisa alcançou os objetivos propostos. De forma geral, analisou como são tomadas as decisões na região, o que representa a luta pelo poder para superar a crise, como atuam os atores sociais e o que representou o seminário de Jacobina para os atores e a visão de Jacobina pelos próprios moradores, no contexto regional. Em termos teóricos e metodológicos o desafio foi o de articulação entre as escalas urbanas e

regionais, a partir do exercício do poder. As hipóteses levantadas também foram confirmadas. mesmo assim, esperamos que mais pesquisas sejam estimuladas, com o intuito de enriquecer o acervo sobre a realidade Jacobinense.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

### - LIVROS, PERIÓDICOS, RELATÓRIOS, ETC

- ALMEIDA, R. B. Traços da história econômica da Bahia no último século e meio. *Planejamento*, Salvador, n. 5, p. 19-45, out./dez. 1977.
- A TARDE. Salvador, 11 dez. 1991.
- \_\_\_\_\_. Salvador: 12 dez. 1991.
- \_\_\_\_\_. Salvador: 17 dez. 1991.
- AZEVEDO, P. O. Jacobina e a Chapada Diamantina. In: BRANDÃO, M. A. & CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). *Jacobina: passado e futuro*. Jacobina: ACIJA, 1993. p. 39-43.
- BAHIA. Secretaria do Saneamento e Desenvolvimento Urbano, Companhia Estadual de Desenvolvimento Urbano. *Plano urbanístico básico da cidade de Jacobina*. Salvador: 1978, v. 1 e 2.
- BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. *IPAC - Inventário de Proteção do Acervo Cultural: monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina*. Salvador: 1980, v. 4.
- BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia, Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador. *Pesquisa de lideranças: relatório dos resultados*. Salvador: 1986.
- BEAUJEAU-GARNIER, J. *Geografia urbana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- BECKER, B., EGLER, C. A. G. *Brasil: uma potência regional na economia-mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BECKER, B. A Geografia e o resgate da Geopolítica. *Revista Brasileira de Geografia*, número especial, Rio de Janeiro, v. 50, t. 2, p. 99-115, 1988.

- BOBBIO, N., MATTEUCCI, I. N., PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. 2. ed. Brasília: UNB, 1986.
- BOISIER, S. *El difícil arte de hacer region: el proyecto de desarrollo de la región del Biobio en Chile*. Lago Caburgua: 1991. 79 p. (Mimeogr.).
- BOUDEVILLE, J. *Os espaços econômicos*. Coimbra: Difusão Europeia do Livro, 1973.
- BRADFORD, M. G., KENT, W. A. *Geografia Humana: teorias e suas aplicações*. Lisboa: Gradiva, 1987.
- BRANDÃO, M., CARDOSO, S. A. M. *Jacobina: passado e futuro*. Jacobina: ACLJA, 1993.
- BRITTO, L. N. *Política e espaço regional*. São Paulo: Nobel, 1986.
- CARNOY, M. *Estado e teoria política*. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1990.
- CARVALHO, I. M. M. *O Nordeste e o regime autoritário*. São Paulo: HUCITEC / SUDENE, 1987.
- CASTRO, I. E. Visibilidade da região e do regionalismo: a escala brasileira em questão. In: LAVINAS, L. et al. (Orgs.). *Integração, região e regionalismo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 155-170
- \_\_\_\_\_. Problemas e alternativas metodológicas para a região e para o lugar. In: SOUZA, M. A. et al. (Orgs.). *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: HUCITEC / ANPUR, 1993. p. 56-65.
- \_\_\_\_\_. *O mito da necessidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- CERON, A. O. Classificações espaciais e regionalização. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 7, n. 14, p. 9-45, 1977.

- CLAVAL, P. *Espaço e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- CORRÊA, R. L. Região: globalização, pluralidade e persistência conceitual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5, 1994, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Associação de Geógrafos Brasileiros, 1994, 614p., p. 215-226.
- \_\_\_\_\_. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ática, 1986.
- COSTA, A. Minha terra: Jacobina de antes e de agora. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 1916, Salvador. *Anais...* Salvador: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1918. v.2.
- \_\_\_\_\_. de como nasceu, se organizou e vive a minha cidade. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL, 1949, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1951. v. 9.
- COSTA, A. História de Jacobina. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1952.
- COSTA, R. H. *RS: latifúndio e identidade regional*. São Paulo: Mercado Aberto, 1988.
- COSTA, W. M. *Geografia Política e Geopolítica*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1992.
- DANIEL, C. Poder local no Brasil urbano. *Espaço & Debates*, São Paulo, Cortez, v. 8, n. 24, p. 26-39, 1988.
- DAVIDOVICH, F. Poder local e município: algumas considerações. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 27, p. 6-14, 1993.
- DICKINSON, R. E. *Ciudad, región y regionalismo*. Barcelona: Omega, 1961.
- DINIZ, J. A. F. *O subsistema urbano-regional de Crato/Juazeiro do Norte*. Recife: SUDENE/DPG/PSU / SRE, 1989.

- \_\_\_\_\_. *O subsistema urbano-regional de Aracaju*. Recife: SUDENE/PSU/SRE, 1987.
- \_\_\_\_\_. , DUARTE, A. C. *A região cacauzeira da Bahia*. Recife: SUDENE/CPR, 1983.
- DUARTE, A. C. Regionalização - considerações metodológicas. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 10, n. 20, p. 5-32, 1980.
- FERREIRA, G. P. *Diretrizes para normalização de dissertações acadêmicas*. Salvador: UFBA, 1993.
- FISCHER, T. Poder local: um tema em análise. In: FISCHER, T (Org.). *Poder local, governo e cidadania*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993. p. 10-20.
- FONSECA, A. A. M., SILVA, S. C. B. M. A produção do subúrbio ferroviário de Salvador. *Veracidade*, Salvador, v. 2, dez. p. 67-80, 1992.
- \_\_\_\_\_. Jacobina: alguns dados sobre a cidade e sua região. In: BRANDÃO, M. A., CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). *Jacobina: passado e futuro*. Jacobina: ACIJA, 1993. p. 45-58.
- FREMONT, A. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GEORGE, P. *Geografia urbana*. São Paulo: Difel, 1983.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Jacobina*. Rio de Janeiro, 1958. v. 20, p. 349-354.
- LÉDA, R. L. M. Regionalismo e territorialidade na Chapada Diamantina: uma leitura geográfica do coronelismo. *Con(s)ciência, Vitória da Conquista*, v. 3, n. 4, p. 65-93, 1993.
- LEITE, M. A. F. P. *Destruição ou desconstrução?* São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1994.

- LEMOS, D. A. *Jacobina*. Jacobina: 1994. 21p. (Mimeogr.).
- LIPIETZ, A. *O capital e seu espaço*. São Paulo: Nobel, 1988.
- MANESCHY, O. Prefeituras articulam defesa das rendas municipais. *Cadernos do Terceiro Mundo*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 186, p. 9-11, jun. 1995.
- MARKUSEN, A. Região e regionalismo: um enfoque marxista. *Espaço & Debates*, São Paulo, Cortez, v. 1, n. 2, p. 61-99, mai. 1981.
- MARTIN, A. R. Novas regiões, velhos regionalismos? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5, 1994, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1994, 614p. p. 227-232.
- MORAES, W. *Jagunços e heróis: a civilização do diamante nas lavras da Bahia*. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicação, 1984.
- OLIVEIRA, F. *Elegia para uma re(li)gião*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PACHECO, R. S. Iniciativa econômica local: a experiência do ABC. In: LODOVIC, E. S., BERNAREGGI, G. R. (Orgs). *Parceria público-privado: cooperação financeira e organizacional entre o setor privado e a administrações públicas locais*. São Paulo: Simmus, 1992. p. 221-236.
- PENNA, M. *O que faz ser nordestino*. São Paulo: Cortez, 1992.
- PRIMEIRA PÁGINA. Jacobina: 21 out. 1994.
- \_\_\_\_\_. Jacobina: 28 out. 1994.
- \_\_\_\_\_. Jacobina: 04 nov. 1994.
- \_\_\_\_\_. Jacobina: 11 nov. 1994.

\_\_\_\_\_. Jacobina: 18 nov. 1994.

\_\_\_\_\_. Jacobina: 25 nov. 1994.

PROSÉRPPIO, R. A Bahia no final do século. *Análise & Dados*, Salvador, Centro de Estatística e Informações, v. 4, n. 2/3, dez. p. 7-13, 1994.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

ROTARY CLUB DE JACOBINA. *Jacobina: S.O.S água*. Jacobina: 1991. 16 p. (Mimeogr.).

SAMPAIO, T. *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M. et al. (orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC / ANPUR, 1994. p. 15-20.

\_\_\_\_\_. et al. (Orgs.). *O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. São Paulo: HUCITEC / ANPUR, 1993.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado*. São paulo: HUCITEC, 1988.

\_\_\_\_\_. Zonas de influência comercial no Estado da Bahia. In: TRICART, J. et al. (Orgs.). *Estudos de Geografia da Bahia*. Salvador: Universidade da Bahia, 1958. p. 27-50.

SILVA, B. C. N., SILVA, S. C. B. M. *Cidade e região no Estado da Bahia*. Salvador: UFBA, 1991.

\_\_\_\_\_. A Bahia urbana no limiar do século XXI: novas projeções. *Análise & Dados*, Salvador, v. 3, n. 1, jun. p. 49-56, 1993.

\_\_\_\_\_. LEÃO, S. O. *Urbanização e metropolização no Estado da Bahia: evolução e dinâmica*. Salvador: UFBA, 1989.

\_\_\_\_\_. *O subsistema urbano-regional de Ilhéus-Itabuna*. Recife: SUDENE/CPR, 1987.

\_\_\_\_\_. *O subsistema urbano-regional de Feira de Santana*. Recife: SUDENE/CPR, 1985.

SILVA, S. C. B. M. Teorias de localização e de desenvolvimento regional. *Geografia*, Rio Claro, v. 1, n. 2, out., p. 1-23, 1976.

SILVEIRA, R. M. G. *O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984.

TEIXEIRA, C. Oligarquias na política baiana. In: LINS, W. *Coronéis e Oligarquias*. Salvador: UFBA/Ianamá, 1988.

TEIXEIRA, E. Ações coletivas e poder local: um mapeamento. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 154, set./dez. p. 22-43, 1994.

TUAN, YI-FU. *Espaço & lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

VAINER, C. B. Regionalismo e projeto nacional: uma reflexão sobre regionalismos velhos e novos. *Cadernos IPPUT/UERJ*, Rio de Janeiro, v.7, n. 2, p. 21-34, 1993.

VILHENA, L. S. Jacobina. In: *A Bahia do Século XVIII*. Salvador: Itapuã, 1969. v. 3.

#### - DOCUMENTAÇÃO ESTATÍSTICA

CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES (BA). *Informações básicas dos municípios baianos: Baixo Médio São Francisco*. Salvador: n. 3, 1993.

\_\_\_\_\_. *Informações básicas dos municípios baianos: Irecê*. Salvador: v. 1, n. 9, 1994.

\_\_\_\_\_. *Informações básicas dos municípios baianos: Paraguaçu*. Salvador: n. 14, 1994.

\_\_\_\_\_. *Informações básicas dos municípios baianos: Piemonte da Diamantina*. Salvador: v. 2, n. 12, 1994.

IBGE. *Censos Demográficos - Bahia*, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991.

\_\_\_\_\_. *Censos Agropecuários - Bahia*, 1985.

\_\_\_\_\_. *Censos Econômicos - Região Nordeste*, 1985.

#### - DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

BAHIA. Centro de Estatística e Informações. *Divisão político-administrativa do Estado da Bahia*. Salvador: Esc. 1: 2.000.000, 1993.

BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia. *Atlas do Estado da Bahia*. Salvador: 1976.

PERNAMBUCO. Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. *Folha Topográfica de Caldeirão Grande*. Recife: 1975, Esc. 1: 100.000.

\_\_\_\_\_. *Folha Topográfica de Jacobina*. Recife: 1975, Esc. 1: 100.000.

**ANEXOS**

ENTREVISTA COM AS LIDERANÇAS EM TORNO DA CRISE  
REGIONAL DE JACOBINA

Entrevistador:

Ass:

Data:

Dia da semana:

Hora:

Município:

I - PERFIL DAS LIDERANÇAS

Dados sobre o entrevistado:

a) Nome: ..... b) Idade: .....

c) Sexo: [ ] M [ ] F

d) Endereço: .....  
..... Fone: .....

f) Estado civil:

[ ] casado

[ ] solteiro

[ ] viúvo

[ ] separado

[ ] amasiado

[ ] outros

g) Escolaridade:

[ ] analfabeto

[ ] alfabetizado

[ ] primário completo

[ ] ginásio completo

[ ] secundário/técnico completo

nome do curso: .....

[ ] superior completo

nome do curso: .....

[ ] primário incompleto

[ ] ginásio incompleto

[ ] secundário/técnico incompleto

[ ] superior incompleto

h) Local de nascimento (distrito/município/estado/pais)

.....

i) Qual(is) a(s) sua(s) ocupação(ões) atual(ais)?

.....

## II - ARTICULAÇÃO DAS LIDERANÇAS

a) Entre os tipos de lideranças listadas abaixo, indique cinco que mais influenciam no município e na região:

Lideranças	mais influentes no município	mais influente na região
Político-eleitorais		
Empresariais		
Sindicais		
Religiosas		
Militares		
Esportivas		
Imprensa		
Educacionais		
Culturais		
Judiciárias		
Técnicas		
Associações comunitárias		
Produtores rurais		
Médicos		

- b) Qual o nível de interesse dessas lideranças para com os problemas do município?  
 grande  médio  pequeno  nenhum  não sabe
- c) Qual o nível de interesse dessas lideranças para com os problemas da região?  
 grande  médio  pequeno  nenhum  não sabe
- d) Cite três lideranças que mais lutam em prol do município.  
 .....
- e) Cite três lideranças que mais lutam em prol da região.  
 .....
- f) Qual o nível de articulação das lideranças em prol dos interesses do município?  
 grande  médio  pequeno  nenhum  não sabe
- g) Qual o nível de articulação das lideranças em prol dos interesses do região?  
 grande  médio  pequeno  nenhum  não sabe
- h) Qual o nível de articulação entre o Governo Local e o Governo Estadual?  
 grande  médio  pequeno  nenhum  não sabe
- i) Qual o nível de articulação entre o Governo Local e o Governo Federal?  
 grande  médio  pequeno  nenhum  não sabe
- j) O nível de articulação entre os Governos local, Estadual e Federal tem interferido no desenvolvimento do município e da região?  
 sim  não  não sabe

k) No atendimento das necessidades do município, que nível de interesse é demonstrado pelo governo?

Instância de Governo	Níveis de interesse				
	grande	médio	pequeno	nenhum	não sabe
Municipal					
Estadual					
Federal					

### III - COM RELAÇÃO A LIDERANÇA ENTREVISTADA

a) Qual o seu partido político?

.....

b) Em quem votou nas últimas eleições para:

1 - Presidente .....

2 - Senador .....

3 - Deputado Estadual .....

4 - Deputado Federal .....

### IV - COM RELAÇÃO AO SEMINÁRIO

a) O Sr. teve conhecimento do seminário de desenvolvimento sócio-econômico de Jacobina e região ocorrido em Jacobina no final de 1991?

sim  não

b) O Sr. recebeu convite para participar do seminário?

sim  não

c) O Sr. participou do evento?

sim  não

d) O que achou do evento?

ótimo  bom  regular  ruim  não sabe

e) Por que não tiveram muitos participantes?

.....  
.....  
.....

V - CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E DA REGIÃO

- a) Como o Sr. vê o desempenho da sua cidade quanto ao oferecimento de serviços básicos para os habitantes?  
 ótimo  bom  regular  ruim  não tem opinião
- b) Como o Sr. vê o desenvolvimento da sua cidade com relação a outras da região?  
 ótimo  bom  regular  ruim  não tem opinião  
por quê? .....  
.....  
.....
- c) Qual o nível de importância de Jacobina para o seu município?  
 ótimo  bom  regular  ruim  não tem opinião  
por quê? .....  
.....  
.....
- d) Quais as maiores dependência da sua cidade com relação a Jacobina?  
 comércio  assistência médica  serviços bancários  
 educação  lazer  e outros
- e) O seu município está vivendo uma crise?  
 sim  não  não tem opinião
- f) Qual a crise?  
 política  econômica  cultural  social  outras
- g) Qual o nível de aproveitamento dos recursos econômicos do seu município?  
 ótimo  bom  regular  ruim  não tem opinião
- h) Existe falta de recursos econômicos para o município?  
 sim  não  não tem opinião
- i) Como o Sr. vê o desenvolvimento da região de Jacobina com relação a outras cidades do Estado da Bahia?  
 ótimo  bom  regular  ruim  não tem opinião